

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SABRINA FIORESE

**INFÂNCIA E CIDADE: UMA ANÁLISE DAS REDES DE INTERDEPENDÊNCIA DE  
CRIANÇAS NOS ESPAÇOS INSTITUCIONAIS E DO BAIRRO TATUQUARA NA  
CIDADE DE CURITIBA**

CURITIBA

2018

SABRINA FIORESE

**INFÂNCIA E CIDADE: UMA ANÁLISE DAS REDES DE INTERDEPENDÊNCIA DE  
CRIANÇAS NOS ESPAÇOS INSTITUCIONAIS E DO BAIRRO TATUQUARA NA  
CIDADE DE CURITIBA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de Concentração Educação: Diversidade, Diferença e Desigualdade Social, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná – UFPR, como parte das exigências para obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Valéria M. Rohrich Ferreira.

CURITIBA

2018

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de  
Bibliotecas/UFPR-Biblioteca de Ciências Humanas  
Maria Teresa Alves Gonzati, CRB 9/1584  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Fiorese, Sabrina.

Infância e cidade : uma análise das redes de interdependência de  
crianças nos espaços institucionais e do bairro Tatuquara na cidade  
de Curitiba / Sabrina Fiorese. – Curitiba, 2018.

172 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor  
de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora : Profª Drª Valéria Milena Rohrich Ferreira

1. Educação – Curitiba (PR). 2. Educação – Aspectos sociais. 3.  
Escolas – Aspectos sociais – Brasil. I. Título. II. Universidade  
Federal do Paraná.

CDD 370



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO

## TERMO DE APROVAÇÃO

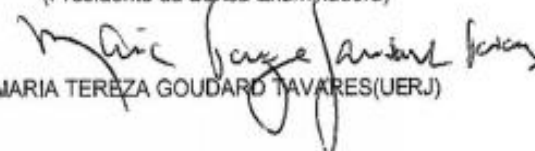
Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **SABRINA FIORESE**, intitulada: **INFÂNCIA E CIDADE: UMA ANÁLISE DAS REDES DE INTERDEPENDÊNCIA DE CRIANÇAS NOS ESPAÇOS INSTITUCIONAIS E DO BAIRRO TATUQUARA NA CIDADE DE CURITIBA**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 19 de Março de 2018.

  
VALERIA MILENA BOHRICH FERREIRA(UFPR)  
(Presidente da Banca Examinadora)

  
ÂNGELA MARIA SCALABRIN COUTINHO(UFPR)

  
MARIA TEREZA GOUDARD TAVARES(UERJ)

*Dedico este trabalho a todas as pessoas que me apoiaram e me incentivaram no decorrer dessa caminhada, assim como minha família, amigos e professores.*

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer à professora Valéria Milena que me auxiliou imensamente na construção dessa pesquisa. Ela que me acompanha desde a graduação em Pedagogia e me ensina sempre ir além, indicando novos autores, conversando sobre os dados das pesquisas, ajudando nas dificuldades encontradas durante o percurso e colaborando para o meu crescimento profissional, pessoal e acadêmico. Também agradeço a todos os integrantes do nosso grupo de estudos, em especial a Sônia, que foi comigo a campo e me ajudou a problematizar alguns espaços do bairro Tatuquara.

Agradeço também aos meus colegas e professores da linha de “Educação: Diversidade, Diferença e Desigualdade Social”, que, com suas pesquisas e discussões em sala, contribuíram muito para meu amadurecimento enquanto pesquisadora.

Tenho muito a agradecer à minha família, meus pais Dirceu e Jaqueline, que me ensinaram a importância da dedicação, da responsabilidade, da empatia e da honestidade, valores estes que me auxiliaram a estar aqui hoje. Agradeço ao meu irmão John, pedagogo, colega de mestrado, que me ensinou muito sobre educação e que sempre me apoiou e me incentivou em todas as minhas decisões. Agradeço à minha irmã Valquíria, quase pedagoga, e que me inspira em muitas de suas ações, sendo ela muito dedicada e companheira. Agradeço à Natália, também minha irmã, futura educadora física, por todo o carinho e amizade e por todos os momentos bons que me proporciona.

Agradeço às professoras Ângela, Maria Tereza e Valéria Floriano, que deixaram suas sugestões, durante a qualificação, quanto à forma e ao conteúdo da dissertação, contribuindo também com sugestões bibliográficas que me ajudaram muito a repensar os dados obtidos.

Devo os meus agradecimentos à Prefeitura Municipal de Curitiba por ter dado a oportunidade de pesquisar crianças de uma escola da rede. Agradeço também à escola pesquisada, gestores, professores, famílias de alunos e crianças, que permitiram a entrega dos questionários e as conversas realizadas, as quais foram fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Agradeço ao Diego por todo o carinho e compreensão.

À todos os meus amigos que estiveram presentes nesta trajetória.

À CAPES por ter me concedido a bolsa, sendo ela fundamental para que pudesse me dedicar integralmente à pesquisa.

Por fim, agradeço ao meu Deus pela minha vida e por tudo o que tenho e sou.

*[...] cada pessoa singular está realmente presa; está por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que as prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e a nada mais, que chamamos “sociedade” (ELIAS, 1994, p. 21).*



## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar como as crianças se socializam em espaços institucionais e do bairro, verificando como esses espaços, e a própria atuação das crianças, colaboram na construção de suas redes de interdependência. Para essa análise foram necessários alguns referenciais teóricos que contribuíram ao longo de todo o trabalho, sendo eles: A Sociologia (Elias), Sociologia da Infância (Sarmiento, Qvortrup e outros) e a Sociologia Urbana (Castells, Simmel, Oliveira e outros). A metodologia utilizada teve caráter qualitativo, por meio de análises de documentos e referenciais teóricos sobre a cidade de Curitiba e o bairro Tatuquara, 57 questionários respondidos por famílias de crianças moradoras da região, conversas com os agentes institucionais e conversa com as próprias crianças, no sentido de verificar como se posicionavam e os significados dados aos espaços que utilizavam. Dessa forma, verificou-se a existência de uma pluralidade de lugares utilizados por algumas crianças, sendo que muitos desses lugares apresentavam valores e práticas contraditórias. Os resultados obtidos evidenciaram que justamente as crianças que tinham a possibilidade de vivenciar os espaços do bairro ou realizavam atividades em diferentes instituições, muitas delas dissonantes, mostravam uma visão mais crítica com relação aos espaços e as questões sociais. Já as crianças que apresentavam menor mobilidade no bairro e na cidade e práticas em instituições muito consonantes, se posicionavam menos frente a essas questões. Em outras palavras, o acesso a uma diversidade maior de atividades e passeios pelos espaços do bairro proporcionam que a criança tenha mais lugares para atuar e se posicionar frente as questões sociais. Por último, todas as crianças da pesquisa agem, burlam e alteram os espaços institucionais, do bairro e da cidade, demonstrando redes de interdependência únicas e criativas.

Palavras-chave: Infância. Bairro. Cidade. Instituições. Redes de Interdependência.

## **ABSTRACT**

This research aims at analyzing how children socialize in institutional spaces and in the neighborhood. It verifies how these spaces and children's own acts collaborate in their web of interdependencies construction. The theoretical framework that was necessary to create this analysis is composed by the sociology (Elias), the sociology of childhood (Sarmiento, Qvortrup and others) and the urban sociology (Castells, Simmel, Oliveira and others). The methodology that was used had a qualitative nature. It was done through the analysis of documents and theoretical framework about the city of Curitiba and the neighborhood called Tatuquara. Also, 57 questionnaires were answered by families of children who live in the region, and conversations with the institutional agents and the children themselves were done. The conversations with children themselves were done to verify how their positionings were as well as which meanings were given to the spaces they used. In this way, the existence of a plurality of places used by some children was verified, and many of these places presented contradictory values and practices. The results that were obtained demonstrated that the very children who both had the possibility of living the neighborhood spaces and did activities in different institutions (some of these activities being dissonant) showed a more critic view concerning spaces and social issues. However, the children who presented limited mobility both in the neighborhood and in the city as well as practices in too consonant institutions, had fewer positionings regarding the same issues. In other words, the access to a wider range of activities and strolls through the neighborhood spaces provide more situations in which children can act and establish positionings on social issues. Finally, all children researched act, outwit and change both the institutional and the neighborhood and city spaces, demonstrating webs of interdependencies that are unique and creative.

**Keywords:** Childhood. Neighborhood. City. Institutions. webs of interdependencies.

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – ESPAÇOS VISITADOS COM A ESCOLA.....	68
GRÁFICO 2 – RENDA MÉDIA POR MORADIA NAS REGIONAIS DE CURITIBA..	72
GRÁFICO 3 – NÚMERO DE HOMICÍDIOS E OCORRÊNCIAS GERAIS EM CURITIBA E TATUQUARA.....	75

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 – MUSEU OSCAR NIEMEYER.....	66
FOTOGRAFIA 2 – PARQUE TANGUÁ.....	66
FOTOGRAFIA 3 – JARDIM BOTÂNICO.....	66
FOTOGRAFIA 4 – FOTO PANORÂMICA DE PARTE DA CIDADE.....	66
FOTOGRAFIA 5 – PLANTIO DE MILHO EM UM QUINTAL NO BAIRRO TATUQUARA.....	73
FOTOGRAFIA 6 – HORTAS COMUNITÁRIAS NO BAIRRO TATUQUARA.....	74
FOTOGRAFIA 7 – BOSQUE DO BAIRRO.....	76
FOTOGRAFIA 8 – JARDINETE LOCALIZADA NA REGIÃO DO BAIRRO PESQUISADA.....	77
FOTOGRAFIA 9 – PRAÇA PRÓXIMA DA ESCOLA.....	77
FOTOGRAFIA 10 – PRAÇA COM PISTA DE SKATE PRÓXIMA DA ESCOLA.....	78
FOTOGRAFIA 11 – EIXO DE ANIMAÇÃO.....	78

## **LISTA DE MAPAS**

MAPA 1 – DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO NEGRA EM RELAÇÃO AO MUNICÍPIO, SEGUNDO BAIROS AGREGADOS.....	61
MAPA 2 – DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA SEM CAPACIDADE DE ESCRITA, SEGUNDO O MUNICÍPIO.....	62
MAPA 3 – DIVISÕES DAS REGIONAIS.....	70

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	53
QUADRO 2 – ENTREVISTAS COM AGENTES INSTITUCIONAIS.....	56
QUADRO 3 – FREQUÊNCIA EM ESPAÇOS DO BAIRRO.....	79
QUADRO 4 – OBJETIVOS FORMAIS DAS INSTITUIÇÕES.....	91

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 – HABITANTES DOS BAIRRO DA REGIONAL TATUQUARA.....	71
-------------------------------------------------------------	----

## **LISTA DE SIGLAS**

CIC – Cidade Industrial de Curitiba

CMEI – Centro Municipal de Educação Infantil

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba

ONGs – Organizações não Governamentais

UFPR – Universidade Federal do Paraná



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>2</b>	<b>SOCIEDADE, INFÂNCIA E CIDADE: UMA ANÁLISE TEÓRICA .....</b>	<b>23</b>
2.1	RELAÇÃO ENTRE SOCIEDADE E INDIVÍDUO PARA ELIAS.....	23
2.2	INFÂNCIA E INSTITUIÇÕES: ANÁLISE A PARTIR DOS PRESSUPOSTOS DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA.....	27
2.2.1	Infância e criança: conceitos e perspectivas .....	27
2.2.2	A criança e as instituições .....	37
2.3	A CIDADE, O ESPAÇO E O BAIRRO: DISCUSSÕES E CONCEITOS .....	42
<b>3</b>	<b>CONTEXTUALIZANDO O CAMPO: METODOLOGIA UTILIZADA E ESPAÇO PESQUISADO .....</b>	<b>50</b>
3.1	EM BUSCA DA COMPREENSÃO DAS REDES DE INTERDEPENDÊNCIA DAS CRIANÇAS PESQUISADAS .....	51
3.1.1	Conhecendo o campo de pesquisa .....	53
3.1.2	Entrevistas com os agentes institucionais .....	55
3.1.3	Procedimentos metodológicos com as crianças pesquisadas.....	57
3.2	ANÁLISES SOBRE A CIDADE DE CURITIBA .....	59
3.3	A REGIONAL E O BAIRRO TATUQUARA.....	70
3.4	O ENTORNO DA ESCOLA: CARACTERIZANDO O ESPAÇO, A COMUNIDADE E AS INSTITUIÇÕES.....	80
3.4.1	As instituições presentes na região .....	82
<b>4</b>	<b>AS REDES DE INTERDEPENDÊNCIA DAS CRIANÇAS .....</b>	<b>93</b>
4.1	JÚLIO – 4º ANO .....	94
4.1.1	Espaços da cidade e do bairro .....	95
4.1.2	Instituições frequentadas.....	97
4.1.3	Posicionamentos .....	99
4.2	BIANCA – 4º ano.....	101
4.2.1	Espaços da cidade e do bairro .....	102
4.2.2	Instituições frequentadas.....	103
4.2.3	Posicionamentos .....	105
4.3	BÁRBARA - 2º ANO .....	107
4.3.1	Espaços da cidade e do bairro .....	108
4.3.2	Instituições frequentadas.....	109
4.3.3	Posicionamentos .....	110

4.4	IGOR – 2º ano .....	112
4.4.1	Espaços da cidade e do bairro .....	113
4.4.2	Instituições frequentadas.....	114
4.4.3	Posicionamentos .....	115
4.5	DAIANE – 5º ano.....	117
4.5.1	Espaços da cidade e do bairro .....	118
4.5.2	Instituições frequentadas.....	119
4.5.3	Posicionamentos .....	121
4.6	CAMILA – 5º ano.....	123
4.6.1	Espaços da cidade e do bairro .....	124
4.6.2	Instituições frequentadas.....	126
4.6.3	Posicionamentos .....	127
4.7	PEDRO – 5º ano .....	129
4.7.1	Espaços do bairro e cidade .....	130
4.7.2	Instituições frequentadas.....	131
4.7.3	Posicionamentos .....	133
4.8	HENRIQUE - 4º ANO .....	135
4.8.1	Espaços da cidade e do bairro .....	135
4.8.2	Instituições frequentadas.....	137
4.8.3	Posicionamentos .....	138
4.9	LUANA – 2º ANO .....	139
4.9.1	Espaços da cidade e do bairro .....	140
4.9.2	Instituições frequentadas.....	141
4.9.3	Posicionamentos .....	143
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>145</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>151</b>
	<b>APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIOS ENTREGUES PARA AS FAMÍLIAS PESQUISADAS.....</b>	<b>156</b>
	<b>APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA OS AGENTES INSTITUCIONAIS .....</b>	<b>160</b>
	<b>APÊNDICE 3 – IMPRESSÕES SOBRE À INSTITUIÇÃO: ASSOCIAÇÃO DE PROTEÇÃO À INFANCIA VOVO VITORINO .....</b>	<b>161</b>
	<b>APÊNDICE 4 – IMPRESSÕES SOBRE À INSTITUIÇÃO: BRINQUEDOTECA. ....</b>	<b>162</b>

<b>APÊNDICE 5 – IMPRESSÕES SOBRE À INSTITUIÇÃO: PROJETO ABRINDO CAMINHOS.....</b>	<b>163</b>
<b>APÊNDICE 6 – IMPRESSÕES SOBRE À INSTITUIÇÃO: CATEQUESE - IGREJA CATÓLICA.....</b>	<b>164</b>
<b>APÊNDICE 7 – IMPRESSÕES SOBRE À INSTITUIÇÃO: ESCOLA SABATINA - IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA.....</b>	<b>165</b>
<b>APÊNDICE 8 – IMPRESSÕES SOBRE O CONTRATURNO DA ESCOLA.....</b>	<b>166</b>
<b>APÊNDICE 9 – IMPRESSÕES SOBRE AS ATIVIDADES DE: TAEKWONDO – ACADEMIA .....</b>	<b>167</b>
<b>APÊNDICE 10 – IMPRESSÕES SOBRE À INSTITUIÇÃO: CLUBE DA GENTE.....</b>	<b>168</b>
<b>APÊNDICE 11 – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA AS CONVERSAS COM CRIANÇAS .....</b>	<b>169</b>
<b>ANEXO 1- BAIRROS AGREGADOS DE CURITIBA.....</b>	<b>170</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa buscou analisar a apropriação e o uso dos espaços do bairro, cidade e espaços institucionais por crianças que habitam em um bairro de periferia da cidade de Curitiba, verificando se esses espaços podem influenciar e alterar suas formas de agir e pensar, suas perspectivas e posicionamentos sobre aspectos sociais. A pesquisa realizada se propôs a dialogar com dois campos teóricos, sendo eles: 1) a Sociologia da Infância, que colabora no sentido de compreender a criança como ator social, que não apenas reproduz as práticas dos adultos, mas age dando novos significados a elas; 2) e as Ciências Sociais, com ênfase nas discussões de Norbert Elias, sobre redes de interdependência e configuração social, que considera que o indivíduo atua modificando suas redes de interdependência, ao passo que essas redes também atuam na construção da subjetividade desse indivíduo.

O desejo por estudar a infância e os espaços da cidade surgiu de minha trajetória enquanto graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Paraná (UFPR), o que possibilitou a minha participação em projetos que visavam atender e estudar escolas localizadas em bairros de maior vulnerabilidade social. Um dos projetos que participei, intitulado “Vivendo a infância na cidade: tensões e contradições nas redes de interdependência de crianças que se socializam em configurações urbanas do século XXI” buscava analisar a socialização das crianças em bairros dentro de nove<sup>1</sup> regionais da cidade de Curitiba, o que contribuiu para meu interesse em estudar a infância nos bairros de periferia.

A pesquisa mencionada<sup>2</sup> coletou dados quantitativos (por meio de 1600 questionários entregues aos familiares das crianças) e qualitativos (por meio de conversas com 36 crianças). Os dados demonstraram que os bairros centrais e ao norte apresentavam em suas proximidades uma oferta de espaços públicos de lazer

---

<sup>1</sup> Essa pesquisa foi realizada nos anos de 2014 a 2015 e durante esse período as regionais administrativas da cidade de Curitiba eram nove. Atualmente as regionais são divididas em dez, sendo incluída a Regional Tatuquara, esta que anteriormente estava agrupada na Regional Pinheirinho.

<sup>2</sup> Durante essa pesquisa, participei juntamente com os demais integrantes do grupo, na ida às escolas para entrega dos questionários, conversas com as crianças e encaminhamentos em sala para que as crianças construíssem desenhos. Além disso, colaborei na tabulação dos dados dos questionários em planilha do Excel, transcrição de entrevistas e participei dos momentos de discussão sobre assuntos inerentes à infância e cidade.

e cultura muito maior do que os bairros do sul. Evidenciou-se ainda que, em cada bairro pesquisado, existiam regiões mais privilegiadas e outras vulneráveis. Crianças, portanto, moradoras do sul ou extremo sul da cidade e moradoras de regiões vulneráveis dentro dos bairros, apresentaram socializações com mobilidade espacial reduzida e pouca frequência aos espaços públicos de lazer e cultura (como museus, teatro, parques, cinemas etc) valorizados e divulgados pelas mídias<sup>3</sup>.

A partir disso, foi possível verificar que o bairro Tatuquara, localizado no extremo sul da cidade de Curitiba, além de se encontrar distante dos diversos espaços de lazer e cultura mais prestigiados e reconhecidos na cidade, apresentava uma das maiores ofertas de instituições destinadas às crianças, como por exemplo: Organizações Não Governamentais (ONGs), igrejas, projetos ofertados por políticas públicas em locais como Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), Clube da Gente e atividades de Contraturno da escola<sup>4</sup>.

Nessa dissertação, busca-se analisar, portanto, quais as possibilidades do uso do tempo e do espaço, fora do horário escolar, por parte de crianças do bairro Tatuquara, nestes espaços acima descritos. Considera-se que ao dar visibilidade a uma região de periferia, é possível desenvolver uma maior compreensão sobre como as crianças moradoras do local vivem e interagem com o bairro, sendo possível problematizar aspectos sociais, como segurança, espaços de lazer e cultura, entre outros aspectos que entram no âmbito político, econômico e social.

Nesse sentido, considera-se de extrema importância compreender, com base em conversas com crianças, o quanto atribuem significados distintos a cada espaço e situação que vivenciam. Estes significados não são produzidos somente pelos adultos, mas sim pelas crianças juntamente com os adultos e com seus pares, colaborando para a construção de suas subjetividades. Essas relações existentes entre tais sujeitos possibilitam a transmissão e ampliação da cultura, que na perspectiva de Hall (1997) está associada a um conjunto de significados partilhados.

---

<sup>3</sup> A pesquisa evidenciou o uso, por parte das crianças, de espaços reconhecidos e valorizados pelas mídias, como museus, teatros, cinema, praças, parques etc. e, por outro lado, observou micro-espaços, bem específicos de cada comunidade e grupo de crianças, como o estacionamento do mercadinho onde se brincava de skate, a rua onde se andava de carrinho de rolimã etc.

<sup>4</sup> No CRAS são ofertadas algumas atividades de assistência social, voltadas para a relação familiar. O Clube da Gente é um espaço que oferece aos moradores dos bairros atividades esportivas e cursos diversos, porém nem sempre é de acesso à toda população. O Contraturno da escola oferece atividades voltadas para a ampliação de conhecimentos escolares e culturais.

Esses significados são compartilhados por meio da linguagem, ou seja, pela ação comunicativa entre os sujeitos. Para o autor “a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas” (1997, p.10).

Dessa forma, tudo o que as pessoas dizem ou pensam e o uso que fazem do que lhes foi transmitido culturalmente, é o significado que dão aos acontecimentos. Os significados construídos culturalmente têm efeitos nas práticas sociais dos sujeitos, que têm suas identidades construídas dentro de um contexto cultural. A partir dessa perspectiva, entende-se a criança como ator social que participa de uma cultura e atribui significados a ela, fazendo uso dos lugares, atuando e significando os espaços que frequenta.

Compreende-se, dessa forma, que a criança atua dentro de suas redes de interdependência, e também, ao mesmo tempo, é influenciada por essas redes. Esse conceito de rede é baseado na concepção de Elias (1994), que apresenta a noção de que os indivíduos estão conectados a fios formadores de uma teia social, em que se articulam aspectos individuais e aspectos comuns aos grupos sociais, sendo as redes influenciadas por processos históricos e mudanças contemporâneas. Para Elias, os indivíduos ocupam determinados lugares e posições em suas redes, podendo ser alteradas a partir de suas possibilidades de movimento dentro delas, ou seja, a partir de suas oportunidades (e de outros membros da rede) para modificarem-nas. Esse movimento na rede acontece, então, por meio das escolhas que o indivíduo vai realizando durante seu percurso de vida e por meio das possibilidades que a rede vai lhe oferecendo.

Nessa direção, considera-se, portanto, que as crianças atuam dentro dos espaços e com os indivíduos que estão nas suas redes de interdependência; e ainda que esses espaços e indivíduos também atuam e se relacionam com as crianças. Dessa forma, lança-se o seguinte problema de pesquisa: **Como os espaços e instituições do bairro – e a própria atuação da criança nesses espaços – contribuem para modificar a posição da criança dentro de sua rede de interdependência?**

Parte-se da hipótese de que as crianças não são apenas moldadas pelas instituições e agentes institucionais, mas também atuam ativamente dentro das

possibilidades ofertadas a elas. Por outro lado, supõe-se que os espaços do bairro e da cidade bem como os agentes institucionais também contribuem para a formação da configuração social das crianças moradoras das periferias urbanas. Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa é, então, compreender de que forma os espaços e instituições do bairro Tatuquara e também a atuação das crianças contribuem para modificar e construir suas posições dentro de suas redes de interdependência. Para que seja possível responder tal objetivo, lançam-se os seguintes objetivos específicos:

- Mapear e analisar os espaços do bairro frequentados pelas crianças pesquisadas, buscando conhecer os locais públicos e privados, a condição econômica da região, áreas verdes, praças, parques, espaços institucionais e atividades ofertadas;

- Compreender as relações das crianças com os espaços do bairro e institucionais e os significados dados por elas a esses espaços, verificando os modos como elas vão atuando, seus posicionamentos e visões acerca das instituições e locais em que se relacionam;

- Analisar qual o objetivo da oferta das atividades realizadas com as crianças em algumas instituições e a perspectiva dos agentes institucionais acerca das crianças e da comunidade atendida.

Essa pesquisa necessitou ter um caráter qualitativo para que fosse possível aprofundar e analisar as minúcias presentes nas redes das crianças, escutando falas das crianças e agentes, observando espaços do bairro, verificando aspectos presentes nos desenhos das crianças, gestos, entre outros. Para isso, foi necessário ter um olhar atento ao que os sujeitos diziam e não diziam, assim como defende Ginzburg (1983) – historiador que discute aspectos inerentes à pesquisa histórica, mas que traz pontos interessantes para pensar a pesquisa em educação – que considera necessário buscar um olhar para além do que é visto ou está explícito, compreender nas entrelinhas, buscar indícios dentro do que se está pesquisando, decifrar o objeto de estudo por meio da análise de confluências dos diversos dados e origens. O autor considera de suma importância analisar pistas e pequenos detalhes dentro da pesquisa. E foram essas pequenas pistas que contribuíram para um aprofundamento maior e para uma problematização de como as crianças se

relacionam nos espaços do Tatuquara e como esses espaços podem contribuir para a modificação de suas redes de interdependência.

Portanto, a organização dos capítulos se dá da seguinte forma: no primeiro capítulo traz-se uma introdução ao tema, algumas discussões teóricas iniciais que foram fundamentais para se pensar o problema de pesquisa. Além disso, são apresentadas também as motivações que levaram a discutir sobre a infância no bairro Tatuquara, o problema de pesquisa e a relevância deste trabalho para a área educacional.

No segundo capítulo busca-se desenvolver uma discussão teórica acerca da temática pesquisada, abordando os temas relacionados à infância, espaço (cidade e bairro) e instituição. Os principais autores utilizados na pesquisa foram: Elias, com os conceitos de redes de interdependência e configuração social; Sarmento, que traz aspectos da sociologia da infância, colocando as crianças como atores sociais; Corsaro com o conceito de reprodução interpretativa; Castells (e outros) que apresentam uma discussão sobre a cidade e sua influência nas relações sociais.

No terceiro capítulo traz-se a metodologia de pesquisa utilizada, contendo todo o percurso metodológico de pesquisa e os pressupostos teóricos que trouxeram um alicerce para o desenvolvimento das análises. Neste capítulo também são trazidos alguns dados sobre a cidade de Curitiba, a regional e bairro Tatuquara, dados estes recolhidos em sites e documentos da prefeitura, artigos e livros sobre a cidade, dados dos questionários respondidos por famílias moradoras da região e a partir do olhar das crianças pesquisadas.

No quarto capítulo serão apresentados alguns aspectos das redes de interdependência das dez crianças pesquisadas, com um enfoque nos espaços e instituições, e os modos como esses espaços e agentes institucionais contribuem para a constituição dessas redes, contendo nesta análise, algumas conversas realizadas com as crianças e seus desenhos. Por último são apresentadas as considerações finais que mostram contribuições para o meio acadêmico e possíveis caminhos para uma continuidade de pesquisa com crianças nos bairros de periferia.



## **2. SOCIEDADE, INFÂNCIA E CIDADE: UMA ANÁLISE TEÓRICA**

A criança, como já dito anteriormente, é um sujeito que interage nos espaços do bairro, cidade, instituições, com os pares e adultos que fazem parte do seu convívio social. Mas essa atuação da criança depende também das possibilidades e de sua posição dentro de sua rede de relações. Portanto, para verificar o uso dos espaços, a atuação das crianças e a contribuição desses espaços para a formação de suas redes de interdependência, faz-se necessário desenvolver uma análise que traga aspectos teóricos que são fundamentais para a compreensão geral acerca das discussões sobre sociedade, infância e cidade. Nesse sentido, neste capítulo são trazidos autores que alicerçaram toda a análise empírica realizada neste trabalho.

Dessa forma, a discussão sociológica sobre redes de interdependência e configuração social feita por Elias foi fundamental para se pensar a formação das redes das crianças pesquisadas, observando a atuação dos indivíduos nessa teia de relações, e também a influência dessa teia nos aspectos da construção da subjetividade dos indivíduos. Também as discussões trazidas pelos sociólogos da infância, como Sarmiento, Corsaro e Qvortrup, foram de extrema importância para compreender a infância enquanto categoria geracional e os modos de atuação das crianças nos espaços e instituições. Além disso, a compreensão sobre a cidade, os espaços e a periferia garantiram uma leitura a respeito do impacto desses espaços dentro do contexto infantil, desenvolvendo dessa forma, uma reflexão sobre a criança localizada em um dado espaço social economicamente, culturalmente e socialmente menos favorecido da cidade e com poucos espaços de cultura, arte e lazer. Assim sendo, no decorrer deste capítulo, encontram-se estas discussões teóricas supracitadas, que serviram como base para a construção deste trabalho.

### **2.1 RELAÇÃO ENTRE SOCIEDADE E INDIVÍDUO PARA ELIAS**

Os indivíduos, de acordo com Elias (1994), não podem ser vistos fora da sociedade, em contrapartida, a sociedade também não pode ser vista sem a atuação dos indivíduos, ou seja, ambos têm sua função na relação sociedade e indivíduo. O

autor destaca que existem dois principais campos que buscam fazer a análise dos indivíduos e da sociedade, um deles diz respeito a uma visão que coloca todo o peso no indivíduo, ou seja, considera-o isolado das suas relações, como sendo responsável pelas mudanças sociais. Nesta perspectiva, busca-se considerar apenas as funções psicológicas e biológicas dos sujeitos, sem considerar sua relação com as demais pessoas. Em contrapartida, outro campo coloca o indivíduo como uma tábula rasa, ou seja, como um ser formado apenas pela sociedade. Essa perspectiva confere a construção do sujeito dentro de uma massa, como uma “mentalidade grupal” (1994, p.15), que nada mais é do que a soma de muitos indivíduos dentro de uma sociedade.

Para o autor, não se pode considerar a sociedade como a mera soma de indivíduos isolados, mas é importante levar em conta as redes de interdependência em que esses indivíduos estão imersos. Para discutir tal proposição, Elias (1994) utiliza o exemplo da relação entre as pedras e a casa, em que a casa não é apenas um amontoado de pedras, pois essas pedras estão ligadas entre si formando tal construção. Ou seja, “a junção de muitos elementos individuais forma uma unidade cuja estrutura não pode ser inferida de seus componentes isolados” (1994, p.16). Assim sendo, as pessoas, mesmo sem se conhecer, possuem uma relação entre si, não são ligadas apenas pelo “cimento”, ou seja, pelas pessoas que estão diretamente próximas delas, mas estão articuladas por processos históricos e culturais de modo que formam a sociedade. Desta forma, não existe sociedade sem indivíduos e nem indivíduos sem sociedade. Para discutir essas relações entre os indivíduos cabe discutir de forma mais aprofundada sobre os conceitos que Elias chama de “redes de interdependência” e “configuração social”.

Para Elias (1994) cada sujeito ocupa um determinado papel e lugar na sociedade, exercendo uma função, um trabalho ou algum cargo dentro das possibilidades que a rede de interdependência oferece. Esses sujeitos estão numa determinada rede de relações que forma uma organização restrita de funções e possíveis modos de comportamento. Para o autor, ao nascer, o sujeito já está imerso numa rede específica que vai colaborar com suas escolhas, ou seja, ele vai agindo dentro da estrutura social que o envolve. Isso vai depender, portanto, da sua possibilidade de escolarização ou não, da situação dos seus pais e do círculo de pessoas que o rodeiam, formando uma rede que está interligada à rede de outras

peessoas e existindo em um determinado período histórico. Ou seja, cada sujeito na sociedade está conectado com outros que, embora não se conheçam, possuem laços invisíveis entre eles. Assim, uma pessoa:

vive, e viveu desde pequena, numa rede de dependências que não lhe é possível modificar ou romper pelo simples giro de um anel mágico, mas somente até onde a própria estrutura dessas dependências o permita; vive num tecido de relações móveis que a essa altura já se precipitaram nela como seu caráter pessoal. E aí reside o problema: em cada associação de seres humanos, esse contexto funcional tem uma estrutura específica. (Elias, 1994, p.22)

O autor destaca que uma criança, nascendo em uma determinada sociedade, vai se transformando num ser psicologicamente mais complexo. O que ela aprende está sempre vinculado com o grupo social com o qual ela cresce. Porém, mesmo nascendo em posições semelhantes na rede, os sujeitos vão se constituir de forma diferente, pois cada sujeito é único em suas relações sociais. Assim, a individualidade dos sujeitos só é possível a partir do contato com algum grupo social.

Elias (1994) utiliza-se da ideia de redes para analisar os sujeitos dentro da sociedade. Nas redes, muitos fios estão ligados uns aos outros, ou seja, todos eles juntos formam o tecido maior. Cada fio assume uma posição diferente dentro da rede e quando um determinado fio se modifica é porque a rede toda mudou sua estrutura. Assim, de acordo com o autor “essa rede nada mais é além de uma ligação de fios individuais; e, no interior do todo, cada fio continua a constituir uma unidade em si; tem uma posição e uma forma singulares dentro dele” (1994, p.35). Dessa forma, de acordo com o autor, não se pode estudar o sujeito fora das redes de interdependência do presente e do passado que foram os responsáveis pela construção de sua individualidade. Portanto, é esse entrelaçamento de “fios” que determina o ser humano individual.

Nessa perspectiva, Elias (1995) no seu livro “Mozart: Sociologia de um Gênio” analisa a trajetória de um grande compositor que tentou mudar sua posição na estrutura da rede, buscando um trabalho autônomo, pois naquele momento (século XVIII) os músicos estavam submetidos a trabalhar para o rei. Ele apresenta detalhes de todo um contexto que permitiu que essa mudança acontecesse para os músicos

que vieram depois dele, ainda que, para ele, tenha sido uma trajetória de muita penúria na tentativa de desvincular-se da corte e poder tocar piano de maneira autônoma. Ou seja, sua configuração social, com o pai músico, o momento histórico e os fatores sociais daquele momento e também sua própria personalidade contribuíram para que tal compositor conseguisse agir e vislumbrar a possibilidade de alterar sua posição na estrutura da sua rede de interdependência como músico.

Outro livro que consegue apresentar essa perspectiva de Elias (2005) com relação ao conceito de redes e de configuração social é “A Peregrinação de Watteau à Ilha do Amor”, que apresenta a trajetória de Watteau até sua arte ser considerada a passagem do Barroco para o Rococó. Elias descreve que Watteau teve a possibilidade de se tornar um grande artista devido suas redes de relações, sendo financiado por um patrono rico, podendo ter acesso à universidade, entrando em contato com diversos outros artistas e artes que possibilitaram que o mesmo construísse uma inovação, que até hoje é uma arte valorizada e reconhecida. Elias, neste livro, descreve o período histórico e as mudanças que foram acontecendo, desde momentos em que a obra de arte foi desvalorizada e esquecida, até que a obra fosse lembrada e enaltecida.

Como é possível notar no caso de Mozart e Watteau, ambos viveram em um momento histórico, em um contexto que possibilitou a mudança, ou ao menos o início dessa mudança, ou seja, a configuração social desses artistas e as suas redes de interdependência colaboraram para que as estruturas fossem modificadas. Portanto, não se desconsidera o talento de tais artistas, pois eles conseguiram ser considerados como referências devido a uma posição favorável na rede de interdependência que possibilitou que agissem e se movimentassem de forma elástica, alterando suas posições.

Desta forma, o sujeito deve ser sempre pensado dentro de sua rede de interdependências, sendo possível compreender daí, as configurações que regem esse sujeito dentro da sociedade. Tendo isso em vista, pode-se destacar que a criança, ao estar imersa em determinado universo de relações sociais, vai construindo sua individualidade a partir de suas relações e posições na rede, ao mesmo tempo em que ela vai atuando dentro dessa rede de interdependência. Ou seja, ao estar numa posição que não permita socializações diversificadas terá redes

menos elásticas, por exemplo, com relação à mobilidade, ou com relação às suas escolhas e à escolha de atividades e brincadeiras que irá realizar.

Assim sendo, destaca-se que a interação com os pares e com adultos possibilita que a criança possa ampliar seu conhecimento de mundo, compreender culturas diversas daquela em que está inserida. De acordo com Barbosa (2007) o capital cultural que uma criança possui não vem apenas da socialização com os pais e mães, mas é transmitido também pela família, amigos, vizinhos, igreja, escola, cidade etc, ou seja, por pessoas que estão em contato com a criança. Aqui não se desconsidera os pressupostos da Sociologia da Infância que considera a criança um ator social que interage com o meio em que está inserida, mas reforça também a importância do espaço sociocultural para a construção da sua subjetividade.

Dessa forma, considera-se que cada criança tem sua rede de interdependências, nenhuma é igual à outra, as relações variam de família para família, de escola para escola, de capital econômico para capital econômico, de cidade para cidade, de bairro para bairro, de espaço para espaço. Enfim, são inúmeros os espaços e pessoas que contribuem com o processo de socialização das crianças e estes dão pistas sobre a posição da criança nessas redes de interdependência.

## 2.2 INFÂNCIA E INSTITUIÇÕES: ANÁLISE A PARTIR DOS PRESSUPOSTOS DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA.

### 2.2.1 Infância e criança: conceitos e perspectivas

A infância é um campo investigativo que veio ganhando visibilidade nas últimas décadas, passando a ser estudada pelas ciências sociais que buscaram enfatizar as culturas infantis, as brincadeiras entre pares e os problemas associados à infância. De acordo com Sarmiento e Pinto (1997) as agendas políticas têm buscado evidenciar os impasses da infância e os problemas enfrentados pela mesma. No campo investigativo, os autores destacam, que foi a partir da década de

1990 que se ampliaram os estudos referentes aos problemas sociais e seus impactos na vida das crianças.

A infância é aqui entendida como uma categoria estrutural e cultural específica de muitas sociedades (Prout; James, 1990, p. 8). Ela também é uma categoria permanente que modifica o cenário mundial, no que se refere a aspectos estruturais, assim como é afetada pelos problemas e fatores sociais (Qvortrup, 2010a). A infância é então, uma categoria do tipo geracional e não apenas uma fase de desenvolvimento. Deste modo, deve ser pensada a partir de suas especificidades e não como uma etapa preparatória para a geração adulta.

Nesse sentido, vale ressaltar que a infância sempre esteve presente em nossa sociedade, mas nem sempre ela obteve a visibilidade no campo da sociologia que começou a ter só nos dias atuais. Diversas áreas, como a psicologia, medicina, educação e sociologia vêm se encarregando dos estudos sobre tal categoria. Entretanto, a Sociologia da Infância é uma das áreas mais atuais que tratam das discussões da criança enquanto sujeito de direitos que participa de uma categoria geracional denominada infância.

As crianças são aqui compreendidas como indivíduos atuantes, com características e culturas próprias, são “cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas subvertendo essa ordem” (Kramer, 2000 p. 272). Para a Sociologia da Infância as crianças são sujeitos sociais de pleno direito. Elas não somente são produzidas socialmente, mas também produzem e colaboram na construção da sociedade. As crianças também constroem culturas, por meio dos jogos e brincadeiras e significações acerca do mundo, atuando dentro da sociedade, intervindo socialmente, produzindo sentidos às suas ações. Por esse motivo, Sarmiento e Pinto (1997) destacam a importância de ouvir as crianças e considerar suas especificidades, não subestimar a capacidade delas de atribuir sentido às suas ações. Deste modo, eles consideram que para estudar a infância é necessário partir da voz da criança, ou seja, analisar a compreensão da sua ação. Para eles, o olhar das crianças permite compreender fenômenos sociais que o olhar do adulto não é capaz.

Qvortrup (2010a), um pesquisador que analisa a infância enquanto categoria estrutural da sociedade, considera que as crianças são parte integrante da sociedade, que não apenas influenciam e são influenciadas por famílias e professores, mas também modificam os projetos econômicos e sociais. Para ele, quando as crianças interagem com a natureza, com adultos e pares, elas contribuem tanto para a construção da infância, como também para a construção da sociedade. Assim sendo, não são máquinas manipuláveis pelos adultos, elas são ativas dentro de seus processos de socialização, são criadoras e inventivas.

De acordo com os Sarmento e Pinto (1997), embora a infância tenha sido um objeto de análise que cresceu nos últimos anos, existem questões que se tornam contraditórias e paradoxais dentro das perspectivas trabalhadas. Por exemplo, a aprovação dos direitos da criança, em 1989, pelas Nações Unidas para garantir a melhoria das condições de vida das crianças, não foi suficiente, pois o grupo etário ainda é o mais sujeito a situações de pobreza, violência, exclusão e opressão. Além disso, discute-se a importância das crianças como cidadãos e sujeitos de direitos, porém, cada vez mais são submetidas a regras das instituições. Destaca-se a importância de serem crianças, mas muitas vezes são criticadas por suas infantilidades (Sarmento e Pinto, 1997).

Sarmento e Pinto (1997) consideram que essas controvérsias com relação à infância, não somente estão atreladas às diferentes perspectivas e correntes teóricas, mas também à falta de entendimento do grupo social e do conceito de infância. Para os autores, ser criança varia de sociedade para sociedade, de cultura para cultura, de comunidade para comunidade, de família para família e de período histórico para período histórico. Dessa forma, a infância não é uma experiência universal, mas é construída por meio de diferenças individuais que podem variar a partir de questões como: classe, gênero, etnia etc.

A criança é um dos sujeitos que mais sofre processos de exclusão, pois, de acordo com Sarmento (2002), discute-se a importância de as crianças serem agentes sociais, mas raras são as iniciativas que dão possibilidade à criança de participar na construção da agenda social e política. Desta forma, destaca-se a importância de compreender que a exclusão não só afeta as questões de raça,

gênero e classe, mas também atua nas variáveis geracionais, em que a criança passa a ser um dos principais alvos de exclusão dentro dessa categoria.

Ainda para este autor essa exclusão das crianças em nossa sociedade ocorre em parte devido a algumas perspectivas psicológicas que estiveram e ainda estão presentes em grande escala nos discursos sobre a infância, que trazem um imaginário de que a criança é um ser ainda não formado, que carece de um pensamento objetivo. Essas concepções reforçam, para Sarmento, a visão negativa com relação à infância, colocando a criança como um sujeito que não tem voz, que não produz conhecimento, que deve ser formado para se tornar “alguém” no futuro. Portanto, para Qvortrup (2010a) é importante lidar com as crianças por elas mesmas e não apenas fazer referência ao que elas virão a ser no futuro. Dessa forma, considera-se importante que a sociedade tome consciência de todos os processos de exclusão e desigualdade na infância, não observando a criança como um adulto em miniatura, mas um sujeito que necessita de seus direitos preservados, que tenha condições de ser criança, de ter uma boa alimentação, escola, momentos para brincar, expressar suas opiniões e ter possibilidade de se socializar com outras crianças ou adultos de forma livre.

Tendo isso em vista, nos dias atuais, muitas crianças ainda sofrem processos de desigualdade e exclusão, como pode ser observado a partir de uma pesquisa brasileira realizada por Rosemberg (2006). A autora destaca, que os segmentos com menores recursos financeiros são aqueles que menos têm acesso a políticas sociais de atendimento a pobreza. As desigualdades presentes no Brasil, com base nos dados pesquisados pela autora, estão vinculadas com questões relacionadas à raça, região geográfica e idade. Assim sendo, verifica que as crianças negras que habitam no nordeste são as que mais sofrem com a pobreza. A autora apresenta que não é somente a desigualdade de renda que afeta a vida das crianças pequenas, mas também a falta ou escassez de políticas públicas para a infância.

Durante a pesquisa realizada com crianças do bairro Tatuquara, foi possível verificar que a escassez de políticas e de recursos destinados às crianças, bem como a falta de segurança no bairro, impossibilita que elas possam se expressar por meio de brincadeiras livres em espaços seguros e adequados. Nesse sentido, percebe-se que as crianças nem sempre são escutadas e que praticamente tudo



que é construído para as crianças não, necessariamente, é o que elas solicitam, mas o que o adulto acredita que seja melhor para elas.

Para Qvortrup (2010b) as crianças são categorizadas como um grupo minoritário, pois os adultos acabam sendo um grupo dominante que possui um maior *status* social e privilégios, o que faz com que as crianças muitas vezes sejam excluídas, recebendo um tratamento diferencial e desigual, devido suas particularidades físicas e culturais. Para ele, muitas dessas atitudes são paternalistas e veem a criança como um sujeito incapaz de pensar e participar da sociedade. Ele destaca, portanto, que:

[...] o paternalismo é uma atitude característica, no sentido de uma estranha combinação de amor, sentimentalismo, senso de superioridade em relação à compreensão equivocada das capacidades infantis e a marginalização. (2010b, p. 210)

As perspectivas sociológicas da infância têm possibilitado que a criança seja vista como um sujeito dotado de capacidades e valores, que de acordo com Sarmiento (2002) tais valores são construídos dentro de um contexto social e cultural, que dão possibilidades de formação para as crianças. Porém, ele destaca que embora existam influências sociais na construção da subjetividade da criança, há também condições comuns entre as crianças, que são denominadas “culturas da infância”. Para o autor esse conceito está associado a:

[...] capacidade das crianças em construírem de forma sistematizada modos de significação do mundo e de ação intencional, que são distintos dos modos adultos de significação e ação. [...] As culturas da infância são tão antigas quanto à infância. Resultam do processo societal de construção da infância, coevo da modernidade. A diferença geracional é, assim, historicamente construída, com efeitos na evolução do estatuto social e das representações sociais sobre as crianças. (2002, p.03)

A categoria geracional, portanto, de acordo com Qvortrup (2010a), permanece independente de constituintes específicos, embora eles possam exercer influência sobre os sujeitos pertencentes a essa categoria. Por exemplo, as categorias classe e gênero vão continuar existindo enquanto houver desigualdades econômicas e entre

homens e mulheres. Da mesma forma a categoria geracional continua existindo enquanto houver desigualdade entre as gerações, independentemente das diferenças sociais. De acordo com o autor a infância persiste como forma estrutural e independe de quantas crianças entram ou saem dela.

A sociologia da infância é, portanto, de acordo com Sarmento (2005), uma forma de constituir a infância como objeto sociológico, buscando desconstruir as perspectivas biologistas e sociais que colocam a criança como um mero ser em desenvolvimento. A infância, nessa perspectiva passa a ser vista como um conceito do tipo geracional, em que o objeto passa a ser a criança, buscando analisar assim, a cultura e os aspectos comuns das diversas formas de viver a infância. A geração é então:

[...] um construto sociológico que procura dar conta das interações dinâmicas entre, no plano sincrónico, a geração-grupo de idade, isto é, as relações estruturais e simbólicas dos atores sociais de uma classe etária definida e, no plano diacrónico, a geração-grupo de um tempo histórico definido, isto é o modo como são continuamente reinvestidas de estatutos e papéis sociais e desenvolvem práticas sociais diferenciadas aos atores de uma determinada classe etária, em cada período histórico concreto. (2005, p. 367)

Nesse sentido, a categoria geracional abrange aspectos inerentes a questão etária, que compreende características comuns entre determinado grupo de idade (no caso desta pesquisa, a infância), e também a vivência em determinado momento histórico, que envolve aspectos sociais e históricos que influenciam na conduta e na função social de determinado grupo geracional. Dessa forma, neste trabalho, considera-se importante analisar a infância enquanto uma categoria social geracional e não como um período de desenvolvimento e preparação para a vida adulta.

Uma pesquisa interessante que cabe ser citada, pois mostra os diferentes olhares para a infância nas últimas décadas, foi realizada por Montándon (2001) que buscou analisar trabalhos em língua inglesa, na tentativa de encontrar aqueles que mostravam como a infância e a criança eram vistas nas pesquisas. Assim, a autora verifica que os primeiros trabalhos relacionados à infância surgiram na década de 1920, porém, estas pesquisas colocavam o processo de socialização da criança em

torno das práticas dos adultos. Com base em sua análise, foi apenas na década de 1980 que algumas pesquisas passaram a trazer discussões mais originais acerca da infância, o que provocou um aumento no número de publicações relacionadas ao tema. A autora então faz um recorte desse período e analisa como a criança é tratada em cada uma das pesquisas, dividindo em quatro categorias temáticas: relações entre gerações, relações entre crianças, as crianças como um grupo de idade e os diferentes dispositivos institucionais dirigidos às crianças.

Na categoria temática relacionada às “relações entre gerações”, grande parte dos trabalhos analisados pela autora são baseados numa concepção de socialização que coloca o adulto como o principal agente desse processo de socialização das crianças, ou seja, o adulto como aquele que modela e forma a criança. Em contrapartida, Montándon (2001) destaca que existem alguns trabalhos dentro dessa categoria que ouvem mais a criança e que a consideram importante no seu processo de socialização.

Com relação à categoria: “dispositivos institucionais dirigidos às crianças”, a autora destaca que devido ao grande número de crianças institucionalizadas na atualidade, as pesquisas vêm analisando a influência dessas instituições no cotidiano dessas crianças. Montándon destaca que mesmo muito pequenas as crianças realizam um papel importante dentro das instituições, ou seja, apesar das regras estabelecidas pelos adultos, as crianças atuam significativamente dentro desses espaços ofertados às mesmas. Dentro das instituições pesquisadas nos trabalhos, a autora destaca que a escola é o espaço mais analisado.

No tema “relações entre crianças”, Montándon (2001) expõe que são os trabalhos que mais contribuíram para o interesse em uma sociologia da infância, pois buscam analisar as trocas de conhecimentos entre crianças, brincadeiras e relações entre elas. Os autores que analisam as crianças dentro dessa categoria temática buscam metodologias etnográficas para compreender o ponto de vista das crianças, considerando-as agentes nos seus processos de socialização.

Por fim, a autora destaca que na categoria “crianças como grupo de idade”, os autores que estudam tais questões buscam reconhecer a infância como objeto sociológico, reconhecendo uma pluralidade de infâncias. Nesta categoria existe

muita atenção aos trabalhos que dizem respeito às crianças em situação de vulnerabilidade social.

A partir das pesquisas da sociologia da infância é possível compreender a criança enquanto sujeito social, capaz de interagir com os sujeitos e espaços a sua volta. As perspectivas desse campo teórico colaboram para uma compreensão do que é realmente a infância, pois elas dão maiores possibilidades de ouvir a criança, explorar seus sentimentos e receios, suas críticas e formas de interação com os sujeitos a sua volta. A criança é, portanto, um sujeito que possui capacidade de pensar e agir na sociedade, não um mero receptor de informações transmitidas pelos adultos. Ela participa de sua própria socialização.

Nesse sentido, o conceito de socialização tem sido muito discutido por autores que estudam a infância, sendo que ele muitas vezes é criticado quando não considera a ação da criança e a vê como uma tábula rasa que é preenchida pela ação dos adultos. Este conceito atrelado aos pressupostos de Emile Durkheim, de acordo com Sarmento (2002), traz consigo uma perspectiva equivocada de infância, pois considera que a socialização é transmitida do adulto para a criança, desconsiderando, portanto, a capacidade criativa e inventiva dela. Para o autor essa ideia de socialização coloca as crianças como “objetos manipuláveis, vítimas passivas ou joguetes culturalmente neutros, subordinadas a modos de dominação ou de controle social” (p.374, 2005). As crianças, ao contrário disso, são seres sociais que possuem inúmeras capacidades, sendo sujeitos criativos e participantes da sociedade. Se por um lado esse conceito de socialização de Durkheim perdurou durante muitos anos dentro da sociologia, o que ajudou a trazer outra concepção de sociedade que não fosse apenas baseada nas visões médicas e psicológicas. Por outro lado, a Sociologia da Infância vem problematizando tal conceito, de modo que alguns autores simplesmente o negam, enquanto outros o utilizam com um sentido renovado, vendo a socialização como um processo de interação entre os sujeitos, em que a criança participa ativamente desse processo.

Barbosa (2007), por exemplo, faz uma crítica ao conceito de socialização de Emile Durkheim, destacando que tal conceito remete à ideia de que as crianças são “menores” e, portanto, devem ser tuteladas e normalizadas, pensando na construção das suas subjetividades apenas para quando se transformarem em adultos. A autora

considera que a socialização acontece a partir da interação entre os sujeitos e que a criança é um ator social que participa ativamente desse processo de socialização.

Com base no levantamento de trabalhos de língua inglesa, Montádon (2001) destaca que grande parte dos sociólogos da infância tem utilizado um conceito renovado de socialização, criticando a ideia de um processo unilateral, em que os adultos e instituições são os únicos responsáveis pela socialização das crianças. Esse conceito renovado de socialização, de acordo com Mollo-Bouvier (2005), possibilita que a criança seja vista como um sujeito que participa do seu próprio processo de socialização, assim como da reprodução e transformação da sociedade.

Dessa forma, é importante ressaltar que a criança faz parte de um grupo geracional que se relaciona com os diversos grupos etários. Essa socialização acontece a partir do contato das crianças com os diversos sujeitos sociais, não sendo desconsiderada a ação das próprias crianças nesse processo de interação entre os sujeitos, mas sim a troca de conhecimentos entre eles. Barbosa (2007), pautando-se nas discussões realizadas por Corsaro, destaca que as crianças se apropriam criativamente das informações que vão recebendo do mundo adulto e formulam seus próprios saberes e cultura. A autora considera também que os processos de socialização nas sociedades urbanas contemporâneas acontecem nos mais variados meios, como na escola, TV, igrejas, família, instituições diversas, e que para ela tal conceito é:

[...] um processo contínuo de inserção cultural, e a cultura será compreendida como a construção de significados, partilhados por outros ou não, sustentados em práticas da vida individual e social. A socialização é algo que se faz junto, é a forma com que os seres humanos praticam suas ações, vivem suas vidas, evidenciam seus valores, constroem e defendem suas ideias. (2007, p.1065)

Barbosa (2007) expõe que existe uma cultura infantil que é comum entre as crianças, porém, não se pode desconsiderar as variáveis como, gênero, raça, classe social, espaço geográfico etc., pois a experiência da infância é vivida de modos diferenciados, ou seja, a infância é uma experiência heterogênea. É a partir da interação participativa com os pares e adultos que as crianças vão construindo suas identidades pessoais e sociais.

Corsaro, entrevistado por Müller (2007), destaca que as crianças não apenas contribuem para seus processos de socialização, mas criam e participam das suas “culturas de pares”. Tal conceito, para o autor, está relacionado às produções das crianças em seus mundos. Ele não desconsidera a influência dos adultos nessas produções, mas acredita que a criança também possui autonomia e atuação no contato tanto com adultos como também com as outras crianças.

Dessa forma, nos estudos sobre/com infância é importante levar em consideração a capacidade das crianças de pensar e atuar nos espaços que estão inseridas, pois, de acordo com Müller e Carvalho (2009) entender as crianças “como totalmente dependentes dos adultos só atrapalha a compreensão das relações entre os membros da família e, logo, sobre os processos geracionais” (2009, p.23). Elas destacam as concepções de Marrow que afirma que ao buscar compreender a criança como dependente ou um ser em desenvolvimento, se desconsidera toda a capacidade dela de atuar dentro da sociedade. Elas destacam que o conceito de “reprodução interpretativa” de Corsaro, explicado na sequência, ajuda a desconstruir o entendimento de que as crianças não possuem um pensamento capaz de criar e agir nos meios sociais. Ao contrário, essa perspectiva apresenta que as crianças são sujeitos que produzem suas culturas e não somente imitam os adultos, mas fazem uma apreensão criativa do mundo adulto.

O termo “reprodução interpretativa” de acordo com Corsaro (2011) possibilita a compreensão de que as crianças vivem nos mais diversos meios sociais e não apenas reproduzem certas práticas dentro do contexto que estão inseridas. Ou seja, essas práticas não fazem das crianças meras reprodutoras sociais, mas fazem com que elas interpretem o mundo que vivem a partir dos jogos e brincadeiras que realizam. Assim, as crianças não apenas internalizam a cultura, mas atuam ativamente dentro da mesma.

Dessa forma, cabe destacar que a socialização não apenas é transmitida para as crianças por meio da cultura, mas ela acontece por meio da interação entre os indivíduos. Assim sendo, a criança vai atuando enquanto sujeito social, compartilhando seus saberes ao mesmo tempo em que apreende os conhecimentos trazidos por outros sujeitos. Ela é, portanto, em grande medida, responsável por sua própria socialização. Por socialização entende-se, portanto, os processos de

interação entre os sujeitos, em que crianças e adultos constroem significados que os partilham por meio da linguagem, formando assim costumes e conhecimentos culturais.

### 2.2.2 A criança e as instituições

Para compreender a criança, faz-se necessário entendê-la em sua totalidade, não apenas observar os espaços que ela está inserida, mas também sua atuação dentro desses espaços. Para Sarmiento (2003) é importante conhecer as crianças para a revelação da sociedade como um todo e também com o intuito de construir políticas destinadas à infância, garantindo para elas o direito à cidadania plena.

O autor destaca que existiram algumas mudanças durante a modernidade, em que grande parte das crianças foram institucionalizadas. Ou seja, foram criados espaços públicos e privados destinados às crianças, o que gerou um processo de inclusão e exclusão da “normalidade” (2003, p.4), em que se buscava um ideal de comportamento atribuído à elas. Para o autor a 2ª modernidade veio acompanhada de um processo de reinstitucionalização da criança, marcado pelo trabalho infantil em alguns países, pelo marketing e consumo em outros. Dessa forma, as crianças passaram a ser, agora, alvo da sociedade de consumo. A escola também foi atingida por essa 2ª modernidade, em que houve um “choque cultural” entre a cultura escolar e a cultura das famílias das classes populares, pois era valorizada uma cultura única, que desconsiderava as especificidades culturais de cada comunidade. Além disso, as crianças passaram a socializar-se em instituições diversas, como destaca o autor:

Importa também considerar a variação seminal que consiste na troca de papéis geracionais, com a crescente ocupação do espaço físico doméstico pelos adultos (nomeadamente os desempregados, reformados, com licenças parciais de trabalho ou no âmbito do trabalho remoto) e a saída das crianças para as múltiplas agências de ocupação e regulação do tempo (ludotecas, ateliês de tempos livres, atividades de formação não escolar, do tipo de cursos de inglês, cursos de informática, desporto semifederado, etc.). Esta mudança de papéis e lugares – as crianças fora de casa, onde regressam muitos adultos – sendo embora ainda tendencial e progressiva, vai de par com a crescente ocupação das crianças em instituições

controladas pelos adultos, sem tempo para procurar descobrir seus limites, nem espaço para conhecer o sabor da liberdade. (Sarmiento, 2003, p.9)

Sarmiento (2002) destaca que devido a mudanças estruturais e culturais dos séculos XIX e XX (com a industrialização, a entrada da mulher no mercado de trabalho, a obrigatoriedade do ensino regular, entre outros), a instituição familiar tem perdido o seu papel de primeira instância socializadora da criança, em que esta função passou a ficar a cargo de outros espaços, como a escola, bairro, instituições diversas. Ele apresenta ainda que existem outros espaços e situações que integram às crianças nesse processo de sociabilidade, como “nos festivais, nas festas ou grupos informais com que se constrói a sociabilidade multicultural e cosmopolita da infância contemporânea” (2002, p.227).

Para Qvortrup (2010b) essa institucionalização da infância veio a partir das demandas econômicas da sociedade, modificando, desta forma, toda a organização das formas de vida das crianças. Ou seja, as crianças têm influência e ao mesmo tempo influenciam os acontecimentos sociais.

Mollo-Bouvier (2005) considera que a organização das instituições segmenta os espaços, idades e tarefas, formando um modo de socialização específico. As relações familiares e com a vizinhança diminuem e a socialização das crianças fica ao encargo de especialistas em educação. Para ela “cada idade, cada tempo, cada lugar, cada atividade da criança cria instituições específicas”. A socialização acaba sendo intencional, segundo a autora, no sentido de que as instituições obedecem uma série de exigências que buscam organizar a vida da criança de modo que atenda à exigência dos adultos e a organização do trabalho. Busca-se, portanto, dentro dessas instituições, encontrar uma explicação psicológica que expõe as “necessidades da criança”, sendo a ideia de desenvolvimento o que abrange todo o trabalho institucional (Mollo-Bouvier, 2005).

Outro ponto interessante, colocado por Mayal (2000), é o de que as crianças são retiradas das esferas sociais e “protegidas” em espaços institucionais e, não podendo participar da vida pública, são apresentadas a nós como “pré-pessoas”. Ela também expõe que existe um conjunto de rótulos que acabam por inferiorizar a



criança, colocando-a em instituições para ser protegida e deixando de lado suas opiniões e perspectivas.

Ao fazer uma análise dos espaços urbanos Lansky (2013) discute que eles, muitas vezes, são vistos como inseguros e inapropriados para as crianças, o que faz com que, em muitos contextos sociais, se criem instituições que não valorizam a liberdade da infância, mas ao contrário, apenas colocam a criança como um mero recipiente de conhecimentos e valores socioculturais aceitos. Para ele, essa não possibilidade de circular pelos espaços impede que as crianças experimentem a diversidade no bairro.

Montandon (2001), ao analisar os trabalhos referentes à infância, discute que as instituições educativas (seja a escola ou instituições de lazer e mídia) vêm ganhando espaço em nossa sociedade, influenciando e modificando cada vez mais o cotidiano das crianças, o que resultou no interesse de muitos pesquisadores<sup>5</sup> a analisar tal quesito. A autora percebe que os trabalhos que colocam a influência das instituições na vida das crianças são menos numerosos do que aqueles que colocam a criança como um sujeito ativo e que desempenha seu papel dentro dessas instituições, ou seja, nos últimos anos os pesquisadores tendem a reconhecer mais o papel da criança como sujeito ativo no seu processo de socialização. Ela expõe que existem trabalhos que mostram que a criança, desde a mais tenra idade, manifesta um papel de sujeito social dentro das instituições, e que não somente os professores organizam o trabalho a ser realizado, mas as crianças também têm sua atuação no planejamento.

Nesse sentido, Sarmiento (2008) destaca que as instituições são preenchidas também pela ação das crianças, seja nos momentos de interação entre adultos e crianças, ou nos momentos que não estão sobre influência dos adultos, em que elas atuam diretamente com seus pares.

A criança para Prado (2013) não apenas reproduz o mundo que vive, mas questiona normas e determinações do mundo adulto. A autora consegue analisar tal proposição por meio de uma pesquisa etnográfica realizada no doutorado com crianças de 3 a 6 anos em uma escola de Educação Infantil paulista. A partir desse

---

<sup>5</sup> Pesquisadores como: Platt (1969), Kalekin-Fishman (1987), Carere (1987), Leavitt (1991), Studer (1992), Frones (1994), Näsman (1994), Woods (1980), Pollard (1985) e Cullingford (1991).

contato com as crianças, a autora percebeu que elas são tão capazes como os adultos e não seres inferiores a eles. Assim sendo, são sujeitos que não apenas reproduzem a cultura, mas constroem e atribuem significados compartilhados a ela, reproduzindo e também produzindo e inovando. Nesse sentido, cabe salientar a importância da interação inter e intrageracional<sup>6</sup>, a qual possibilita a ampliação dos conhecimentos tanto das crianças como dos próprios adultos.

Essa autora destaca ainda a questão da institucionalização infantil, a qual, muitas vezes acaba afastando o grupo geracional (infância) de outros grupos geracionais. Esse processo de institucionalizar a criança se deu devido ao fato de surgirem determinadas demandas sociais, econômicas e políticas que retiram as crianças dos meios sociais, colocando-as em ambientes institucionais. Para a autora, esses ambientes institucionais devem proporcionar às crianças contato com diversos grupos de crianças e professores, de modo que valorizem os conhecimentos dos pequenos e escutem o que eles têm a dizer.

Desta forma, as crianças atuam dentro das instituições, porém, nem sempre são levadas em consideração quanto ao planejamento e ao trabalho realizado com elas. Assim, de acordo com Prout e James (2010) quando se referem ao trabalho de assistência às crianças, os agentes responsáveis deveriam buscar desenvolver um trabalho de interesse das crianças, mas nem sempre elas são consultadas.

As instituições, portanto, fazem o papel de instâncias socializadoras das crianças e esses espaços, de acordo com Lahire (2003), colaboram para a interiorização de esquemas corporais e mentais que agem na criança de forma muitas vezes inconsciente, tanto no que diz respeito à fala, expressões corporais, organização do pensamento, entre outros. Essas instituições, muitas vezes, buscam transmitir ensinamentos e valores aos sujeitos, que vão incorporando hábitos e modos de agir. Isso fica claro, por exemplo, na conversa a seguir, entre a pesquisadora e algumas crianças da pesquisa:

Pesquisadora – E vocês participam de alguma atividade na igreja?

---

<sup>6</sup> O termo intergeracional refere-se às relações entre as gerações, sejam adultas, infantis, juvenis etc. Já o termo intrageracional trata das relações entre o próprio grupo geracional (no caso dessa pesquisa a infância).

Elisa<sup>7</sup> – Eu sirvo, porque eu sou coroinha. E eu também faço catequese.  
 Patrick – Eu faço aula de música na minha igreja.  
 Pesquisadora – E vocês pagam pra fazer aula ou não?  
 Patrick – Não. É por causa que eles não gostam muito de ganância.

Nas falas das crianças apresentadas acima, pode-se notar elementos presentes nos discursos das instituições, que acabam sendo incorporados pelas crianças. Todavia, não se considera necessariamente que esses espaços moldem o sujeito, pois as crianças atribuem significados próprios a esses espaços e atividades, de modo que nem sempre tudo o que falam está vinculado ao discurso presente nas instituições. É possível notar a seguir algumas falas das crianças da pesquisa que apresentam significados próprios às atividades que realizam:

Pesquisadora – E por que vocês acham importante fazer essas atividades?  
 Elisa – Por causa que eu vi todo mundo com a roupa<sup>8</sup>, né? Daí eu queria também. (Elisa, 4º ano).  
 Patrick – Eu pretendo tocar na igreja e quando eu tiver idade eu vou tocar em algum teatro. (Patrick, 4º ano).

Foi possível notar que embora as crianças incorporem alguns discursos presentes dentro das instituições, elas também atribuem significados próprios às atividades que realizam. A participação de Elisa na atividade de coroinha não foi apenas para “servir ao padre” e à igreja como apresentado anteriormente, mas também porque ela achou interessante ver as outras crianças com as vestimentas e quis participar. De outro modo Patrick, comentou que fazia aula de música para ajudar a igreja, mas também mostrou seu interesse em aprender para poder se apresentar em algum teatro. Portanto, a partir dessas falas, cabe destacar que não se pode analisar a criança sem compreender o papel das instituições e espaços que são utilizados por elas, mas também, não se pode compreender as instituições sem entender o papel da criança nesses espaços. Ou seja, como se verá mais à frente, os espaços e os agentes institucionais modificam-se a partir da ação das crianças, da mesma forma que as crianças modificam-se a partir do trabalho realizado pelos agentes institucionais.

<sup>7</sup> Os nomes das crianças não são divulgados nesta pesquisa. Os reais nomes delas foram substituídos por outros, resguardando todos os princípios éticos na pesquisa em educação.

<sup>8</sup> Referindo-se à roupa utilizada pelas crianças nos momentos que auxiliam o padre durante às missas.

### 2.3 A CIDADE, O ESPAÇO E O BAIRRO: DISCUSSÕES E CONCEITOS

As cidades e centros urbanos existem desde a antiguidade, mas com o passar do tempo foram sofrendo modificações, por meio de novas arquiteturas, tecnologias e mudanças históricas. Le Goff (1998) evidencia que os séculos X e XI foram marcados por um período de grande urbanização, em que as cidades se organizavam por meio de núcleos. Estes núcleos eram dominados por senhores responsáveis por cuidar da organização dos centros urbanos. Dessa forma, na cidade estavam presentes dois territórios, de um lado a cidade propriamente dita e de outro os burgos periféricos. Com o passar do tempo foram sendo construídas muralhas para separar a cidade desses espaços periféricos com a ideia de segurança na cidade, de modo a existir formas de policiamento cada vez maiores com relação às pessoas que viviam à margem da sociedade e o roubo passa a ser severamente reprimido. Como é possível notar, ainda hoje existe essa divisão entre elite e periferia, em que, de acordo com Caldeira (2000) são criados muros (visíveis e invisíveis) devido ao medo e insegurança, muros estes que têm como objetivo separar a população, gerando ainda maiores desigualdades.

Com relação a isso, Bauman (2009) discute que nos últimos anos houve uma “obsessão maníaca por segurança” (2009, p.1) que se manifesta no medo de crimes e criminosos. Dessa forma, as “classes perigosas” são excluídas e, inclusive, retiradas até mesmo do mercado de trabalho e acabam não tendo possibilidades de ascender socialmente. Assim sendo, para o autor, as cidades se dividem em dois universos: os privilegiados e os excluídos. Para isso são criados espaços fechados com o intuito de filtrar os sujeitos que passam a ser segregados. Nas palavras do autor:

A intenção desses espaços vetados é claramente dividir, segregar, excluir e não criar pontes, convivências agradáveis e locais de encontro, facilitar as comunicações e reunir os habitantes da cidade. [...] Essa mixofobia não passa da difusa e muito previsível reação à impressionante e a exasperadora variedade de tipos humanos e de estilos de vida que se podem encontrar nas ruas das cidades contemporâneas e mesmo na mais comum (ou seja, não protegida por espaços vedados) das zonas residenciais. (2009, p.17)

Essa “mixofobia” existente nas grandes cidades nada mais é, de acordo com Bauman, que o medo de conviver com o diferente, com pessoas que possuem estilos de vida diversos. Tal medo é consequência de uma distribuição desigual de renda que resulta em uma segregação e exclusão dos sujeitos com menor poder aquisitivo e também de pessoas com culturas diferenciadas. Isso, para o autor, faz com que os sujeitos não aprendam a conviver com o diferente, impossibilitando um acúmulo maior de experiências.

Weber (1967), falando nos séculos XIX e XX, destaca que a cidade não é apenas um aglomerado de casas, mas um local que se diferencia do campo devido à existência de um mercado. Porém, para ele não existe apenas uma definição de cidade, pois existem diferentes cidades com diferentes organizações. O autor aponta que existem as cidades de mercado que buscam disseminar os artefatos produzidos. Existem também as cidades consumidoras, que vivem de rendas patrimoniais e políticas, adquirindo produtos de outras cidades. Outro tipo de cidade são as produtoras, que são aquelas que possuem grandes indústrias que têm a capacidade de enviar seus produtos para fora. Há também as cidades agrárias que produzem alimentos para a venda e exportação a outros lugares. O autor destaca que existem cidades mistas que podem juntar os diversos tipos de cidades supracitadas. Dessa forma, para Weber não existe um único padrão de cidade, mas diversos tipos que se diferenciam nas suas inúmeras funções.

Já Castells (1999), escrevendo mais recentemente, traz uma visão que colabora para pensar o que tem sido a cidade nas últimas décadas. Ele discute que muitas das grandes cidades se apresentam, a partir do gerenciamento do capital, como “cidades globais”, vivendo da produção de serviços avançados e qualificados. Um espaço como este “conecta serviços avançados, centros produtores e mercados em uma rede global com intensidade diferente e em diferente escala”. As cidades globais possibilitam a criação de “nós” que se interconectam com outras cidades do mundo. O autor destaca que:

Essas cidades, ou melhor, seus bairros comerciais, são complexos de produção de valor com base na informação, onde as sedes corporativas e as empresas financeiras avançadas podem encontrar tanto os fornecedores como a mão-de-obra especializada altamente qualificada de que precisam. Sem dúvida, constituem redes produtivas e de gerenciamento, cuja a

flexibilidade não precisa incorporar trabalhadores e fornecedores, mas ser capaz de acessá-los quando for conveniente e quantas vezes forem necessárias em cada situação específica. (1999, p.410)

Com base na citação acima, pode-se notar que a função exercida por essas megacidades vai além dos tipos de cidades analisados por Weber a sua época, sendo muitas delas, hoje, espaços com grandes *status* social, locais que valorizam a qualificação para serviços avançados, variados e tecnológicos. A partir das novas tecnologias da informação, muitas das atividades que eram feitas pelos sujeitos fora do ambiente domiciliar passam a ser realizados em suas próprias casas, mas de acordo com o autor, isso não impede que as pessoas circulem nos espaços da cidade e do bairro, como shoppings, escolas, complexos médicos, entre outros.

Por espaço entende-se o que Santos (1978) caracteriza como “o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais”. Nessa perspectiva, o espaço é entendido como um conjunto de relações entre os sujeitos que estão vinculadas ao passado e ao presente, sendo um processo social. Considera-se o espaço como expressão concreta e histórica da ação humana. Nas palavras do autor:

(...) o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente (...) o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (SANTOS, 1978, p. 122).

Castells (1999) considera que o espaço não pode ser definido sem levar em conta as práticas sociais, ou seja, ele é produto das relações sociais e se modifica conforme as mudanças que vão ocorrendo no decorrer dos tempos. O autor destaca que essas relações colaboram para a formação de “espaços de fluxos” que são locais de intercâmbio e interação entre os sujeitos, porém, esses espaços muitas vezes levam à segregação das camadas populares, que pode se dar pela localização do espaço ou pela segurança de espaços destinados apenas à elite.

Esses espaços segregados impossibilitam o contato entre experiências diversas dos sujeitos e ainda reforça e valoriza uma cultura mais legitimada (àquela

que não advém das classes populares). Portanto, devido a essa segregação, esses laços entre comunidades passam a não existir nas cidades grandes, formando, o que Simmel (1967), nos séculos XIX e XX chamava de “tipo metropolitano”. Esse perfil de sujeito que vive nas metrópoles desenvolve bases biológicas diferentes dos sujeitos que vivem no campo ou nas pequenas cidades. O autor explica que o tipo metropolitano possui acelerados estímulos nervosos que fazem com que sua intelectualidade se ramifique e se modifique rapidamente ao depender das novas situações que vão surgindo.

Essa formação do intelecto metropolitano, concepção apontada por Simmel, e de certa forma válida ainda nos dias atuais, se deu devido à economia monetária presente nas grandes cidades. Isso resultou, de acordo com Simmel (1967), em mentes mais calculistas, em que o sujeito busca “transformar o mundo num problema aritmético, dispor todas as partes do mundo por meio de fórmulas matemáticas” (1967, p.4). A mente metropolitana, devido à agitação, desenvolve diversos estímulos que acabam atingindo seu ápice, formando o que o autor denominou de atitude *blasé*. Essa atitude *blasé* faz do homem metropolitano uma pessoa que age na sua individualidade, ou seja, não cria laços emocionais com outros sujeitos. O homem metropolitano é submetido à luta pelo lucro, o que faz com que os sujeitos tenham que, a cada dia, buscar o aperfeiçoamento para não serem substituídos. Nas palavras do autor:

Na medida de sua expansão, a cidade oferece mais e mais as condições decisivas da divisão de trabalho. Oferece um círculo que, através de seu tamanho, pode absorver uma variedade altamente diversificada de serviços. Ao mesmo tempo, a concentração de indivíduos e sua luta por consumidores compelem o indivíduo a especializar-se em uma função na qual não possa ser prontamente substituído por outro. É um fato decisivo que a vida na cidade transformou a luta com a natureza pela vida em uma luta entre homens pelo lucro, que aqui não é conferido pela natureza, mas pelos outros homens. (1967, p.14)

A cidade se configura, portanto, num espaço complexo, atrelado às relações sociais existentes. A cidade, desta forma, não pode ser resumida apenas a espaços isolados, mas na associação entre espaços e sujeitos dentro de uma sociedade. Assim sendo, cabe destacar que não se pode definir cidade sem compreendê-la enquanto espaço social compartilhado, onde se encontram uma diversidade de relações, disputas de poder e interesses que muitas vezes divergem entre si. Além

disso, vale ressaltar que esses interesses diversos podem reforçar práticas segregadoras, valorizando uma cultura legitimada pela classe hegemônica e desconsiderando as culturas populares.

A cidade, então, gera espaços que estão articulados a um determinado tempo ou momento histórico e são importantes para a transmissão de diversas culturas. Dietzsch (2006) associa a cidade a um texto, pois dentro dela encontram-se leituras diversas, imagens e sentidos que possibilitam diversas interpretações. Para a autora, ler a cidade não se resume no simples transitar pelos seus espaços e na construção de mapas para a localização. Entender a cidade é encontrar significados dados pelos sujeitos, é compreender a visão dos diversos habitantes presentes nos espaços, é captar as inúmeras contradições sociais que por um lado pode trazer consigo a violência e a miséria e por outro, o luxo e o consumo.

Para Dietzsch (2006) embora tenha se acabado o papel das praças (no sentido de ágoras), ainda existem outros locais que possibilitam ao homem falar, ouvir, contar e memorar, que são espaços como museus, bibliotecas, teatros, escolas, ruas entre outros locais que possibilitam a interação entre os sujeitos.

Entretanto, embora se reconheça a importância de vivenciar os espaços da cidade, esta adquiriu um rótulo de local perigoso e não dedicado às crianças. Dessa forma, Lima (1989), com base na sua pesquisa sobre a infância e a cidade, salienta que os espaços que passaram a ser destinados às crianças foram espaços públicos e privados, como escolas, clubes e suas próprias moradias. Identificou que as crianças de periferia vivenciavam muito mais o bairro, se comparado com as crianças moradoras de apartamentos, pois para ela:

A comparação entre crianças dos apartamentos, das favelas, dos cortiços e dos bairros de periferia de São Paulo aponta para o fato de que as primeiras apresentavam maior dificuldade de situar-se no espaço maior do entorno ou do bairro, descreviam com frases incompletas e sem qualquer detalhe objetos ou elementos que lhe eram familiares. [...] As crianças dos bairros periféricos eram, em todas as ocasiões, as mais dispostas a falar; identificavam ruas e casas através de outras coordenadas de sua experiência cotidiana e demonstravam o domínio do território através de gestos e desenhos. (1989, p.98)

A partir da citação acima, é possível compreender que ao ter acesso ao bairro, as crianças têm maiores possibilidades de conhecer e se localizar nos



diversos espaços devido suas experiências cotidianas. Dessa forma, é importante considerar que não basta criar espaços intencionais para as crianças, mas possibilitar que elas vivenciem o bairro em si e tenham experiências de brincadeiras e socialização com os diferentes grupos geracionais.

Compreende-se, portanto, a importância da cidade na construção da subjetividade dos indivíduos. Relacionado a isso, Martínéz Bonafé (2010) discute a cidade como uma forma material de cultura, como aquela que faz emergir mensagens, que constrói e destrói experiências. Deste modo, a cidade para ele é como um currículo, pois ao mesmo tempo que “o sujeito habita a cidade ele é habitado por ela”, também “o currículo habita o sujeito e é habitado por ele” (2010, p.445). Isso quer dizer que ao mesmo tempo em que o sujeito produz a cidade, esta também produz o sujeito.

O autor faz uma crítica com relação aos espaços que as escolas costumam visitar na cidade, pois normalmente são museus e espaços que reforçam uma cultura hegemônica. Ele menciona a importância de valorizar também os saberes e significados que surgem a partir das experiências obtidas pelos sujeitos. Para ele, a cidade pode, por um lado, reforçar a ideia de consumo e legitimar uma cultura dominante, por outro lado, trazer subsídios para a ampliação de conhecimentos e emancipação humana. Para ele:

A cidade é então o âmbito de criação de experiências culturais nas quais as mensagens normalizadoras que nutrem o desejo consumista do indivíduo podem ser ao mesmo tempo as que desempenham um papel emancipador. (2010, p.449)

Dessa forma, entende-se a cidade como formas de expressão dos sujeitos. Como já discutido, a cidade é àquela que guarda memórias passadas e presentes, sendo construída a partir das relações sociais e materializada no espaço. O bairro, assim como a cidade também carrega consigo a manifestação e ação dos sujeitos, não pode ser entendido como um mero pedaço da cidade, mas deve ser visto como um local que carrega significados dados pelos sujeitos e identidades diversas. Para Azeredo (2016) o bairro é constituído de uma partilha coletiva, em que se inserem diversas expressões sociais, é um lugar em que existem “vivências-convivências-

conveniências”, e que os sujeitos compartilham e vivenciam diariamente. Ela considera que:

o bairro é locus da experiência urbana, onde se dá o acúmulo de conhecimentos, atitudes e valores que são produzidos e reproduzidos. É nele que se assenta a materialidade da vida de seus habitantes, através de processos de mobilidade e permanência. Através dele é possível compreender que as dinâmicas dos deslocamentos se cruzam com as de pertencimento. (2016, p.47)

A autora destaca que o bairro é lugar de convivência humana e traz consigo as experiências sociais passadas e presentes, é onde os sujeitos vivem e deixam suas marcas sociais. Para Authier (2006) o bairro pode influenciar nos modos de agir dos indivíduos, ele não é apenas um cenário neutro, ao contrário ele carrega experiências sociais e produz efeitos nos modos de vida dos sujeitos. Nesse sentido, considera-se que o bairro e a cidade colaboram na construção das redes de interdependência dos indivíduos, eles trazem consigo significados e identidades sociais, o que contribuem para a construção da subjetividade desses indivíduos. Dessa forma, entende-se como fundamental que as crianças tenham a possibilidade de vivenciar e deixar suas marcas no bairro e que também possam se expressar e expor suas opiniões para que sejam pensadas em práticas e espaços que valorizem as suas necessidades. Abaixo é possível notar algumas opiniões das crianças pesquisadas sobre o que gostariam de mudar no bairro:

- Eu pintaria as praças, as escolas e tiraria todas as coisas de longe e colocava mais perto. (JOANA, 4º ano).
- Seria um bilhão pra quem trabalha... O salário no mês. (JHENIFER, 5º ano).
- Eu queria que o campinho fosse futsal. (JÚLIO, 4º ano)

Nesse sentido, é importante pensar no que as crianças têm a nos dizer sobre a cidade e o bairro. Porém, elas muitas vezes são esquecidas e suas opiniões desconsideradas quando se trata de políticas públicas. Ou seja, as decisões a serem tomadas para as crianças, não vêm das crianças e sim de uma visão adultocêntrica que muitas vezes não escuta as necessidades dos pequenos. Portanto, é de suma importância ouvir o que as crianças têm a dizer sobre os espaços que frequentam,

pois, de acordo com Muller (2012), em pesquisa realizada em três bairros de Porto Alegre por meio de fotografias e conversas, as crianças atribuem significados aos espaços que participam e para ela, é necessário “incluir as crianças nas discussões sobre a cidade que habitam e de promover o diálogo com elas, de forma a engajá-las nos processos de mudança” (2012, p.313). Nessa lógica, ela considera que a cidade deve ser pensada também a partir do que as crianças propõem, pois elas também são sujeitos de direito e atores sociais, dessa forma, elas devem ser ouvidas já que também fazem uso dos espaços do bairro e cidade. Já Tavares (2010) destaca, a partir de um trabalho realizado com alunos na cidade de São Gonçalo no Rio de Janeiro, que as crianças ao refletirem sobre a cidade, são potencializadas a compreendê-la como “um lugar privilegiado para aprendizagem da convivência democrática” (2010, p.16).

A partir disso, é importante mencionar que esse alto confinamento da infância impossibilita que as crianças possam vivenciar e compartilhar experiências dentro dos espaços presentes no bairro. Considera-se, portanto, que os espaços presentes no bairro e na cidade são fundamentais para a socialização das crianças, tanto com os pares como com os adultos. Esses espaços são de grande importância para ampliação cultural, o conhecimento espacial e a formação de um pensamento crítico com relação à sociedade.

### **3 CONTEXTUALIZANDO O CAMPO: METODOLOGIA UTILIZADA E ESPAÇO PESQUISADO**

Neste tópico serão trazidas as descrições de todo o percurso percorrido e dos instrumentos metodológicos utilizados, além de apresentar o campo de pesquisa, bem como as características da cidade de Curitiba, do bairro Tatuquara, do entorno da escola pesquisada e das instituições oferecidas e frequentadas pelas crianças.

Quanto aos instrumentos metodológicos, buscou-se analisar no referencial teórico, autores que desenvolvem pesquisas com crianças partindo dos pressupostos da Sociologia da Infância, ou seja, valorizando a criança enquanto sujeito social e ouvindo o que ela tem a dizer sobre os espaços por ela frequentados. Para isso, os principais autores utilizados para se pensar a metodologia deste trabalho foram: Dornelles e Fernandes (2015), Muller (2007), Gobbi (2002) e Demartini (2002). Além da Sociologia da Infância, foi utilizado também, um alicerce nas Ciências Sociais, partindo dos conhecimentos referentes às redes de interdependência e configuração social de Elias, buscando analisar como são compostas as redes quanto às questões espaciais e institucionais

Com relação ao campo pesquisado, desenvolveu-se uma análise da cidade de Curitiba por meio de dados disponibilizados pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano (IPPUC), pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) e por meio de sociólogos e pesquisadores que estudam a cidade de Curitiba. Além disso, foram analisados os espaços da cidade frequentados pelas famílias pesquisadas, moradores do Tatuquara, por meio de questionários respondidos por elas, apresentando frequência em shoppings, teatros, cinemas, parques, bibliotecas e outros. Além da cidade, foi desenvolvida uma análise de dados sobre o bairro, como por exemplo: questão econômica, social, espaços de lazer e cultura, instituições oferecidas etc. Essas informações foram recolhidas a partir de dados do IPPUC, sites da prefeitura, pesquisadores que estudam o bairro e por meio dos dados dos questionários respondidos por famílias moradoras do Tatuquara. Por fim, na busca por verificar os espaços institucionais oferecidos para as crianças, foram realizadas conversas com as crianças e agentes institucionais

para averiguar quais são os espaços e atividades ofertadas para as crianças e como esses espaços e atividades podem auxiliar na construção das redes de interdependência dos pequenos. Essas discussões supracitadas estarão detalhadas nos tópicos a seguir.

### 3.1 EM BUSCA DA COMPREENSÃO DAS REDES DE INTERDEPENDÊNCIA DAS CRIANÇAS PESQUISADAS

A criança, como já dito anteriormente, é capaz de construir significados acerca das relações e espaços que está inserida. Assim sendo, torna-se necessário desenvolver análises que compreendam a criança em suas múltiplas dimensões e possibilite um aprofundamento maior sobre seus posicionamentos e sentimentos com relação aos espaços (institucionais, do bairro, cidade etc.), na busca por verificar como são as redes de interdependência dessas crianças pesquisadas.

Para entender essas redes de interdependência, torna-se necessário quebrar com essa concepção de que o indivíduo é resultado de uma formação social, desconsiderando, deste modo, que tem possibilidades de atuar enquanto sujeito dentro dessas estruturas sociais. Para Elias (1990) os indivíduos são unidos uns aos outros das mais diversas maneiras, constituindo teias de interdependência. Nesse sentido, não devem ser vistos como meros objetos de pesquisa, mas como indivíduos que atuam dentro dessas teias de relações que os envolvem. Nessa pesquisa Elias tem forte importância no sentido de abrir um leque de possibilidades de ver o indivíduo dentro de suas relações sociais, não desconsiderando sua ação enquanto “indivíduos particulares” (1990, p.16). Compreender as teias de interdependência das crianças possibilita, de um lado, verificar as relações sociais, ideologias e aspectos culturais presentes no cotidiano das crianças, e por outro lado, possibilita verificar a atuação e mudanças de posição dentro das redes de interdependência que os pequenos estão inseridos.

Para tal, considera-se importante valorizar os saberes e perspectivas dessas crianças, analisando como veem os espaços institucionais que lhe são ofertados (ou os que escolhem participar) e outros espaços do bairro e como interagem nesses espaços. Para Dornelles e Fernandes (2015) as crianças devem ser ouvidas nas

pesquisas para que sejam ampliados os conhecimentos com relação à infância, somente as crianças podem falar quais são suas opiniões e necessidades, não apenas os adultos que atendem as mesmas. Assim sendo, é necessário desenvolver um olhar atento com relação às crianças, para que seja possível compreender de modo mais amplo suas reais visões com relação aos espaços e às instituições ofertadas para as mesmas.

Para Lahire (2003), o sujeito pesquisado realiza um trabalho de seleção de suas experiências na relação investigador/investigado, o que muitas vezes acaba deixando enterradas algumas dessas experiências, de modo que o pesquisador não consiga captá-las para a realização da pesquisa. Assim sendo, há a necessidade de buscar compreender as crianças em suas múltiplas linguagens, para que a pesquisa possa trazer um conhecimento mais legítimo e mais próximo de suas realidades.

Neste sentido, esta pesquisa visa compreender a criança em sua totalidade, verificando os espaços onde vive, lugares que frequenta e suas relações com outras crianças e adultos. A metodologia de pesquisa utilizada também foi inspirada em Becker (1999), que apresenta uma perspectiva mais aberta, pois considera que não existe um manual que possa descrever o tipo de metodologia a ser desenvolvido, mas tenta mostrar aos pesquisadores que ela deve ser pensada a partir de suas necessidades, buscando numa multiplicidade de informações e fontes as respostas dos problemas apresentados. Assim, conhecer o campo, os agentes institucionais, as famílias e as crianças, torna-se fundamental para compreender as redes de interdependência das crianças pesquisadas.

Para Demartini (2002), muito mais do que pesquisar relatos sobre a infância, é importante também, ouvir os relatos das próprias crianças, ou seja, ouvir o que elas têm a dizer, suas angústias, críticas e posicionamentos, pois o que as crianças dizem sempre está envolvido a uma identidade que foi construída dentro de um espaço e grupo social. Nas palavras da autora:

É preciso desvendar inicialmente a história de cada criança, do grupo a que esta criança pertence e do grupo que ela está ligada no momento da pesquisa. Quer dizer, se é aquele grupo escolar, se é aquela instituição, se é aquela creche, se é a rua; verificar, enfim, o grupo com o qual ela se relaciona ou mesmo a criança sozinha [...] É preciso verificar quais são as

marcas de cada criança, as marcas de cada infância e os processos de socialização. (Demartini, 2002, p. 8).

Neste trabalho considera-se, então, a importância de ouvir a criança enquanto sujeito, ao mesmo tempo buscar compreender a realidade vivenciada por ela, o contexto em que ela está inserida, suas redes de relações, espaços institucionais e do bairro, compreendendo a condição social e organização familiar, entre outros. Para isso, a seguir, serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados na busca por compreender as redes de interdependência das crianças pesquisadas no bairro Tatuquara. No quadro a seguir (QUADRO 1), traz-se resumidamente o caminho percorrido pela pesquisadora para responder ao problema de pesquisa levantado:

QUADRO 1 – OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Objetivo	Procedimentos metodológicos
- Mapeamento e análise dos espaços da cidade e do bairro.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pesquisa em documentos do IPPUC, DIEESE e IBGE referentes à cidade e ao bairro Tatuquara;</li> <li>- Entrega de questionários para os pais das crianças pesquisadas;</li> <li>- Visitas e passeios pelo bairro;</li> <li>- Fotografias tiradas pela pesquisadora.</li> </ul>
- Compreensão dos significados dados pelas crianças acerca dos espaços e instituições do bairro.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conversa de aproximadamente quarenta minutos com seis grupos de quatro crianças;</li> <li>- Desenhos realizados em grupos sobre os espaços do bairro;</li> <li>- Conversas individuais de aproximadamente 30 minutos com dez crianças sobre os espaços frequentados por elas;</li> </ul>
- Análise das atividades realizadas pelas instituições.	- Entrevistas de aproximadamente 25 minutos com oito agentes institucionais.

FONTE: A autora (2017).

### 3.1.1 Conhecendo o campo de pesquisa

Para retratar o espaço é preciso compreendê-lo em suas múltiplas dimensões, destacando não apenas sua posição no mapa, mas as relações sociais estabelecidas pelos sujeitos sociais, as identidades construídas, as desigualdades existentes na cidade e no bairro, os espaços públicos e privados, enfim, uma

multiplicidade de fatores que não podem ser descolados da realidade e das relações ali presentes.

Dessa forma, com o intuito de contextualizar o espaço pesquisado, buscou-se, primeiramente, verificar documentos que continham dados estatísticos e mapas que mostraram as características da cidade de Curitiba. Esses dados, como já mencionado anteriormente, foram recolhidos em documentos da prefeitura de Curitiba elaborados pelo IPPUC e DIEESE, baseados em dados do IBGE. Nesses mapas, foi possível capturar as diferenças sociais e econômicas presentes nos bairros da cidade. Após essa análise de dados, foram importantes também alguns autores, como Oliveira (2000) e Benvenuti (2014) que trouxeram contribuições acerca da construção da arquitetura da cidade de Curitiba, do transporte, espaços culturais e parques.

Além dos documentos e dos teóricos, outros instrumentos foram importantes para discutir a cidade, bem como, notícias e imagens pesquisadas na internet, contribuindo para a ampliação de instrumentos de pesquisa, na busca por entender a desigualdade presente nos bairros e a construção de uma imagem positiva de Curitiba, que mascara muitos problemas que são encontrados nos espaços urbanos. Outras análises foram realizadas por meio de observações do caminho até o Tatuquara, que contribuíram para discutir e pensar, na prática, esses processos de desigualdade entre os bairros.

Depois de analisar dados sobre a cidade, buscou-se compreender as especificidades do bairro. Neste momento, também foram utilizados alguns documentos encontrados no site da prefeitura, algumas notícias que apresentavam os espaços de lazer e cultura disponíveis no bairro e alguns autores, como Souza (2002), que foram de extrema importância para se pensar a imagem que é transmitida do bairro. Ainda para conhecer melhor o Tatuquara, foram feitas algumas visitas e passeios pelo local, mapeando os espaços públicos no entorno da escola, para conhecer e verificar a utilização desses espaços pelas crianças da comunidade.

Posteriormente, buscou-se entender um pouco sobre a comunidade pesquisada e para isso foram entregues 70 questionários (APÊNDICE 1) às famílias



de crianças de três turmas de uma escola<sup>9</sup> no bairro Tatuquara, turmas essas de 1º, 3º e 4º anos<sup>10</sup> (tendo um retorno de 57 questionários). Com a coleta destes dados foi possível verificar o perfil social e econômico das crianças pesquisadas e quais os espaços e instituições do bairro e da cidade eram frequentados e utilizados por elas. Esses questionários apresentavam perguntas sobre os espaços institucionais frequentados pelas crianças, passeios com a escola, com a família e com os amigos em espaços do bairro ou da cidade, a frequência em espaços religiosos, profissão, escolarização e renda das famílias. Tais dados foram fundamentais para conhecer os espaços oferecidos pelo bairro e visitados pelas instituições e os locais mais frequentados pelas crianças, além de trazer um panorama geral das características da comunidade atendida.

### 3.1.2 Entrevistas com os agentes institucionais

Primeiramente, para conseguir ter acesso aos agentes institucionais, foram analisados os questionários preenchidos pelas famílias e as conversas com as crianças, verificando quais espaços institucionais eram frequentados pelas crianças (ONGs, espaços religiosos, públicos e privados). Depois disso, foi elaborado um roteiro de perguntas para entrevista com os agentes institucionais (APÊNDICE 2) contendo algumas questões sobre a proposta do trabalho, a percepção dos agentes com relação ao bairro, comunidade e crianças, os objetivos do trabalho, entre outros.

Depois disso, foi elaborado um quadro com todas as instituições mencionadas nos questionários ou pelas próprias crianças, com o intuito de entrar em contato com cada uma dessas instituições. Foram pesquisados os telefones e endereços desses

---

<sup>9</sup> A escolha da escola se deu mediante uma conversa com uma funcionária do Núcleo Regional do Tatuquara, que apresentou uma escola que se localizava em uma região do bairro com uma grande oferta de instituições destinadas às crianças. Esta pesquisa foi autorizada pela Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, pela direção da escola, pelas próprias crianças e seus responsáveis, resguardando os princípios éticos discutidos pelo PPGE, na universidade.

<sup>10</sup> O início da pesquisa se deu em 2016 com a entrega dos questionários, quando as crianças estavam nos 1º, 3º e 4º anos, o final da pesquisa aconteceu em 2017 estando as crianças nos 2º, 4º e 5º anos. A escolha de turmas heterogêneas teve como intuito analisar os diferentes modos de socialização com crianças de diferentes idades. A princípio havíamos pensado em pesquisar crianças das turmas de 1º, 3º e 5º anos, para compreender desde a socialização das crianças mais novas até as mais velhas da escola. Porém, as crianças do 5º ano não estariam mais na escola ao término da pesquisa, por esse motivo modificamos a escolha das turmas.

locais e colocados em um quadro. Após esse procedimento, foram feitas ligações para agendar as entrevistas com os agentes. Alguns locais logo agendaram as entrevistas, outros passaram por procedimentos mais complexos (como envio do projeto, do roteiro de perguntas etc.) e outros a negaram. Em algumas instituições foi necessário ir pessoalmente conversar com os agentes, pois não foi encontrado o telefone na internet. No quadro a seguir (QUADRO 2) traz-se as instituições mencionadas nos questionários e pelas crianças, o tipo de instituição e se foi possível realizar a entrevista:

QUADRO 2 – ENTREVISTAS COM AGENTES INSTITUCIONAIS

NOME DA INSTITUIÇÃO	ENTREVISTA	TIPO DE INSTITUIÇÃO
<b>Associação de Proteção à Infância Vovô Vitorino</b>	Realizada.	ONG
<b>Brinquedoteca</b>	Realizada	ONG
<b>Projeto Abrindo Caminhos</b>	Realizada	ONG
<b>Igreja Católica</b>	Realizada	Religiosa
<b>Igreja Adventista</b>	Realizada	Religiosa
<b>Igreja Universal</b>	Negada	Religiosa
<b>Congregação Cristã</b>	Negada	Religiosa
<b>Ile Iansã</b>	Não foi encontrada a instituição	Religiosa
<b>Igreja da Divina Esperança</b>	Não foi encontrada a instituição	Religiosa
<b>Contraturno da escola</b>	Realizada	Pública
<b>Portal do Futuro</b>	Realizada	Pública
<b>Academia</b>	Realizada	Privada

FONTE: A autora (2017).

Dessas instituições, foram realizadas oito entrevistas, sendo três ONGs, duas instituições religiosas, duas instituições públicas e uma privada. As entrevistas foram

feitas a partir do roteiro elaborado, sendo elas gravadas e, posteriormente, analisadas. Para uma maior organização, foram construídos alguns quadros que traziam características da instituição e as impressões da autora com relação ao espaço visitado (APÊNDICES 3 ao 10). Essas entrevistas foram aprovadas pelos agentes responsáveis pelo trabalho das instituições. No caso das instituições públicas, como Clube da Gente e o Contraturno da escola, foi necessário enviar o projeto para as secretarias (da Educação e do Esporte, Lazer e Juventude) para a aprovação do comitê de ética das mesmas. Além disso, os agentes pesquisados assinaram um documento contendo seus direitos e deveres quanto ao uso das informações recolhidas, e também tiveram conhecimento do objetivo da pesquisa.

Por meio dessas entrevistas foi possível conhecer um pouco das propostas institucionais para com as crianças e comunidade, suas convicções e pressupostos, seus objetivos e as visões acerca do bairro e das crianças moradoras do Tatuquara. Essa análise possibilitou a compreensão de características das redes de interdependência das crianças pesquisadas, e como esses espaços institucionais, de alguma forma, contribuem para a formação dessas redes.

### 3.1.3 Procedimentos metodológicos com as crianças pesquisadas

Neste tópico serão trazidas as estratégias utilizadas para a compreensão das redes de interdependência dessas crianças. Como já dito anteriormente, considera-se neste trabalho que a criança atua nos espaços a partir das características de sua rede de interdependência. Dessa forma, conhecer o bairro, a comunidade e as instituições que atendem as crianças foi fundamental para compreender como suas redes estão estruturadas com relação aos espaços e valores presentes em cada um dessas instituições. Porém, considera-se importante ouvir os posicionamentos trazidos pelas crianças acerca dos espaços, para então, perceber como a criança se desloca em sua rede de interdependência a partir do que ela tem possibilidade de vivenciar no bairro ou cidade.

Para ter um primeiro contato com as crianças foi necessário adentrar ao espaço escolar, sendo escolhidas, para essa etapa da pesquisa, algumas das

crianças em que as famílias preencheram os questionários sobre os espaços institucionais e do bairro, frequentados por elas. Foram selecionadas 24 crianças<sup>11</sup> (sendo elas divididas em seis grupos com quatro crianças em cada grupo) para compreender os significados que elas davam para os espaços, atividades e instituições que frequentavam, tentando captar nas suas falas seus modos de brincar e agir em cada um desses espaços. Dessas crianças, quinze eram meninas e nove meninos<sup>12</sup>.

Esses grupos focais se deram em uma sala disponibilizada pela escola, sendo dois grupos de cada ano pesquisado (2º, 4º e 5º anos). As conversas iniciaram por meio de desenhos, em que a pesquisadora solicitava que as crianças desenhassem o bairro, os espaços que frequentavam, gostavam ou conheciam. Esses desenhos possibilitaram que as crianças conversassem e apresentassem suas perspectivas com relação ao espaço do bairro. Gobbi (2002) menciona que o desenho é um meio de possibilitar um maior aprofundamento sobre os modos com que as crianças percebem o mundo que está a sua volta. De acordo com ela, as crianças, nas pesquisas, muitas vezes são vistas com o olhar do adulto, não tendo possibilidade de falar e expressar suas opiniões. O desenho, portanto, entra como meio de compreender os olhares das crianças, as formas como elas veem o mundo em que vivem, seus sentimentos, imaginações, significados e desejos.

Depois do desenho foram realizadas algumas perguntas, a partir de um roteiro semiestruturado (APÊNDICE 11), objetivando compreender seus posicionamentos acerca dos espaços do bairro e dos espaços institucionais que frequentavam. Essas conversas foram gravadas, transcritas e analisadas, com o intuito de verificar os espaços mencionados e suas perspectivas com relação a tais espaços. Após toda essa análise, foram selecionadas nove crianças para um aprofundamento maior e um conhecimento mais amplo de suas redes de interdependência. Para isso, retornou-se à escola para conversar com essas crianças de forma individual, sendo novamente, essas conversas gravadas e analisadas pela pesquisadora. Essa conversa foi baseada em fichas criadas a partir

---

<sup>11</sup> As crianças foram escolhidas pela pedagoga da escola, seguindo os seguintes critérios: crianças brancas e negras, meninos e meninas, idades diferentes e se participavam de alguma atividade em espaço institucional.

<sup>12</sup> Os bilhetes de autorização foram enviados para várias famílias (número maior que 24), sendo a maior parte assinados por famílias de meninas, e realizadas conversas com as crianças que foram autorizadas pelos pais, ou seja, 15 meninas e 9 meninos.

do contato anterior com as crianças, buscando aprofundar alguns aspectos citados por elas durante as conversas nos grupos focais. Essa segunda conversa ajudou esclarecer algumas questões que não haviam sido exploradas no primeiro momento e possibilitou que as crianças contassem fatos que foram além do que foi discutido no grupo focal. Isso garantiu um maior aprofundamento para o conhecimento de suas redes de interdependência.

Nesse sentido, para uma primeira organização dos dados dessas conversas, buscou-se utilizar alguns aspectos metodológicos da “Análise de Conteúdo<sup>13</sup>”, que para Bardin (2016), trata de um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam aos diferentes tipos de discursos e comunicações. Esses discursos são analisados com base em indicadores de frequência e por meio de indicadores combinados, sendo analisados todos os vestígios presentes nesta comunicação. Portanto, no primeiro momento foi realizada uma “leitura flutuante” (Bardin, 2016, p.68) de todas as transcrições das conversas com as crianças e, a partir disso foram organizadas as primeiras categorias (consideradas mais presentes nas conversas), sendo elas: espaços do bairro e cidade, espaços institucionais e posicionamentos sobre o bairro.

Essas formas de organização contribuíram para verificar os aspectos que estavam mais fortemente presentes nas redes das crianças e buscou desvendar se e como os espaços, sujeitos e instituições modificam de alguma forma a posição das crianças nessas redes de interdependência no bairro Tatuquara.

### 3.2 ANÁLISES SOBRE A CIDADE DE CURITIBA

Curitiba é a capital do Paraná, localizada no sul do Brasil, sendo fundada oficialmente em 1693<sup>14</sup>. A cidade, em 2010, de acordo com o Censo Demográfico contava aproximadamente com 1.751.907 habitantes numa área de aproximadamente 438.733 quilômetros quadrados. De acordo com o Departamento

---

<sup>13</sup> Essa pesquisa não trata de uma análise de conteúdo propriamente dita, ela apenas se apropria de alguns aspectos específicos que contribuíram para a análise do material pesquisado.

<sup>14</sup> Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/perfil-da-cidade-de-curitiba/174>

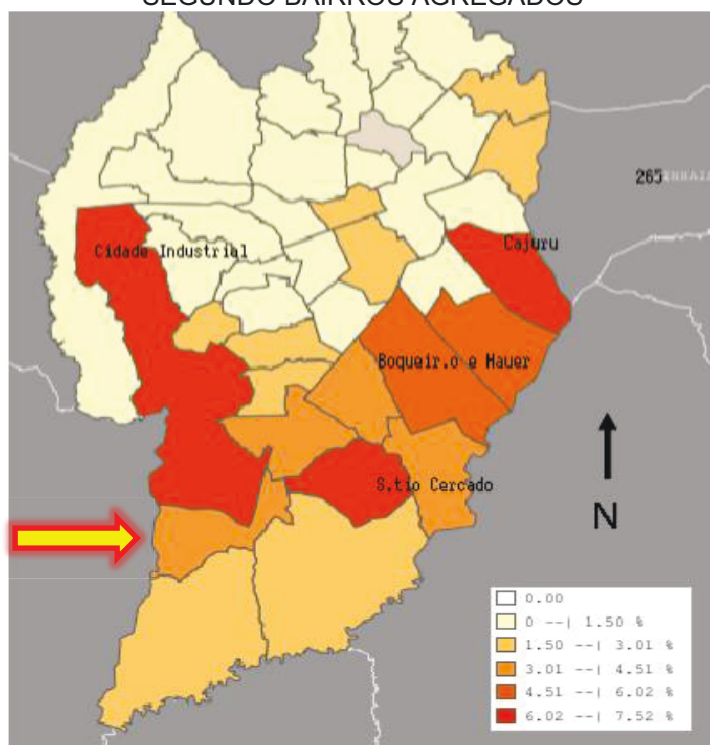
Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômico (DIEESE), os bairros agregados<sup>15</sup> (Divisão – ANEXO 1) mais populosos da cidade de Curitiba são: Cidade Industrial (CIC), Sítio Cercado e Cajuru, que juntos somam cerca de 22% de toda a população da cidade.

Outro dado interessante de ser analisado, presente no DIEESE é com relação à população negra nos bairros de Curitiba, em que o maior índice de pessoas negras habitam nos bairros agregados: Cidade Industrial, Sítio Cercado e Cajuru, ou seja, os bairros agregados mais populosos de Curitiba possuem maior contingente de pessoas negras. No mapa abaixo pode ser notado também que a maior parte dos bairros que possuem um grande contingente de pessoas negras estão mais localizados na região sul, e quando mais próximo do norte, estão próximos à região metropolitana. Percebe-se, assim, que os bairros mais ao norte possuem um menor índice de moradores negros, o que pode trazer um indício das desigualdades raciais presentes na cidade de Curitiba. O bairro da pesquisa (o Tatuquara), que está marcado com uma flecha amarela, mostra também um número elevado de moradores negros, se comparado com os bairros localizados na região norte da cidade.

---

<sup>15</sup> “Por bairros agregados, considera-se a união de uma ou mais áreas de ponderação, unidade de referência utilizada pelo IBGE, para organizar os setores censitários, a menor unidade reconhecida para avaliar os resultados das pesquisas domiciliares do instituto. Para construir os “bairros agregados” o DIEESE agrupou áreas de ponderação do IBGE de maneira com que os 72 bairros que compõem a administração municipal não fossem divididos, seguindo o seguinte critério para a nomenclatura: I. Áreas de ponderação que correspondiam aos bairros manteve-se o nome do bairro. II. Áreas de ponderação que englobavam dois bairros receberam o nome dos dois bairros III. Áreas de ponderação com três ou mais bairros receberam o nome do bairro de relevância IV. Áreas de ponderação que cortavam os bairros foram agregadas em um novo conjunto”. (Dieese, 2016, p.6)

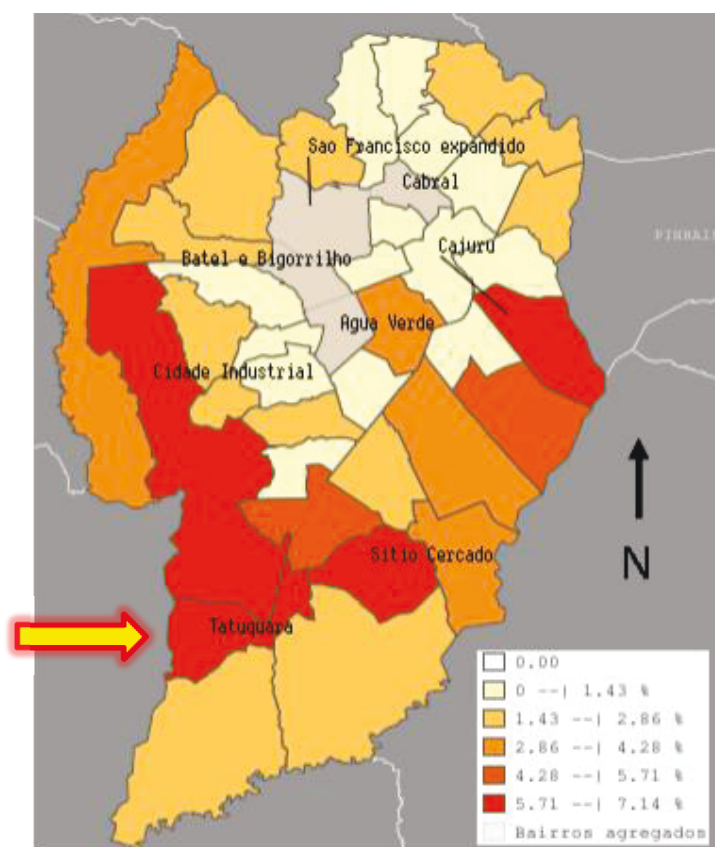
MAPA 1: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO NEGRA EM RELAÇÃO AO MUNICÍPIO, SEGUNDO BAIROS AGREGADOS



FONTE: Censo/IBGE (2010). ELABORAÇÃO: DIEESE (2010).

Outro aspecto importante trazido no DIEESE está relacionado à capacidade de leitura e escrita da população curitibana, em que, de acordo com os dados presentes no mapa, os bairros agregados Cidade Industrial, Sítio Cercado, Cajuru e Tatuquara são aqueles que se encontram com o maior número de pessoas que não são alfabetizadas. Neste sentido, é possível verificar que os locais mais populosos e com maior contingente de pessoas negras também coincidem – como é o caso dos três primeiros, e mais o Tatuquara (que é o bairro que está sendo analisado nesta pesquisa) – em não ter assegurados seus direitos quanto ao acesso à leitura e à escrita. Além disso, essas regiões supracitadas também, normalmente, possuem uma distância maior do centro ou estão localizadas em espaços mais à margem da cidade. A seguir, o mapa (MAPA 2) mostra a capacidade de escrita de todos os bairros agregados da cidade, sendo o Tatuquara, o bairro da pesquisa, apresentado com a flecha amarela:

MAPA 2: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA SEM CAPACIDADE DE ESCRITA SEGUNDO MUNICÍPIO



FONTE: Censo/IBGE (2010). ELABORAÇÃO: DIEESE (2010).

Nesse sentido, percebe-se que a desigualdade quanto ao acesso à escolarização está fortemente presente nos bairros Cidade Industrial, Sítio Cercado, Cajuru e Tatuquara, o que indica possivelmente uma marginalização das classes populares aos bairros mais populosos e com maior contingente de pessoas negras.

Essa desigualdade presente na cidade pode ser analisada a partir das contribuições de Oliveira (2000), que observou a construção do plano diretor na cidade na década de 1960 e os impactos ocasionados na vida da população a partir das mudanças urbanas. O autor destaca que em 1960 se buscava um plano diretor que pudesse atender as necessidades urbanas de Curitiba, já que a cidade estava contando com um grande crescimento populacional. Um dos planos utilizados, antes



dessa década, foi o plano Agache<sup>16</sup>, que tinha como proposta solucionar problemas urbanos e habitacionais da cidade.

Souza (2001) salienta que nas décadas de 1960 e 1970 foram elaboradas e experimentadas algumas mudanças urbanas na cidade de Curitiba, o que ocasionou um afastamento da população com menor renda para as margens ou para a região metropolitana. O autor faz uma análise do Plano Preliminar de Urbanismo (PPU), que foi criado em 1964, tendo como objetivo “uma total reordenação da cidade capaz de modernizá-la para o desenvolvimento econômico” (2001, p.110). Nessa década (1960) havia um grande crescimento da população no bairro Boqueirão (localizado no sul da cidade de Curitiba), entretanto, a maior parte dessa população era de pessoas analfabetas, negras e de classes populares, além disso, suas moradias eram consideradas “ocupações urbanas desordenadas” (Souza, 2001). Isso resultou em estratégias urbanas que excluíram a população por meio de um planejamento, que realizou intervenções e criação de equipamentos públicos em espaços de maior prestígio social. Souza (2001) destaca que:

Equipamentos urbanos planejados devem ser entendidos como equipamentos de poder, pois atuam dividindo certos espaços, integrando, combinando ou bloqueando outros, reforçando as hierarquias sociais e normalizando comportamentos. Os equipamentos distribuídos na cidade, a partir de estudos técnicos rigorosos, codificam os fluxos, regulam as exclusões, ou inclusões parciais, dos diferentes habitantes urbanos diante dos múltiplos espaços (2001, p. 109).

Percebe-se que algumas mudanças urbanas podem afetar diretamente alguns grupos sociais. Foi o que aconteceu neste momento histórico, em que a organização do espaço acabou reforçando os processos de exclusão das camadas populares, sendo o desenvolvimento urbano “saudável”, como expõe Souza (2001), aquele que atendia apenas as elites e os imigrantes europeus, já a população moradora das ocupações deveria se adaptar aos processos de mudanças na cidade.

Em 1964, de acordo com Benvenuti (2014), foi criado um concurso para a elaboração de um plano preliminar de urbanismo em Curitiba, contando com a

---

<sup>16</sup> Plano encomendado para a cidade de Curitiba em 1941 e entregue em 1943 pelo Francês Alfredo Agache, que orientou as autoridades municipais até o ano de 1958. De acordo com Oliveira (2000), tal plano apenas interviu em algumas regiões mais localizadas no centro da cidade de Curitiba.

participação de grandes empresas conhecidas nacionalmente, sendo o projeto vencedor a empresa Sociedade Serete de Estudos e Projetos Ltda. e Jorge Whilheim Arquitetos Associados. Esse projeto tinha como proposta:

[...] o crescimento linear privilegiando o desenvolvimento no eixo nordeste-sudoeste, hierarquia de vias destinadas à circulação, adensamento, policentrismo, alterações no zoneamento, espaços exclusivos para pedestres, espaços para lazer, ampliação e adequação das áreas verdes e criação de uma paisagem específica da cidade. (BENVENUTTI, 2014, p. 3)

Essas propostas foram apresentadas à população por meio do Seminário Curitiba do Amanhã, entre os dias 9 e 30 de julho de 1965. Os debates reuniram diversos agentes, como arquitetos, urbanistas, estudantes, engenheiros, entre outros. Para Benvenutti (2014) esse evento, apesar de esclarecer para a população os projetos e propostas que seriam implantados, não possibilitou a participação ativa da população que assistiu apenas como espectador, além de não consultar também as populações residentes em áreas tidas como irregulares. Foi a partir de 1971 que o plano acima mencionado foi posto em prática, sendo realizadas diversas modificações no cenário urbano, como:

[...] implantação do calçadão de uso exclusivo para pedestres, melhoramento das praças, ampliação e criação de novas áreas destinadas ao lazer, implantação de grandes parques públicos, abertura dos eixos estruturais, inauguração do novo sistema de transporte, transformação de edificações industriais desativadas em espaços culturais, como o Centro de Criatividade (antiga fábrica de cola e beneficiamento de couro) e o Teatro Paiol (antigo depósito de munições e arquivo), a implantação da Cidade Industrial de Curitiba – CIC, entre outros projetos. (BENVENUTTI, 2014, p. 4)

Embora tenham existido algumas mudanças dentro dos espaços urbanos na capital do Paraná, muitas delas ainda estavam inspiradas no Plano Agache, implantado na década de 1940. Essas modificações, conforme visto, não necessariamente atenderam as demandas das classes populares, o que pode ser visto, a partir da falta de estrutura e equipamentos públicos em muitas das periferias da cidade.

Porém, para aumentar a popularidade da cidade e ampliar sua visibilidade, nas décadas posteriores à década de 1970, foram desenvolvidas diversas medidas oferecidas por grupos que apoiavam o projeto urbano da cidade, muitas destas, midiáticas. Dentre elas, Ferreira (2016) destaca que, na década de 1990, o campo educacional foi um dos campos essenciais e estratégicos na divulgação, por meio de materiais curriculares entregues as escolas, da ideia de “cidade modelo, ecológica e de planejamento exemplar” (2016, p. 34). Esses materiais, de acordo com a autora, buscavam trazer uma imagem positiva da cidade, que muitos moradores nem sempre se identificavam. A seguir é possível notar a proposta desse material no trecho publicado em um blog do atual prefeito de Curitiba (1993-1997 e 2017-2020):

Composta de 10 livros escolares que atendem da 1ª à 4ª série do 1º grau, ensinam, além de ler, escrever e contar, a conhecer e amar a cidade. A alfabetização e o aprendizado universal são conduzidos com categorias de cidadania local, dentro do princípio de que o homem universal nasce na compreensão da sua aldeia. (GRECA, 2008)

A partir desse trecho é possível notar essa busca por produzir uma mentalidade única acerca da cidade, de fazer a população “amar” o espaço em que vive, mesmo que essa cidade seja apenas identificada por poucos, apenas por aqueles que habitam em bairros mais prestigiados e mais reconhecidos por um grupo hegemônico. Para analisar quais eram os retratos produzidos de Curitiba, buscou-se pesquisar imagens da cidade por meio do Google, sendo possível notar que essa ideia de cidade bela, modelo, paisagística, com lindos monumentos ainda prevalece por meio das tecnologias midiáticas. Foi possível notar que as cinquenta primeiras imagens que apareceram no Google, sobre a cidade, apresentavam espaços de parques, prédios, espaços culturais, pontos turísticos mais legitimados pelos urbanistas e pela elite da cidade, tubos de ônibus, belas ruas, entre outros. Essas imagens representam apenas uma pequena parte da cidade, que esconde e mascara a pobreza ou simplesmente ignora a sua existência. A seguir pode-se notar alguns dos espaços que mais apareceram nesta pesquisa:

FOTOGRAFIA 1 – MUSEU OSCAR NIEMEYER



FOTOGRAFIA 2 – PARQUE TANGUÁ



FONTE: Google (2017)

FOTOGRAFIA 3 – JARDIM BOTÂNICO



FOTOGRAFIA 4 – FOTO PANORÂMICA DE PARTE DA CIDADE DE CURITIBA



FONTE: Google (2017)

As imagens apresentadas mostram somente espaços da cidade de Curitiba localizados em bairros legitimados pela classe hegemônica, com uma população com maior poder aquisitivo, sendo localizados em regiões centrais ou ao norte da cidade. Os espaços da região sul ou locais ainda mais periféricos normalmente são invisibilizados ou escondidos, ficando à margem da cidade.

Nesse sentido, com o intuito de verificar os espaços da cidade visitados pelas famílias e crianças da pesquisa realizada, buscando compreender se essas crianças moradoras do bairro Tatuquara têm acesso aos locais mais reconhecidos pelos grupos hegemônicos de Curitiba, foram tabulados e analisados os dados dos questionários preenchidos pelas famílias de 57 crianças da escola pesquisada. Assim sendo, obteve-se que aproximadamente 80% das famílias pesquisadas não frequentam ou raramente têm acesso a parques e shoppings da cidade, as demais costumam frequentar esses locais nos finais de semana ou uma vez por mês. Já quando se trata de cinema, o número de famílias que frequenta ainda é menor

(cerca de 10%). Com relação às idas ao teatro, circos e museus, todas as famílias responderam que não vão ou raramente têm acesso a esses espaços.

Os parques mais citados nos questionários foram: Barigui, Reserva do Bugio (localizado no próprio bairro), Jardim Botânico e Zoológico. Já os shoppings mais frequentados pelas famílias que preencheram os questionários são o Palladium e o Total, pois estão localizados em locais um pouco mais próximos do bairro (pouco mais que 10 km) e também de mais fácil acesso por meio do transporte coletivo. Dos museus citados dez famílias mencionaram que as crianças já foram ao Museu Oscar Niemeyer<sup>17</sup> e apenas uma família comentou de um museu denominado Museu do Parque Cachoeira, que fica localizado em Araucária (Cidade da região Metropolitana que se localiza próximo ao bairro Tatuquara). As famílias citaram também circos do bairro e apenas duas crianças já tiveram acesso a algum teatro da cidade.

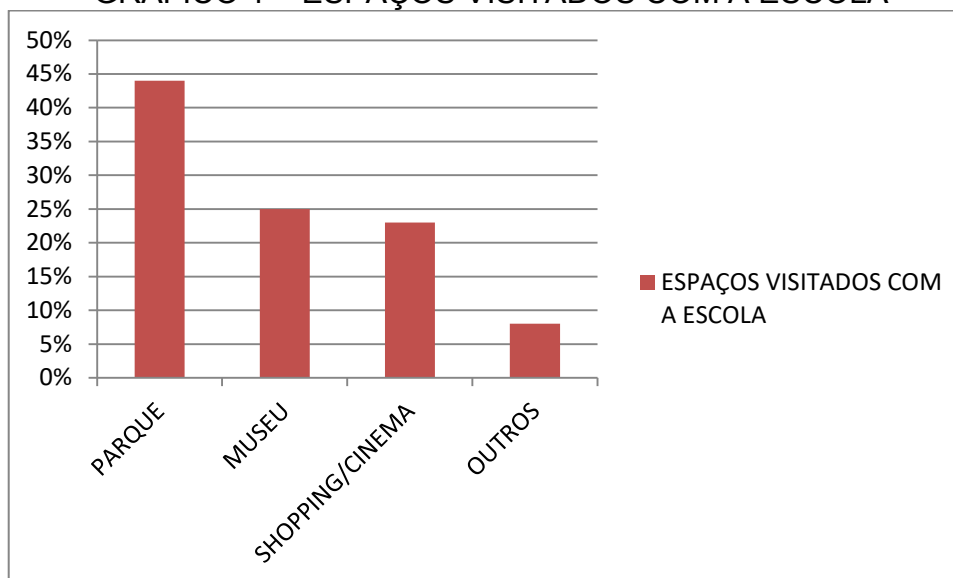
A partir disso, é possível notar que essa “Cidade Modelo”, com parques e espaços de cultura nem sempre é acessível a toda população, pois a localização desses espaços apresentados pela mídia como referência de Curitiba, fica distante de certos bairros de periferia, em que essa população com menor renda e habitante dos bairros do sul e extremo sul acaba não frequentando tais locais, devido sua distância física e social. Apenas uma parcela da população tem acesso a esses espaços da cidade, sendo possível notar, portanto, que as crianças da pesquisa não possuem esse contato com a cidade apresentada para elas por meio de materiais de divulgação ou curriculares.

Muitos dos espaços da cidade visitados pelas crianças estão relacionados a locais que elas foram com a escola. Das famílias pesquisadas, por meio dos questionários, 88% respondeu que as crianças já foram em algum passeio com a escola. Os espaços frequentados pelas crianças juntamente com a escola são:

---

<sup>17</sup> Museu de artes visuais, arquitetura, urbanismo e design da cidade de Curitiba. Conhecido por sua arquitetura diferenciada que muitos denominam como “olho”. É um dos pontos turísticos mais reconhecidos da cidade.

GRÁFICO 1 – ESPAÇOS VISITADOS COM A ESCOLA



FONTE: a autora (2016).

A partir do gráfico apresentado, é possível constatar que a maior parte dos passeios com a escola se dá em parques, sendo os mais citados o Jardim Botânico (com distância de aproximadamente 20 km da escola) e o Zoológico (cerca de 15 km de distância da escola). Os museus mais citados foram o Museu Oscar Niemeyer (com distância de aproximadamente 23 km da escola) e o Museu da Vida (com distância de aproximadamente 20 km). Na categoria shoppings e cinemas não foram citados os nomes por parte das famílias. Na categoria outros foram mencionados: Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), empresa da Coca-Cola, teatros, Portal do Futuro do Boqueirão, restaurante e circo, porém, esses espaços foram pouco citados nos questionários.

A partir dessa análise, é possível constatar o que Ferreira (2016) destacou em sua pesquisa sobre a relação entre estabelecidos e *outsiders*<sup>18</sup> presente nos discursos políticos, em que o grupo estabelecido (indivíduos com maior poder

<sup>18</sup> Os termos “Estabelecidos” e “*Outsiders*” foram utilizados por Norbert Elias a partir de uma análise da configuração social entre dois grupos em uma determinada cidade da Inglaterra na década de 1950. Os estabelecidos eram grupos de moradores mais antigos na cidade, que utilizavam de discursos discriminadores para estigmatizar o grupo dos *outsiders* (moradores novos na região). A pesquisa possibilitou que o autor pudesse visualizar as relações de poder existentes do grupo estabelecido para com o grupo outsider. Em outras obras o autor também explora estes conceitos.

simbólico<sup>19</sup> na cidade de Curitiba) buscava construir e divulgar o ideal de cidade que interessava a esse grupo, deixando de fora desta construção, divulgação e representação de cidade, o grupo *outsider* (moradores de bairros periféricos, com pouca infraestrutura). Nesse sentido, ainda hoje é possível perceber que mesmo nas escolas, muitos agentes acabam (mesmo que inconscientemente) transmitindo essa ideia de cidade modelo, levando as crianças para espaços mais legitimados de Curitiba e não em espaços presentes no próprio bairro, talvez por não existir espaços adequados para as crianças ou pelo medo da violência presente no bairro. Essa última questão pode ser verificada na fala da pedagoga responsável pelo contraturno da escola analisada:

A gente tem um espaço muito bom que é o bosque. Até o ano passado, como as crianças ficam com a gente nove horas, o ano passado a gente, né? Até a gente pensou: 'Não, vamos com eles para o parque', né? E aí a gente foi. Sorte que eu estava com uma turminha, tinha um pessoal traficando [...] É um lugar... Uma delícia para as crianças brincarem, daí a gente levou bola, aí quando a gente viu essa situação, aí a gente não foi mais, né? Porque pense: da medo você estar expondo a criança. Deus me livre se acontece alguma coisa, uma briga... Daí a gente não levou mais. (PEDAGOGA DO CONTRATURNO DA ESCOLA, 2017)

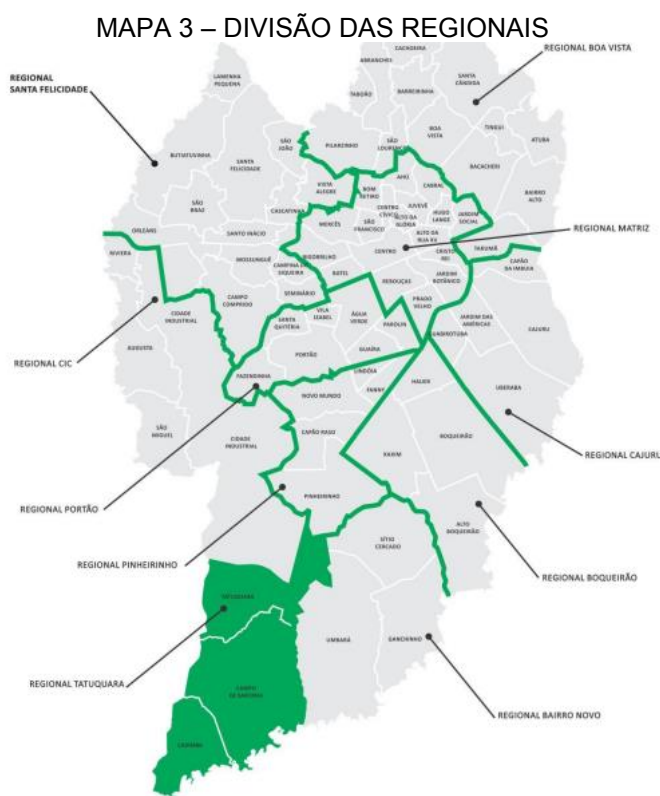
Essa fala reflete o medo com relação ao bairro, talvez pela falta de segurança, em que, mesmo tendo alguns espaços de lazer, estes locais deixam de ser frequentados pelas escolas e crianças. Em síntese, pode-se observar que embora Curitiba possua diversos espaços verdes, culturais, áreas de lazer, entre outros, isso não significa que todas as pessoas moradoras da cidade tenham acesso a esses locais, como foi possível notar nos dados trazidos nos questionários preenchidos pelas famílias das crianças pesquisadas. Essa cidade bela apresentada é para poucos, enquanto que as pessoas que vivem em regiões à margem devem “cavar oportunidades” dentro da precariedade das regiões que habitam (FERNANDES, 2016).

---

<sup>19</sup> Esses indivíduos são aqueles com maior reconhecimento social. Trata-se dos descendentes de europeus que se estabeleceram na cidade e possuem um maior status social.

### 3.3 A REGIONAL E O BAIRRO TATUQUARA

A regional Tatuquara<sup>20</sup> está localizada no extremo Sul da cidade de Curitiba, próxima das cidades da região metropolitana: Araucária e Fazenda Rio Grande. Com base no Caderno Agência Curitiba<sup>21</sup>, a regional é composta pelos bairros Tatuquara, Campo do Santana e Caximba, totalizando uma área total a 41,3 quilômetros quadrados. Abaixo é apresentado o mapa de Curitiba com as divisões das regionais de toda a cidade e suas localizações, estando a regional do Tatuquara pintada de verde, sendo possível compreender a distância existente entre a regional pesquisada e a área central da cidade:



FONTE: Agência Curitiba / Observatório Econômico (2017)

<sup>20</sup> Curitiba é dividida em dez regionais administrativas, que têm como objetivo conectar as ações das secretarias e órgãos à gestão, buscando atender aos interesses da comunidade local. Essas regionais estão localizadas nas Ruas da Cidadania (equipamento público que oferece serviços públicos diversos à comunidade).

<sup>21</sup> A Agência Curitiba “trabalha no assessoramento a investidores e empresas interessadas em instalar ou ampliar suas atividades no Município, oferecendo informações técnicas, sociais, econômicas, ambientais, dentre outras” (AGÊNCIA CURITIBA, 2017). Essa instituição também realiza estudos anuais referentes à economia dos bairros agrupados nas dez regionais administrativas da cidade de Curitiba.



Essa regional, de acordo com o caderno da Agência Curitiba, possui aproximadamente 82 mil habitantes, correspondendo a 4,7% da população de Curitiba, sendo a maior parte dessa população pertencente ao bairro Tatuquara, aproximadamente 64% do total da regional. É possível perceber, com base na tabela a seguir (TABELA 1) que nos últimos dez anos a população do bairro Tatuquara e do bairro Campo do Santana aumentou consideravelmente, possivelmente por ser uma região que fica próxima da cidade de Araucária, que possui grandes centros industriais, ou por ter recebido maiores investimentos de políticas públicas, ou ainda por possuir terrenos com preços mais baixos do que as outras regiões. Na tabela abaixo é possível verificar o número de habitantes por bairro presentes na regional e o crescimento obtido nos últimos dez anos.

TABELA 1 – HABITANTES DOS BAIRROS DA REGIONAL TATUQUARA

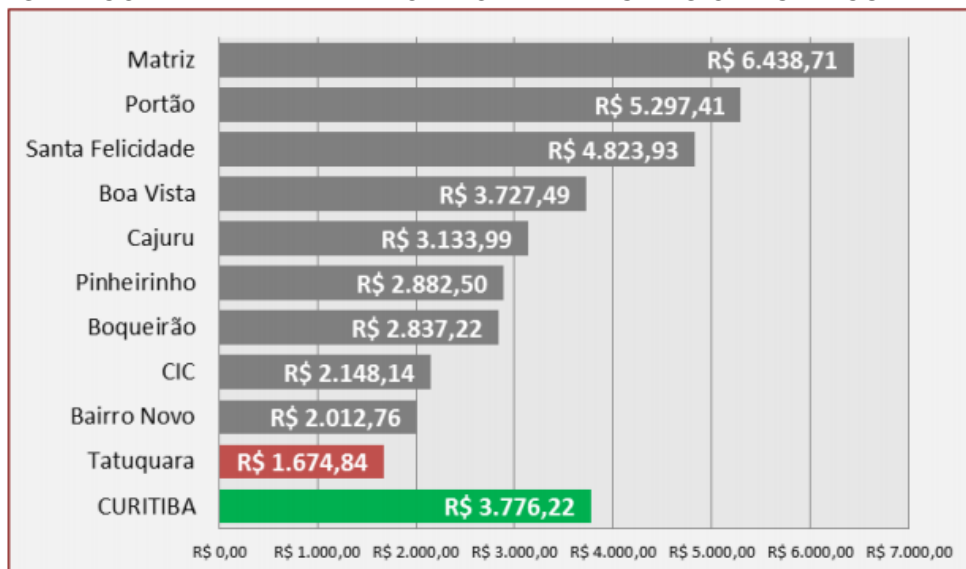
Regionais e Bairros	População		
	2000	2010	Variação 2000/2010 (%)
<b>Regional Tatuquara</b>	<b>46.149</b>	<b>81.959</b>	<b>77,6</b>
Tatuquara	36.339	52.780	45,2
Campo de Santana	7.335	26.657	263,4
Caximba	2.475	2.522	1,9
<b>Total CURITIBA</b>	<b>1.587.315</b>	<b>1.751.907</b>	<b>10,4</b>

FONTE: IBGE-Censo Demográfico 2000 e 2010. ELABORAÇÃO: IPPUC-Banco de Dados (2017).

Com relação à renda média dos habitantes da regional Tatuquara, os dados mostram que o valor é de aproximadamente 1.674 reais por moradia, ou seja, a menor renda se comparado com as outras regionais da cidade de Curitiba. Nesse sentido, percebe-se que além de ser distante das regiões mais centrais da cidade, a regional Tatuquara acolhe uma população economicamente desfavorecida se comparado com as demais regionais administrativas. Além disso, nota-se uma desigualdade com relação ao espaço, pois as cinco regionais com menor renda na cidade estão localizadas na região sul de Curitiba, o que pode indicar que a organização do espaço da cidade empurra as camadas populares para as margens,

especialmente para as regiões localizadas ao sul, ou para a região metropolitana. Abaixo é possível notar como são as rendas das famílias de cada regional:

GRÁFICO 2 – RENDA MÉDIA POR MORADIA NAS REGIONAIS DE CURITIBA



FONTE: IBGE - Censo Demográfico 2010. ELABORAÇÃO: IPPUC - Banco de Dados /Monitoração (2016)

Ao analisar especificamente o bairro Tatuquara, em 2010<sup>22</sup>, de acordo com o IPPUC, o bairro tinha uma população de aproximadamente a 52.780 habitantes (26.094 homens e 26.686 mulheres), sendo 65,5% da população de cor branca, 4,4% de cor preta, 30,2% parda e os outros nem 1% amarela e indígena. Com relação à economia do bairro, sua maior atividade está atrelada ao comércio e à prestação de serviços. Além disso, outro aspecto apontado pelo IPPUC está relacionado ao tipo de domicílio, em que grande parte do Tatuquara é composta por casas (93%).

Quanto ao nome “Tatuquara”, de acordo com Souza (2002), surgiu da língua tupi-guarani, que significa “Buraco de Tatu”. De acordo com o autor, os índios Tingüis costumavam fazer acampamentos nas proximidades do rio Barigui e “perambular pelo rio Iguaçu”, o que, muitas vezes, assustava os primeiros povoadores da região. Até a década de 1960, o autor menciona que tal bairro era composto predominantemente por chácaras, tornando-o essencialmente rural, em

<sup>22</sup> Esses são os dados mais recentes encontrados sobre o bairro Tatuquara.

que os colonos habitantes do local transitavam com suas carroças levando seus produtos para o centro da cidade ou para a vizinhança. Dentre as décadas de 1960 e 1970, Souza (2000) destaca que houve uma ampliação no número de moradias no bairro, devido a investimentos da prefeitura em loteamentos da COHAB, na busca por solucionar os problemas de habitação das classes populares existentes na cidade. De acordo com o autor, na década de 1980 existiam 3.705 moradores na região, em 2010, conforme visto, o número aumentou para 58.780 habitantes, ou seja, em trinta anos o número de moradores no bairro ampliou quinze vezes mais. Souza (2002) ainda destaca que o crescimento da população se deu em maior escala a partir da década de 1990, apresentando ainda, que durante a sua pesquisa (anos 2000), houve diversas formas de resistência de famílias, na tentativa de ocupar alguns espaços do bairro para habitarem. Em alguns casos, a polícia desocupou algumas famílias, que migraram para outros espaços do bairro. Mesmo com o crescimento da população, ainda prevalece alguns resquícios do campo, como pode ser notado nas fotografias 5 e 6:

FOTOGRAFIA 5 – PLANTIO DE MILHO EM UM QUINTAL NO BAIRRO TATUQUARA



FONTE: A autora (2017)

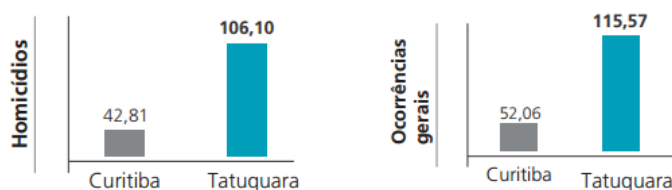
FOTOGRAFIA 6 – HORTAS COMUNITÁRIAS NO BAIRRO TATUQUARA



FONTE: A autora (2017)

De acordo com Souza (2002), devido ao forte crescimento da população, em que tiveram inúmeras pessoas advindas de locais com problemas ambientais e pessoas sem moradias, foi criado um estigma de violência com relação ao bairro Tatuquara, devido a notícias e dados estatísticos que apresentam um número alto de homicídios e ocorrências gerais. Isso pode ser notado a partir dos dados do IPPUC que mostram que o bairro Tatuquara possui um índice bem elevado, se comparando com a média da cidade de Curitiba. Souza (2002) destaca que nesses bairros de classe baixa existe um menor número de policiais e uma grande quantidade de moradores na região, enquanto que os bairros de classe média e alta possuem um policiamento maior para um menor número de moradores, o que impede alguns crimes nesses locais. Abaixo é possível notar o número de Homicídios e ocorrências gerais a cada 100.000 habitantes na cidade de Curitiba e no bairro Tatuquara, com base nos dados do IPPUC de 2010:

GRÁFICO 3 – NÚMERO DE HOMICÍDIOS E OCORRÊNCIAS GERAIS EM CURITIBA E TATUQUARA



FONTE: IPPUC - Banco de Dados. ELABORAÇÃO: IPPUC - Banco de Dados (2010).

Souza (2002), em sua pesquisa, constata diferenças sociais e econômicas dentro do próprio bairro, percebendo que as moradias Santa Rita e Jardim da Ordem (Local da pesquisa) possuem maiores comércios, pequenas indústrias, equipamentos públicos em melhor estado, escolas etc. Já a região Terra Santa trazia, nos anos 2000, uma precariedade de serviços e comércios, o que mostra uma separação dentro do próprio bairro, que não é apenas física, é também social.

Todavia, embora o bairro Tatuquara possua diferenças em seu interior, percebe-se ainda a falta de áreas verdes públicas e, conforme os dados do IPPUC que são de 2012, não existem parques<sup>23</sup>, bosques e jardins ambientais. O bairro possui nove praças, seis jardinetes e dois eixos de animação<sup>24</sup>, totalizando 17 locais com áreas verdes em sua localização.

Ao observar os espaços verdes da região pesquisada, foi possível fotografar alguns locais denominados jardinetes, praças, eixos de animação e um bosque que foi inaugurado recentemente (espaços citados pelas crianças moradoras do entorno da escola). Entretanto, é interessante notar que esses espaços são pequenos e sem muitos investimentos. O bosque (fotografia 7) possui algumas árvores, gramado e uma pista para caminhada. A jardinete (fotografia 8) possui um pequeno espaço com plantas e gramado. A pracinha próxima da escola (fotografia 9) é um ambiente pequeno com parquinho e cancha de areia. A outra praça que também está

<sup>23</sup> Esses dados do IPPUC são de 2012, portanto, atualmente foi construído o parque Reserva do Bugio (2015) e o Bosque do Tatuquara (2016), conforme as falas das crianças e notícias sobre o bairro encontradas no site da prefeitura acessado dia 01/09/17: <http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/tatuquara-recebe-bosque-da-biodiversidade-8-equipamento-urbano-da-regiao-neste-mes/39805>

<sup>24</sup> De acordo com o decreto 427/83 da Legislação Municipal de Curitiba: jardinetes são áreas verdes com até 2.500 metros quadrados, praças são áreas verdes com mais de 2.500 metros quadrados, eixos de animação são áreas remanescentes ao longo de uma rua, que permitem a implantação de áreas de lazer, paisagismo ou esporte.



localizada próxima da escola (fotografia 10) possui além da cancha, uma pista de skate para a comunidade. O eixo de animação (fotografia 11) é um dos mais precários espaços públicos encontrados na região do bairro pesquisada, pois, fica próximo de uma valeta, sem muitos cuidados, e, percebe-se que existe dois balanços (aparentemente colocados lá pela comunidade), que provavelmente são utilizados pelas crianças moradoras do local.

FOTOGRAFIA 7 – BOSQUE DO BAIRRO



FONTE: a autora (2017)

FOTOGRAFIA 8 – JARDINETE LOCALIZADA NA REGIÃO DO BAIRRO PESQUISADO



FONTE: a autora (2017)

FOTOGRAFIA 9 – PRAÇA PRÓXIMA DA ESCOLA



FONTE: a autora (2017)



FOTOGRAFIA 10 – PRAÇA COM PISTA DE SKATE PRÓXIMA DA ESCOLA



FONTE: a autora (2017)

FOTOGRAFIA 11 – EIXO DE ANIMAÇÃO



FONTE: a autora (2017)

Tendo isso presente, é possível perceber alguns aspectos referentes à organização social da regional e bairro Tatuquara e um pouco de sua história, sendo



notável a falta de recursos e espaços de lazer, conforme visto anteriormente, o que mostra um pouco da desigualdade presente nos bairros da cidade de Curitiba.

Nessa direção, é importante verificar também, não apenas o que os documentos trazem em seu conteúdo, mas como as crianças utilizam os espaços do bairro. Nesse sentido, com base nos dados dos questionários respondidos pelas famílias das crianças desta pesquisa, foi possível notar os espaços do bairro mais utilizados por elas. O quadro a seguir mostra a porcentagem das crianças pesquisadas que utilizam ou não os espaços públicos do bairro:

QUADRO 3 – FREQUÊNCIA EM ESPAÇOS DO BAIRRO

Local	Frequentam	Não frequentam	Não respondeu
Praças do bairro	42%	53%	5%
Parquinhos do bairro	72%	23%	5%
Academias ao ar livre	37%	58%	5%
Farol do Saber	63%	32%	5%

FONTE: A autora (2016)

Com base no quadro acima, nota-se que poucas crianças utilizam espaços como praças e academias ao ar livre, menos da metade das famílias que responderam os questionários. Com relação ao parquinho o número aumenta, porém, ainda não atinge toda a população que este equipamento é direcionado. O Farol do Saber<sup>25</sup> é um espaço também utilizado pelas crianças, mas ainda o número de crianças que o frequentam não é tão grande, sendo que ele se localiza ao lado da escola pesquisada (possivelmente é frequentado durante o horário de aula). Ao analisar o nome dos espaços citados nos questionários, quanto às praças, parquinhos, e Academias ao Ar Livre, o local mais mencionado foi o Bosque do Jardim da Ordem, depois pracinhas da região e por último o parque do bairro.

Nesse sentido, é possível perceber nessa primeira coleta de dados que ainda faltam espaços destinados às crianças no bairro Tatuquara e os espaços que existem muitas vezes não são utilizados por elas, pela falta de segurança na região

<sup>25</sup> Farol do Saber é uma rede de pequenas bibliotecas espalhadas pelos diversos bairros da cidade de Curitiba. Quando foi implantado tinha como objetivo possibilitar o acesso dos moradores à leitura, porém, após algumas mudanças realizadas, foram implantados também computadores para o acesso da população.

ou pelo fato das crianças estarem institucionalizadas ou fechadas em suas moradias.

### 3.4 O ENTORNO DA ESCOLA: CARACTERIZANDO O ESPAÇO, A COMUNIDADE E AS INSTITUIÇÕES

A maioria das famílias pesquisadas habita nas proximidades da escola, sendo moradores do Jardim da Ordem e Moradias Santa Rita. Essa região do bairro, como já mencionado anteriormente, conta com pequenos comércios, algumas praças, um bosque (que foi inaugurado recentemente), ruas pavimentadas etc. Ao lado da escola tem um Farol do Saber e algumas pracinhas. Além disso, o local tem um equipamento público chamado Clube da Gente, duas ONGs, inúmeras igrejas (a maioria delas cristã), uma pista de skate e um ginásio de esportes. Entretanto, esses espaços, instituições e equipamentos públicos não conseguem abraçar toda a comunidade do bairro, pois, a partir das falas das crianças, algumas são obrigadas a permanecer em suas casas ou pagar por algum equipamento privado, como é possível verificar nas falas abaixo:

Eu costumo brincar em casa [...] de mãe e filhinha e assisto desenho.  
(BÁRBARA, 2º ano)

De manhã normalmente eu faço Tekwondo [...] Eu faço na Academia.  
(ANDRESSA, 4º ano)

Quando eu tiver altura eu vou fazer natação no Portal do Futuro<sup>26</sup>.  
(PATRICK, 4º ano)

Percebe-se na fala de Bárbara que dificilmente tem a possibilidade de sair de casa para brincar ou realizar outras atividades, o que mostra que ela acaba sendo fechada no espaço domiciliar, possivelmente pelo medo da violência, já que o bairro possui um forte “estigma de violência”, como já mencionado anteriormente. Já Andressa tem possibilidade de realizar outra atividade, porém, deve pagar por isso,

---

<sup>26</sup> Equipamento público chamado atualmente de Clube da Gente.

já que os espaços públicos não dão conta de atender todas as crianças. Já Patrick conta que quer fazer natação, mas ainda não tem altura suficiente. Percebe-se que a delimitação da altura das crianças já limita o uso delas desses espaços, o que mostra a exclusão de algumas crianças para a realização de determinadas atividades.

A partir dos dados presentes nos questionários, respondidos por algumas famílias moradoras das proximidades da escola, foi possível conhecer um pouco das características da comunidade pesquisada. Os questionários foram respondidos por famílias de crianças de 1º ano (23 questionários), 3º ano (22 questionários) e 4º ano (12 questionários), sendo 56% das famílias que se autodeclaram como brancas, 37% negras e 7% não responderam a questão.

Quanto à religião, metade das famílias que respondeu os questionários participa de alguma corrente evangélica, 40% das famílias é católica e 2% umbanda. As demais famílias não responderam a questão.

Ao se tratar da escolaridade dos pais e mães, percebe-se que 32% das mães apenas concluiu o Ensino Médio, 2% concluiu algum curso a nível superior, 5% realizou alguma especialização e 4% fez algum curso a nível técnico. O restante das mães pesquisadas (57%) não conseguiu concluir o Ensino Fundamental ou o Ensino Médio. Com relação à escolaridade dos pais, o número cai ainda mais, pois, 25% dos pais apenas concluíram o Ensino Médio, 4% realizou algum curso a nível técnico e 2% deles concluiu o nível superior. 23% dos questionários traziam a questão em branco e os demais (46%) não conseguiram concluir o Ensino Fundamental ou o Ensino Médio.

As respostas dos questionários mostram que várias mães das crianças pesquisadas não exercem atividade remunerada (28%). As demais realizam trabalhos relacionados à limpeza, cozinha, vendas, atendimento, beleza e educação. Quanto à profissão dos pais, as respostas que mais apareceram nos questionários, tratavam de trabalhos na área mecânica, obras, manutenção, vendas, alguns pais são motoristas ou autônomos.

Quanto ao tempo que as famílias pesquisadas vivem no bairro, 54% mora no local há mais de dez anos enquanto 46% tratam-se de moradores recentes. Além

disso, 72% das famílias respondeu que não recebe auxílio do Programa Bolsa Família, tendo suas rendas mensais de até um salário mínimo (35%), de um até dois (40%) e de dois até quatro (25%) e suas casas em grande maioria são próprias (65%), as demais são cedidas (20%), alugadas (13%) ou financiadas (2%).

#### 3.4.1 As instituições presentes na região

Como discutido anteriormente, as crianças são cada vez mais submetidas a espaços institucionais, em que seus meios de socialização deixam de ser suas casas e a rua e passam a ser espaços fechados, com atividades direcionadas, tendo como intuito promover seu desenvolvimento. Todavia, esses espaços consideram que a criança deve ser protegida e algumas vezes impossibilitam que ela tenha experiência de viver os espaços do bairro. Em contrapartida, esses espaços podem também promover atividades que colaboram para a ampliação das redes de interdependência das crianças que estão inseridos nesses locais.

Sobre esses espaços urbanos, Lansky (2011) discute que as crianças são as principais vítimas de segregação sócioespacial, em que por um lado, elas são confinadas em espaços institucionais controlados por adultos, por outro lado, em outras realidades são marginalizadas e expostas à violência. Assim sendo, tenta-se dividir o universo adulto do universo infantil, de modo que as crianças são institucionalizadas em espaços “para elas”, (como escolas, creches, cursos etc.) impossibilitando as relações de socialização intergeracionais. O autor considera a importância das crianças experimentarem a diversidade do bairro e faz uma crítica a essa necessidade de proteção que retira a criança dos espaços da cidade, não possibilitando as brincadeiras e o acesso às culturas próprias da infância.

Nesse sentido, a partir da pesquisa realizada dentro do bairro Tatuquara, foi possível notar, por meio dos questionários preenchidos pelas famílias das crianças e também pelas conversas com as crianças, a diversidade de espaços institucionais oferecidos para elas, sendo eles: espaços religiosos, ONGs, espaços e atividades oferecidos por instâncias públicas e particulares. Das famílias pesquisadas, 25% responderam que as crianças realizam alguma atividade dentro da escola, essas

atividades estão relacionadas ao contraturno, atividades esportivas e lutas. Com relação a atividades fora da escola, apenas 17% das famílias responderam que as crianças realizam algum tipo de atividade, sendo elas: esportes, lutas, reforço escolar e atividades dentro da religião. Ao se tratar de espaços relacionados a religião, 56% das famílias responderam que as crianças participam de algum tipo de atividade, sendo elas relacionadas a atividades artísticas e musicais, ensinamentos religiosos e celebrações.

Além disso, a partir de conversas com os agentes institucionais foi possível compreender alguns de seus objetivos de trabalho e as atividades oferecidas para as crianças. Por meio das conversas com os agentes responsáveis pelas três ONGs pesquisadas, percebeu-se que em seus discursos, prevalece uma forte ideia de promoção e fortalecimento de vínculos entre as crianças, famílias e comunidade. Esta ideia também aparece na proposta do CRAS, presente no site do Ministério do Desenvolvimento Social<sup>27</sup>. Porém, apesar de mostrarem em seus discursos esta proposta, esses espaços também parecem desenvolver atividades inerentes à cultura, ao lazer e ao trabalho escolar, como pode ser percebido nas falas a seguir:

A gente tem o contraturno que é um grupo de fortalecimento de vínculos, né? Então dentro desse grupo são ofertadas várias atividades, né? Eles têm grafite, têm teatro, têm música, fotografia... E além de todas essas atividades eles têm também o reforço em Português e Matemática, leitura, literatura. (Coordenadora da Associação de Proteção à Infância Vovô Vitorino).

O espaço foi pensado para o desenvolvimento infantil no contraturno. Só que diferente de um contraturno, as crianças não fazem atividades de escola, a gente não tem atividade de Matemática e Português, não é reforço. É no desenvolvimento mais na área lúdica mesmo, brincadeira, por isso Brinquedoteca. (Pedagoga da Brinquedoteca)

Aqui eles fazem oficinas de trabalhos manuais, fazem aula de teclado, de violão, de violino. (Assistente Social do Projeto Abrindo Caminhos)

Estes espaços citados apresentam uma proposta de atendimento a crianças em situação de pobreza ou vulnerabilidade social, ou seja, as crianças que são atendidas nestas instituições são aquelas em que as famílias possuem baixas rendas ou que recebem acompanhamento da Assistência Social. Assim sendo,

<sup>27</sup> <http://mds.gov.br/assuntos/assistencia-social/unidades-de-atendimento/cras>

apesar de realizarem trabalhos artísticos, culturais e escolares, estas instituições ainda se mostram com um ideal de assistencialismo e proteção infantil. Por um lado, buscam proteger as crianças da violência presente no bairro oferecendo atividades culturais, escolares e de recreação, por outro, acabam limitando-as quanto ao uso dos espaços do bairro.

Ao analisar o trabalho da Associação de Proteção à Infância Vovô Vitorino, percebe-se o forte compromisso em trazer para as crianças atividades culturais e artísticas, como visto na fala da coordenadora da instituição. Além disso, há uma preocupação com o trabalho da escola, em que são ofertadas atividades de reforço escolar para algumas crianças. Embora tal instituição tenha seus limites quanto à utilização dos espaços do bairro, ainda busca promover atividades artísticas, possibilitando a ampliação das redes das crianças, possibilitando que elas tenham contato com atividades que podem ser significativas para elas.

Percebe-se que a Brinquedoteca busca promover um espaço que possibilita à criança brincar e se socializar com seus pares, pois existem momentos em que as crianças têm liberdade para brincar livremente. Embora tal espaço tenha como objetivo o fortalecimento de vínculos familiares, ainda tenta promover a possibilidade da criança de brincar. Porém, tal instituição não proporciona muitas vivências no bairro, sendo as crianças, na maioria das vezes, fechadas na instituição sem a possibilidade de experimentar espaços presentes no bairro.

O Projeto Abrindo Caminhos é uma instituição mantida pela Igreja Católica, que tem como objetivo atender crianças e famílias em situação de vulnerabilidade social, fortalecendo os vínculos familiares. Esse projeto busca desenvolver atividades artísticas e esportivas para as crianças e famílias, mantendo uma forte visão relacionada ao cuidado e à assistência às pessoas em situação de risco ou de extrema pobreza. Em alguns momentos, o projeto promove passeios em locais como museus, empresas, parques, entre outros. Além disso, promove visitas em casas de moradores do bairro, que vivem em condição de extrema pobreza, o que, por um lado, tem como objetivo fortalecer os vínculos comunitários, conhecendo um pouco da realidade dessas famílias, e, por outro lado, acaba (mesmo que não intencionalmente) possibilitando que as crianças conheçam mais os espaços do bairro onde vivem.

É possível notar, que nesses espaços relacionados à Assistência Social, há uma busca constante em modificar a condição de vida das famílias em situação de vulnerabilidade social, buscando ampliar os saberes e conhecimentos das crianças, seja no sentido artístico, cultural ou social. Sabe-se, no entanto, que esses espaços ainda possuem alguns limites, no sentido de muitas vezes impossibilitar que as crianças tenham uma vivência no bairro, pois, acabam fechadas em espaços “para elas”, o que não garante o direito de terem liberdade para exercer sua cidadania nos espaços fora das instituições. Nesse sentido, reconhece-se a importância que esses espaços têm na vida de muitas crianças, pois, buscam retirá-las dos riscos sociais oferecidos em algumas comunidades, fazendo o possível para modificar, mesmo que minimamente, as redes de interdependência dessas crianças.

Ao analisar os espaços religiosos foi possível constatar, por meio das entrevistas com os agentes, que o principal objetivo desses espaços é o de transmitir os conhecimentos e valores religiosos, no caso das igrejas pesquisadas, os valores cristãos presentes na Bíblia Sagrada. Além disso, é possível notar o esforço da Igreja Adventista, por exemplo, no cuidado com as crianças para que não “caiam no mundo das drogas” e para que se dediquem às atividades escolares. Nesse sentido, ambos os espaços religiosos buscam realizar um trabalho para que as crianças continuem frequentando a igreja, na tentativa de formar sujeitos com ideais cristãos, que se fazem presentes em cada ideologia religiosa. Nas falas a seguir, pode-se compreender o que essas instituições pretendem realizar no trabalho com as crianças:

A finalidade maior é conhecer a Deus. Também tirar as crianças da rua, cuidar deles. A gente faz também reunião com os pais, palestras com o objetivo que eles não caiam no mundo das drogas. Nós fazemos trabalhos para que essas crianças possam ser cidadãos melhores. [...] Acho que eles vão ser cidadãos mais conscientes, mais amorosos, respeitadores. (Líder da Escola Sabatina da Igreja Adventista do Sétimo Dia)

É pra trazer mais eles pra igreja, pra não deixar eles lá fora, que é difícil. Então a gente tenta trazer mais eles para gente, pra dentro da igreja, pra participar mais das atividades da igreja. Pra eles aprenderem mais essas coisas. Porque o mundinho lá fora é complicado, né? (Catequista da Igreja Católica)

É possível notar nesses discursos a ideia de cuidado pregada pelas igrejas, com a justificativa de que elas não se envolvam com a violência e com as drogas. Apresentam também a rua como um lugar não destinado às crianças, mostrando um trabalho que realiza a transmissão das ideologias religiosas, e também, que busca proteger e prevenir os pequenos dos problemas sociais da atualidade, como as drogas e a violência. Dessa forma, buscam por meio de diversas atividades para as crianças (como a escola sabatina e o clube dos aventureiros, no caso da Igreja Adventista, e a catequese e as atividades de coroinha, no caso da Igreja Católica), a transmissão dos valores que almejam passar, essa prevenção e esse cuidado com as crianças, retirando-as da rua, o que para eles, são espaços inapropriados para elas.

Percebe-se que o discurso da Líder da Escola Sabatina mostra um cuidado com as crianças, tendo em vista a formação de “cidadãos mais conscientes”, retirando as crianças da rua e dos possíveis riscos que ela pode oferecer. A partir da conversa com essa agente institucional, foi possível notar que a igreja busca promover atividades atrativas para as crianças, como festinhas, brincadeiras, acampamentos etc., o que possivelmente faz com que as crianças queiram participar constantemente desses espaços.

O discurso da catequista da Igreja Católica também mostra a rua como espaço não apropriado para as crianças, trazendo o relato de que o ideal é “trazer elas para dentro da igreja”, para que aprendam os valores cristãos e continuem participando das atividades na igreja. As atividades da catequese buscam promover ensinamentos religiosos, por meio de atividades presentes em livros destinados a cada idade. Já o curso de coroinha ensina as crianças a ajudarem o padre e os ministros durante a celebração da missa. Essas atividades abrangem diversas crianças do bairro, possivelmente porque lá elas têm a possibilidade de se relacionar com outras crianças, ou vivenciar momentos que sejam interessantes para elas.

Foi possível perceber que essas atividades organizadas pelas igrejas, mesmo com o objetivo de pregar valores e uma moral fortemente religiosa, possibilitam que as crianças tenham oportunidade de vivenciar outros espaços, juntamente com outros sujeitos. Se por um lado elas trazem um ideal de bom comportamento e controle das crianças, por outro, elas possibilitam uma diversidade de experiências



que ajudam de alguma forma (tanto positivamente como negativamente) a compor as redes de interdependência das crianças.

Já ao analisar as atividades do Contraturno da escola, percebe-se, a partir da fala da pedagoga, uma discussão que remete à ideia de ampliação de conhecimentos escolares, tendo como objetivo potencializar as crianças para que possam ampliar seus conhecimentos inerentes ao currículo escolar. Esse trabalho realizado pela escola busca desenvolver, de forma dinâmica as práticas educativas de Acompanhamento Pedagógico (oficinas de Português e Matemática), Ciência e Tecnologia (oficinas como as de Astronomia), Movimento (práticas da Educação Física), Arte e as Práticas Ambientais (sendo trabalhadas nessa prática também as questões étnico-raciais). Assim sendo, a proposta atende as crianças em período integral todos os dias da semana, sendo todas as atividades direcionadas, de modo que elas ficam limitadas ao espaço da escola, sem a possibilidade de explorar outros espaços, se socializar com outros sujeitos e brincar livremente com seus pares. Se por um lado a criança se desenvolve com relação ao conhecimento escolar, por outro, ela perde a possibilidade de vivenciar outros espaços e sujeitos que possam lhes promover ensinamentos culturais e conhecimentos que possibilitam a formação da sua cidadania.

Considera-se importante esse trabalho da escola para com as crianças, entretanto, de acordo com a fala da pedagoga, faltam recursos para um trabalho com maior qualidade, ainda que os professores se empenhem ao máximo para realizar atividades que sejam prazerosas para as crianças e considerem suas múltiplas dimensões. Percebe-se então, que ainda nesse bairro faltam alguns investimentos quanto aos espaços escolares, de acordo com a pedagoga da escola:

[...] educação, se você for ver ela é o que ela é por conta das professoras. As professoras é que dão o famoso jeitinho pra que a educação prossiga, porque isso também está defasado. (Pedagoga do Contraturno da escola pesquisada)

Além dos espaços escolares, há também o espaço “Clube da Gente”, que é um local em que são ofertados cursos para as crianças e comunidade (principalmente relacionados ao esporte, por fazer parte da Secretaria Municipal do

Esporte Lazer e Juventude - SMELJ). Esse espaço possui uma estrutura ampla, com piscinas, salas para ginástica e aulas diversas. Entretanto, ainda não consegue atender toda a população da regional. De acordo com o coordenador do Clube da Gente do Tatuquara, o espaço conta com as aulas de natação, lutas, ballet, violão, inglês, zumba, além de oferecer espaços para hidroterapia e fisioterapia. Essa secretaria faz parceria com diversas outras instituições, como a Secretaria de saúde, educação, assistência social, ONGs, universidades, entre outros. Quanto aos professores, alguns deles são concursados na rede e grande parte deles é voluntário, sendo alguns alunos de universidades, professores participantes de ONGs, entre outros. Além disso, o espaço oferece formações e materiais esportivos aos professores da instituição e também de outras instituições do bairro (principalmente ONGs).

Tal espaço tem como objetivo principal incentivar a população para a realização de atividades esportivas nas comunidades, para isso, são oferecidas atividades para crianças (a partir de 6 anos), jovens adultos e idosos. Para o coordenador entrevistado, o exercício físico ajuda a formar um bom cidadão, transmite valores e retira as crianças e jovens da violência. Ele expõe sobre o objetivo do trabalho realizado:

A gente sabe que o exercício físico é um dos meios de trabalhar a parte de disciplina e educação. Então a gente tem esse enfoque de não estar formando só o atleta. Até pode ser que saia um atleta de natação, que venha se tornar um atleta de sucesso, mas, o principal é o quê? A gente sabe que 90 ou 95% não vão ser atletas, mas, o mais importante é a gente formar o cidadão, caráter, valores, esse tipo de coisa [...] A gente como educador, que nós somos professores... A gente tem esperança de que a gente possa, através do exercício físico, como eu falei, formar um cidadão, né? E, muitas vezes, através da atividade física tirar das drogas. Então que você esteja preparando a criança para o mundo, para ser uma pessoa melhor, integrada na sociedade, procurando ser um bom estudante e depois um bom profissional, né? Então é assim... No ajudar a formar um bom cidadão. (Coordenador do espaço Clube da Gente da regional Tatuquara)

É possível notar, tanto no contraturno como no Clube da Gente, que embora sejam espaços públicos, ainda esses espaços não conseguem atender toda a demanda do bairro, seja pela falta de estrutura ou pela falta de recursos necessários. Todavia, foi identificado que o trabalho no contraturno é limitado ao

espaço escolar, o que impossibilita o uso do bairro pelas crianças, devido à falta de segurança apontada pelos agentes da escola. O espaço Clube da Gente também faz uso em maior escala dos espaços do aparelho público, entretanto, também realiza alguns passeios para campeonatos e estádios, porém, nem todas as crianças tem a possibilidade de participar desses passeios, por falta de recursos, transporte e questões de renda. Visto isso, percebe-se que esses espaços buscam realizar atividades que ampliam as redes de interdependência das crianças do Tatuquara, mas ainda não dão possibilidades para a criança se socializar com seus pares e fazer uso dos espaços do bairro.

Outra atividade realizada por algumas crianças, o Taekwondo, diferente do campo religioso e do campo escolar, de acordo com o professor que trabalha na academia, traz diversos objetivos que vão desde o desenvolvimento físico até o desenvolvimento intelectual e social. O trabalho, segundo ele, não busca aperfeiçoar apenas a habilidade de movimento e força, mas também realiza modificações relacionadas à conduta pessoal e social, como, por exemplo, a disciplina, a concentração, o conhecimento cultural, a autoestima, a comunicação, entre outros. Segundo o professor, essas atividades pretendem promover a paz e não a agressão entre os sujeitos, pois, ao iniciarem as aulas, as crianças são orientadas a não utilizar a prática para prejudicar ou machucar outras pessoas. Assim, na fala a seguir, pode-se notar no que o professor considera que a atividade do Taekwondo auxilia:

Melhora, assim o que eu observei, a fala da criança, a intelectualidade da criança, ela fica mais desinibida a falar, fala mais segura de si [...]outros são muito hiperativos, são os problemáticos de escola que geralmente dão dor de cabeça e a gente acaba dobrando eles, mostrando pra eles que aquela força que ele tem, aquela energia, ele pode ser outra pessoa.[...] eles melhoram muito no estudo[...] ensina a se concentrar.[...] Então ele é um esporte rico em bastante disciplina. Ele trabalha alongamento, aí a gente usa muito o equilíbrio, que uma criança aprende a se equilibrar tanto de uma fase como a outra. Então isso precisa muito da região da mente. [...] Então tem que ter raciocínio. (Professor da academia que oferece a atividade de Taekwondo)

Pode-se observar, que o trabalho realizado tanto pelo professor da academia, como pelo coordenador do espaço Clube da Gente, além de desenvolver

habilidades motoras e intelectuais que são consideradas importantes para a criança, busca também realizar um trabalho de disciplinamento infantil, desenvolvendo um enquadramento corporal que é bastante valorizado nas escolas e nos espaços institucionais. Para Foucault (1987) esse disciplinamento dos corpos é “uma política de coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos” (p.119). Para o autor, forma-se deste modo, corpos submissos, em que ao mesmo tempo em que passam a ser mais úteis, tornam-se mais obedientes.

Isso, no entanto, pode trazer alguns indícios de que, por ser um bairro de periferia, as atividades normalmente estão voltadas para um controle cívico e moral, buscando o desenvolvimento de crianças com perfis de obediência e submissão. Como é possível notar a partir das atividades de Taekwondo e das atividades oferecidas pelo espaço Clube da Gente, que buscam disciplinar, e das atividades religiosas, que trazem ensinamentos relacionados à moral e à obediência. Por outro lado, há também uma busca de promover a proteção das crianças, retirando-as de espaços ditos como não seguros, neste caso a rua, a partir do trabalho realizado pelas ONGs. Há ainda a busca incessante pelo ensino, pela educação das crianças, sempre com um ideal de progresso, de instrução voltada para um conhecimento legitimado pela sociedade. Assim sendo, a brincadeira livre, a socialização com diferentes pessoas nos espaços do bairro e o conhecimento cultural e crítico que esses espaços e sujeitos podem promover ainda ficam a mercê das atividades realizadas pelas instituições pesquisadas. Embora esses espaços busquem proporcionar atividades culturais, artísticas, científicas e esportivas que são importantes para a criança, essas instituições ainda compreendem a criança a partir de um imaginário do que ela se tornará no futuro, buscando formar um determinado perfil de criança (disciplinado, com valores morais, cívicos etc.) e não a compreende dentro do presente, dentro de sua geração, ou seja, não veem a criança por ela mesma.

A seguir são trazidas, de forma sintetizada, as instituições que se obteve entrevistas, os discursos dos agentes sobre os seus principais objetivos de trabalho e as atividades propostas para as crianças em cada uma dessas instituições.

QUADRO 4 – OBJETIVOS FORMAIS DAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

Tipo de instituição	Nome da instituição	Objetivos segundo os entrevistados	Atividades
ONG	Associação de Proteção à Infância – Vovô Vitorino	Segundo a diretora da ONG: Fortalecimento de vínculos.	- Reforço de Português e Matemática; - Aulas de música e teatro; - Projetos de educação ambiental; - Preparação para o mercado de trabalho. - Reforço escolar
	Brinquedoteca	Segundo a pedagoga responsável pelas atividades: Fortalecimento de vínculos familiares.	- Roda de conversa sobre o tema trabalhado na semana; - Atividade sobre o tema; - Brincadeira dirigida; - Brincadeira livre.
	Projeto Abrindo Caminhos	Segundo a Assistente Social responsável pelo trabalho: Fortalecimento de vínculos familiares e comunitários.	- Aulas de artesanato; - Aulas de futebol; - Aulas de música.
Igreja	Igreja Católica - Catequese	Segundo a catequista: Ensinar as crianças a rezar, ir à igreja, ler a bíblia, aprender sobre Deus.	- Atividades do livro da catequese; - Dinâmicas; - Orações; - Leituras bíblicas.
	Igreja Adventista	Segundo a Líder da Escola Sabatina: Instruir as crianças a amar a Deus e a pátria, respeitar a natureza e os animais, cuidado com a higiene.	- Escola sabatina; - Ensinamentos bíblicos; - Ensinamentos morais; - Aventureiros; - Acampamentos; - Orações.
Espaços públicos	Contraturno da escola	Segundo a pedagoga: Potencializar o aprendizado escolar e o desenvolvimento das crianças.	- Acompanhamento Pedagógico (Oficinas de Português e Matemática); - Ciência e Tecnologia (Oficina de Astronomia); - Movimento; - Arte; - Educação Ambiental;
	Clube da Gente	Segundo o coordenador do espaço: Incentivar ao esporte, formar cidadãos melhores, retirar das drogas.	- Natação; - Lutas; - Ballet; - Inglês; - Violão;
Espaços privados	Academia - taekwondo	Segundo o professor da academia: Disciplinar, potencializar a concentração, equilíbrio, raciocínio, melhorar a fala, promover alongamento, coordenação motora, defesa pessoal etc.	- Aquecimento; - Exercícios de alongamento; - Movimentos do taekwondo; - Luta;

FONTE: a autora (2017)

Pode-se notar que poucas dessas instituições realizam trabalhos que permitam às crianças vivenciarem suas infâncias e brincarem livremente. O trabalho institucional, ao mesmo tempo em que se propõe a realizar atividades de ampliação cultural, atividades esportivas e de expansão do conhecimento, também acaba limitando a atuação e exploração da criança nesses espaços, buscando desenvolver a obediência dessas crianças, em que todas as brincadeiras e atividades passam a ser direcionadas, impossibilitando sua socialização com pares por meio da brincadeira, da curiosidade, do pensamento crítico, entre outros.

Porém, embora as crianças estejam sujeitas às normas destas instituições, elas também buscam atuar e contestar estas imposições, por meio de brincadeiras escondidas e de pequenas bagunças e conversas, por exemplo, durante os momentos que deveriam fazer silêncio. No próximo capítulo será possível perceber alguns elementos que mostram a atuação das crianças nos espaços e a influência desses espaços na constituição das redes de interdependência dessas crianças.

#### **4. AS REDES DE INTERDEPENDÊNCIA DAS CRIANÇAS**

Este capítulo tem como objetivo apresentar como se configuram as redes de interdependência das nove crianças pesquisadas (a partir das conversas em grupos focais e conversas individuais) com enfoque nos espaços e instituições do bairro Tatuquara e da cidade de Curitiba. Serão apresentados os espaços utilizados pelas crianças, seus modos de atuação, posicionamentos com relação a esses espaços e as suas concepções acerca dos espaços institucionais. Essa análise se baseou nas discussões de Norbert Elias, a partir de seus conceitos de redes de interdependência e configuração social, além de também discutir aspectos trazidos pela sociologia da infância, compreendendo a criança como sujeito ativo e participante de seus processos de socialização.

Nessa direção, busca-se avaliar como os espaços do bairro e da cidade (institucionais ou não) colaboram na ampliação das redes de interdependência das crianças e os modos de atuação das crianças nesses espaços. Ou seja, desenvolve-se uma análise que verifica como os espaços podem ampliar o conhecimento e atuação das crianças ou limitar esses conhecimentos e atuações, buscando desenvolver e enquadrá-las a comportamentos morais, cívicos, entre outros.

Nesse sentido, será desenvolvida uma análise inerente a cada criança que trará os seguintes aspectos: características das crianças (cor, idade, profissão da família etc.), espaços do bairro e da cidade frequentados por elas, espaços institucionais (atividades, cursos, espaços religiosos etc.) e os posicionamentos de cada criança com relação aos espaços frequentados. Cada criança pesquisada terá como abertura de sua descrição, seu desenho, que trará alguns indícios sobre o uso e apropriação do bairro Tatuquara.

#### 4.1 JÚLIO – 4º ANO



Júlio tem nove anos e está no 4º ano do Ensino Fundamental. Pertence à raça negra, embora ao responder sobre sua cor, disse ser moreno e café com leite. Mora no bairro Campo do Santana (bairro vizinho do Tatuquara), mas frequenta a escola pesquisada, pois sua avó mora em uma casa próxima do local. Júlio vive com seu pai, mãe e irmã mais nova (no momento da pesquisa ela tinha um mês de vida). Seu pai trabalha como motorista de Uber, mas, de acordo com Júlio, irá abrir uma oficina de carros. Sua mãe trabalha como auxiliar administrativa numa empresa localizada no CIC, mas, naquele momento estava em casa cuidando de sua filha pequena. Júlio estuda no período da tarde e não participa de atividades do



Contraturno, nem atividades esportivas ou institucionais. Percebe-se, ao observar o desenho contruído por Júlio, que a rua e o campo são os espaços mais evidentes e marcados na imagem. Ele também desenhcou algumas casas, locais que para ele tem algum significado ou que simplesmente tenham lhe chamado a atenção. Nos tópicos a seguir, serão trazidas algumas informações que ajudam a construir as redes de interdependência da criança pesquisada.

#### 4.1.1 Espaços da cidade e do bairro

Júlio pode explorar o bairro onde mora, vai à escola sem a companhia de um adulto, encontra amigos, anda de bicicleta, joga futebol e solta raia. Porém, tem as recomendações da mãe para ter cuidado ao atravessar as ruas, para não aceitar carona de estranhos e nem doces de quem não conhece. Além disso, existem espaços do bairro em que não tem a permissão de seu pai e de sua mãe para frequentá-los, pois, são locais perigosos. Júlio explica que:

Tem uma rua que é do lado... Que é do lado da minha casa. Aquela rua ali passa muito movimento, então... Eu não posso. Um dia eu dei a volta na quadra e passei por aquela rua, daí meu pai ficou preocupado [...] Antes eu não podia (andar sozinho), daí como começou a ser perto... Eu falei: 'Mãe deixa eu ir lá comprar pão sozinho, eu consigo etc'... Às vezes ela ainda fala: não ande no meio da rua, ande pelo canto, cuidado com o carro. Mas agora eu aprendi! Meu pai agora fala que eu nem preciso falar para ele se eu vou andar de bicicleta. Só tem uma valeta... Aquela valeta eu não posso atravessar, porque é muito longe de casa, porque é perigoso eles falaram (os pais) [...] Meus pais falaram que agora não é como antigamente, que você andava por aí e não tinha muito problema e agora estão sequestrando crianças, roubos, esse tipo de coisa. Então eles têm bastante cuidado comigo. Então eu só posso ficar naquela quadra ali. Não posso ir muito longe. Tem a parte mais longe, que tem a lojinha de pipas, que é mais longe, que tem que atravessar a valeta, daí eu falo: pai, deixa eu comprar pipa e etc., daí eu vou de bicicleta. (Júlio, 4º ano)

Ele comenta que gosta muito dos espaços da rua, pois lá tem muitos amigos para brincar, e que muitas vezes, até o chamam em seu portão. Conhece muito bem o bairro aonde mora e consegue explicar os vários pontos de comércio próximos a sua casa. Costuma ir à mercearia para comprar doces e salgadinhos e também à

loja de pipas. Além disso, gosta muito de jogar futebol no “campão” com seus amigos e de soltar raia. Percebe-se as ruas presentes até mesmo em seu desenho do bairro, o que para ele, identifica o local onde vive. Além das ruas, pode-se notar algumas casas desenhadas e um espaço verde, que se refere ao “campão”, que foi mencionado várias vezes durante as conversas. Nesse sentido, pode-se dizer que ao desenhar, Júlio realizou uma seleção dos espaços do bairro que para ele são mais significativos, seja pelas relações existentes nesses espaços, ou por considerar por algum motivo, que esses espaços são importantes para representar o bairro.

Além de utilizar o bairro, Júlio conta que assiste novelas, programas e filmes em sua casa, entretanto, sua família o proíbe de assistir algumas programações da TV. Ele comenta também, que utiliza o Wifi do vizinho para assistir vídeos no celular, mas comenta que não pode baixá-los, pois, de acordo com ele “cai a internet”. Isso mostra algumas táticas utilizadas por Júlio, por não ter acesso à internet em sua casa, busca outros meios de assistir aquilo que tem interesse, burlando algumas normas para realizar uma atividade que não realizaria se as seguisse por completo.

Além dos espaços do bairro, Júlio também já frequentou diversos pontos da cidade, visitou um parque, que segundo ele, “tinha dinossauro”, um parque com piscina de bolinhas, um parque aquático, o Parque Barigüi (onde toma sorvete e passeia com seu cachorro), o Jardim Botânico e o Zoológico, atribuindo maiores significados ao parque com piscina de bolinhas, ao parque aquático e ao Zoológico, como mostra as falas a seguir:

Tinha um labirinto e daí tinha uma piscina de bolinhas. Tinha um labirinto e várias passagens. Podia passar assim debaixo do labirinto. [...] Teve um dia que eu fui num parque aquático. Faz um tempo atrás. Uns dois anos. Daí eu ainda não tava preparado pra ir no escorregador gigante assim. Tinha o médio e tinha o gigante. Daí eu fui no gigante. Daí eu fui... Fui freando, né? Quando eu cheguei lá em baixo daí eu fiquei meio assim... Não conseguia nadar pra cima. Daí minha vó me pegou e eu engoli um monte de água. [...] Eu também fui no Zoológico faz um tempo atrás já. Eu acho que eu tinha uns quatro aninhos. Daí tinha um urso assim... de palha e também tinha um jacaré assim... Era de verdade. Daí eu olhei e o jacaré saiu da água. (Júlio, 4º ano)

Com a escola, Júlio visitou o Museu Oscar Niemeyer, afirmando que viu algumas pinturas, mas não lembrava muito bem, pois tinha visitado tal local quando

era menor. Porém, lembra que gostou muito de subir na torre do museu, de elevador, o que para ele foi muito significativo e até mais marcante que as próprias telas. Além desse museu, Júlio já visitou o Museu da Vida com a escola, comentou que lá explicaram um pouco sobre os bebês, e deixaram as crianças brincarem com os bebês de brinquedo. Também viu neste museu alguns animais empalhados, o que chamou muito a atenção dele.

Além desses espaços, Júlio frequenta a casa de uma tia que, de acordo com ele, mora “lá para Curitiba”, (possivelmente afirma isso, pois não se identifica com a imagem transmitida da cidade, e acaba não se considerando parte de Curitiba). Afirma que gosta muito de lá, pois brinca com as primas na piscina que tem na casa. Além da casa da tia, Júlio costuma viajar nas férias para Porto Alegre, juntamente com os avós, passando alguns dias na casa de um tio. Quando viaja para lá, normalmente brinca com os primos de futsal e videogame, o que também possibilita o contato com um espaço e cultura diversos, aproveitando o tempo para brincar e vivenciar sua infância.

Compreende-se, portanto, a partir das falas de Júlio, as experiências que ele obteve nos espaços citados e os significados dados por ele. Percebe-se que, embora tenha visitado poucas vezes esses espaços, eles lhe proporcionaram vivências que foram marcantes, por poder brincar livremente (como no parque de piscina de bolinhas), por tê-lo impactado (como no parque aquático) ou por ter visto algo que o deixou impressionado (como no Zoológico).

#### 4.1.2 Instituições frequentadas

Como já mencionado, Júlio não realiza atividades esportivas formais, cursos e não participa de contraturno. Todavia, conta que frequenta a Igreja Adventista do Sétimo Dia, ele explica que se afastou um pouco das atividades que fazia na escolinha<sup>28</sup>, mas que gostava muito de lá. Neste local ele fazia “atividades sobre Deus”, pintava desenhos e conta que um dia fez uma festa para comemorar seu aniversário juntamente com os amigos. Ultimamente ele está frequentando muito

---

<sup>28</sup> A escolinha é um espaço em que são ensinadas às crianças algumas perspectivas da religião.

pouco o culto realizado em sua igreja e comenta que lá aprende muito sobre os conhecimentos religiosos, gosta dos hinos, dos ensinamentos e dos sujeitos que têm contato no espaço religioso. Porém, menciona que às vezes dorme durante a celebração, pois, deve ficar em silêncio, sem poder brincar e fazer barulho, para não atrapalhar o pastor. Durante a conversa com Júlio, foi perguntado como ele deveria se comportar de acordo com a sua religião, e ele respondeu que:

A gente tem que adorar a Deus, porque um dia ele vai voltar. Também tem que ler a Bíblia, não pode fazer maldades, não pode xingar as pessoas e nem desrespeitar elas. (Júlio, 4º ano)

Em suas falas, é perceptível a importância que ele atribui à igreja que frequenta, estando isso ligado a uma socialização religiosa que possivelmente foi incorporada por ele a partir de pessoas próximas (pais, tios, amigos, pastores) e a partir de experiências positivas que teve, fazendo com que ele atribua significados que valorizam a religião que frequenta. Ao verificar o trabalho realizado dentro da igreja, percebe-se essa busca por transmitir valores religiosos ligados a valores morais e cristãos, voltados para a obediência. Nesse sentido, percebe-se que Júlio, em algumas falas, apresenta essa interiorização dos conhecimentos religiosos transmitidos a ele, como pode ser notado a seguir:

É que... O primo da minha mãe, eu acho, é muito ligado a Deus. Ele gosta de ir na igreja. Aí tinha muitas coisas que ele me contava de Deus e era interessante. Eu ia me aproximando de Deus. Parecia que tinha uns três anjos do meu lado. (Júlio, 4º ano)

Apesar de apresentar em seus discursos um forte apego a religião, em alguns momentos, Júlio afirma que fazia um pouco de bagunça quando estava na escolinha, mostrando que embora as instituições busquem realizar certos enquadramentos morais, as crianças desenvolvem táticas para burlar algumas normas que não querem seguir.

#### 4.1.3 Posicionamentos

A rede de interdependência de Júlio, no sentido dado por Elias (1995), mostra que, ao ter possibilidade de andar pela rua, brincar com amigos e explorar os espaços, ele acaba desenvolvendo uma visão mais crítica a respeito do local aonde mora e das pessoas que convive diariamente, em que apresenta um incômodo, por exemplo, com relação à esposa do dono da loja de pipas, afirmando que ela trata mal as crianças que costumam adquirir as pipas no local. Além disso, se incomoda com a valeta próxima da sua casa, pois afirma que lá tem mau cheiro, disse que ela deveria ser tampada e na parte de cima poderia ser feito um parque para as crianças. Também não concorda com a rota do ônibus, pois considera perigoso para as crianças quando vão atravessar a rua para ir até a loja de pipas.

Além dos espaços, Júlio também comenta aspectos presentes na vida cotidiana com a família, ressaltando os problemas relacionados à falta de dinheiro e as dificuldades econômicas presentes em sua casa, ele menciona que:

Meu pai tem muita conta pra pagar... Quando abrir a oficina a gente vai pagar todas as contas de internet, TV a cabo [...] Tá muito caro as coisas, tem que pagar, aumentou... Pra minha vó, acho que foi duzentos de água. (Júlio, 4º ano).

Nesse sentido, percebe-se que as redes de Júlio ampliam para diversos âmbitos, como igrejas, espaços da cidade, espaços do bairro, local em que ele tem possibilidade de interagir com amigos, espaços fora do estado, podendo se comunicar com outras crianças e ter outros tipos de socialização. Assim, apresenta redes amplas em que, por exemplo, em certos momentos vivencia com grande intensidade seus valores religiosos, por outro, se mostra como um sujeito cheio de energia que vivencia o bairro, brincando juntamente com seus amigos, podendo atuar, burlando algumas normas e apresentando visões críticas a respeito dos espaços do bairro e das pessoas que convive em seu cotidiano.

Isso mostra que ao vivenciar os espaços, Júlio adquire um conhecimento acerca do bairro e desenvolve perspectivas críticas relacionadas aos lugares que

conhece. Ou seja, mesmo frequentando poucos espaços institucionais formais, ele consegue adquirir conhecimentos extremamente importantes para exercer sua cidadania.

#### 4.2 BIANCA – 4º ano



Bianca é uma menina branca, tem nove anos e está no quarto ano do Ensino Fundamental. Mora no Tatuquara, próximo do Clube da Gente, local em que fazia algumas atividades. Seu pai e sua mãe são separados e ela conta que vive com seu pai. Ele trabalha com gesso e sua mãe em uma loja de roupas. Bianca estuda no período da tarde e não participa do contraturno, mas, frequenta outras atividades esportivas e artísticas. Em seu desenho pode-se notar o que considerou relevante desenhar no bairro, sendo um espaço de parque e campo, contendo bola e uma rede de vôlei. Desenhou algumas casas, a rua e um ônibus. Esses desenhos representam aspectos que ela observa em seu bairro ou que são mais significativos para ela.

#### 4.2.1 Espaços da cidade e do bairro

Bianca utiliza os espaços do bairro que ficam bem próximos da sua casa, gosta de andar de roller, bicicleta e de skate (conta que seu pai deve chamá-la para voltar para casa quando está na pracinha de skate, pois é o esporte que mais gosta de praticar). Nessa praça de skate ela tem a possibilidade de fazer algumas aulas gratuitas com um profissional para aprender a utilizar o objeto. Ela conta que também frequenta o campinho, brinca na rua com suas amigas e conhece os locais de comércio e espaços públicos que se localizam próximos a sua casa. Porém, mesmo tendo possibilidade de explorar alguns espaços do bairro, ainda comenta que sua família se preocupa com ela, assim como mostra nas falas a seguir:

Eu ando sozinha a maioria das vezes... Daí quando dá umas sete horas meu pai me chama para entrar pra dentro [...] Porque... tem algumas pessoas que podem pegar a gente, fazer alguma coisa de mal pra gente [...] A minha mãe se preocupa bastante [...] É que já deu muito noticiário de criança desaparecida [...] Daí nossos pais ficam preocupados. (Bianca, 4º ano)

Pode-se notar, por meio dessa fala, o cuidado da família com relação ao fato de Bianca sair pelo bairro, sendo transmitida a ideia de que alguém pode “pegá-la” e “fazer mal” a ela. Assim sendo, o fato de ser menina, talvez a limite quanto ao uso dos espaços, pois, de acordo com Fiorese (2017), em pesquisa com crianças sobre as relações de gênero nos espaços da cidade, o medo da menina não é colocado de forma explícita, possivelmente pelo fato de estar relacionado não apenas ao medo de roubos e assaltos, mas também da violência sexual.

Além dos espaços do bairro, Bianca já visitou diversos outros espaços da cidade, como o Jardim Botânico, Museu da vida, Circo de Soleil e Parque de diversões. Conta que visitou o Museu Oscar Niemeyer juntamente com a escola, e diz ter gostado muito do local, pois viu várias telas, depois realizou uma atividade de desenho com canetinhas fluorescentes e foi até uma sala escura em que seu desenho brilhava e ao final ganhou uma pulseira colorida “daquelas que brilham no escuro”. Essa fala reflete os significados dados por Bianca sobre os espaços que



frequentou, o que marcou para ela não foram necessariamente as telas e sim as atividades que realizou. Apesar de ter visitado apenas uma vez tal museu, ela teve experiências que foram importantes para sua vida enquanto criança, pois conheceu um espaço, pessoas e artes diferentes, além também de vivenciar um momento que foi único e marcante em sua vida. Menciona também que viu uma exposição sobre índios que estavam nus, mas considerou normal, pois, afirma que “é a cultura deles”.

Com relação ao Museu da Vida, ela comenta que foi conhecer tal espaço com a escola e lá aprenderam um pouco da história de Zilda Arns<sup>29</sup>. Com relação ao Circo de Soleil e o parque de diversões, conta que foi quando ela estava saindo da creche que estudava (Creche do Projeto Abrindo Caminhos). Conseguiu visitar tais lugares gratuitamente e comenta que gostou muito, pois, depois da apresentação foram no parque de diversões juntamente com os palhaços.

Com relação a viagens realizadas, conta que ao final do ano costumava viajar para a praia com sua família e ficava na casa dos antigos patrões de sua mãe. Falou que um dia foi até lá e tinha um festival com parque de diversões para as crianças, pipoca e algodão doce. Comentou também que gostava muito de ficar na casa, pois nela tinha uma piscina que ficava próxima ao mar.

#### 4.2.2 Instituições frequentadas

Durante algum tempo, Bianca participou do “Projeto Abrindo Caminhos”, instituição sem fins lucrativos, mantida pelas Irmãs Beneditinas, que visa atender crianças com baixa renda ou em situação de vulnerabilidade social. Nessa instituição ela fazia futebol, participava de diversas gincanas e realizava visitas e ajudas em casas de pessoas em condição de vulnerabilidade social. A ideia desse projeto é de ampliar os vínculos familiares e comunitários, porém, parece que vai além disso, pois Bianca pôde realizar um esporte, brincar e se socializar com outras crianças e adultos e também conhecer o bairro a partir das visitas realizadas nas casas de moradores do bairro.

---

<sup>29</sup> Pediatra e fundadora da Pastoral da Criança e da pessoa Idosa, organismos da Ação Social da Conferência Nacional de Bispos no Brasil.

Se por um lado discute-se a ideia de que a criança institucionalizada não tem possibilidades de explorar o bairro onde vive, por outro, percebe-se que Bianca, dentro dessa instituição em específico, teve possibilidade de ampliar seus conhecimentos com relação aos espaços do bairro e cidade, por meio de um projeto de cunho assistencial, mas que lhe proporcionou inúmeras experiências quanto ao uso dos espaços. Além de leva-la a espaços fora do bairro, que permitiram que ela tivesse outra perspectiva de mundo.

Bianca já fez natação e zumba no Clube da Gente. Além disso, faz ginástica rítmica em uma instituição escolar localizada no Rio Bonito (bairro Campo do Santana). Menciona que gosta muito das atividades e que quando crescer quer ser professora de ginástica, apresentando o desejo de aprender também ginástica artística. Com relação à atividade de natação, diz que considera importante para quando for à praia não correr o risco de se afogar. Conta que quando ia para a natação, nos momentos de intervalo, Bianca e seus amigos aproveitavam para brincar na água, o que mostra que mesmo com as diversas atividades controladas que realiza, aproveita brechas para poder brincar e se mostrar uma criança ativa em seus processos de socialização.

Atualmente começou a fazer ballet na escola, em um projeto denominado Educação Permanente. Essa atividade é paga (valor de 40 reais por aluno) e é oferecida ao final da tarde, após o término das aulas do período regular. Menciona que apenas meninas participam de tal atividade.

Além dessas atividades, Bianca também participa de algumas em sua igreja (igreja católica). Lá ela faz catequese, coroinha e participa da missa. Como coroinha ela mostra um discurso totalmente religioso que provavelmente foi transmitido no curso para poder realizar essa atividade, sendo possível notar nas falas a seguir:

[...] A gente aprende a como se comportar na igreja [...] Quando tipo você é coroinha você tem que... Você tem que... Usar a sua túnica pra esconder o que você é por dentro e tipo tem uma das lições que você nunca pode ir com esmalte vermelho, preto, com maquiagem forte. Porque a gente tá lá com a túnica e tipo assim... É pra você esconder o que tem por dentro e adorar a Deus. (Bianca, 4º ano)

Esse relato apresentado por Bianca parece estar incorporando um *habitus*<sup>30</sup> religioso que parece estar sendo incorporado por meio de práticas e discursos religiosos que se apresentam durante sua vida como algo positivo, sendo aceito e reproduzido em suas falas. Na catequese comenta que gosta muito da catequista, mas em alguns momentos outra catequista assume seu lugar, mas que esta última não a agrada muito, entretanto participa da catequese mesmo assim, porque considera importante estar inserida nessas atividades.

Já visitou também a igreja de seu bisavô (que é judeu) e lá se impressionou com a diferença existente entre o catolicismo e o judaísmo. Comenta que lá as famílias devem se separar e não podem entrar de sapatos, de acordo com sua fala, considerou um pouco estranho tal costume. Além disso, se surpreendeu com um ritual que foi feito quando ela estava gripada, ela disse que fizeram “tipo umas macumbas” e ficou melhor. Tal percepção acerca do ritual judaico pode ter vindo de uma socialização religiosa mais especificamente católica, que traz rituais diferentes daqueles que observou dentro da prática judaica, o que talvez tenha lhe causado um impacto, mas que lhe proporcionou experiências positivas, pois, de acordo com ela, tal ritual lhe proporcionou a melhora.

Essas diversas experiências em inúmeros espaços institucionais lhe proporcionaram uma visão mais ampla acerca dos aspectos presentes em seu cotidiano, o que parece ampliar os fios de suas redes de interdependência.

#### 4.2.3 Posicionamentos

O fato de estar imersa em diversos tipos de atividades, faz com que Bianca tenha redes amplas e possa exercer melhor sua atuação nos diversos espaços em que está inserida.

Sobre os espaços do bairro, ela comenta que não gosta “daquele treco de carro que tem perto do Portal do Futuro”, pois lá sente um forte cheiro de gás que a

---

<sup>30</sup> Conceito utilizado por Pierre Bourdieu que se refere a um sistema de disposições vindo de experiências passadas dos indivíduos que funciona como uma matriz de percepções. Isso é produto de sua trajetória vivida anteriormente (Setton, 2002, p. 62)

incomoda muito. Comenta que se pudesse alargaria as ruas do bairro próximas a sua casa, pois acontecem muitos acidentes ali. Acredita que deveria aumentar o policiamento, pois acha que as ruas são muito perigosas. Também critica o preço dos alimentos do mercado, afirma que “antes uma paçoquinha era dez centavos e hoje custa um e cinquenta”.

A partir disso, pode-se notar que suas vivências dentro do bairro possibilitam uma visão crítica maior acerca dos espaços que utiliza, mostrando seus posicionamentos frente aos problemas sociais e econômicos, apresentando a falta de segurança, de estrutura, o preço inacessível dos alimentos, entre outros. Algumas dessas críticas podem ter vindo de sujeitos que são de seu convívio, mas só tiveram algum significado, pois Bianca vivencia os espaços e têm experiências que lhe permitem atuar e analisar criticamente os aspectos mencionados. Dessa forma, o fato de vivenciar e habitar em um bairro de periferia faz com que ela perceba e faça críticas aos problemas sociais.

Além disso, o fato de ter possibilidade de utilizar espaços diversos e frequentar instituições diversas faz com que Bianca possa atuar de diferentes modos nos diferentes espaços. Em linhas gerais, é possível constatar por meio da análise das redes de Bianca, que existe uma grande diversidade de espaços e relações que colaboram para a ampliação de suas redes de interdependência, pois, por exemplo, enquanto por um lado, ela pratica esportes que possibilitam uma maior liberdade corporal, realizando atividades como natação, skate, futebol, por outro lado deve saber se portar durante as missas, “servindo” à igreja, tendo movimentos delicados e suaves na ginástica e no ballet. Nesse sentido, é possível observar então, que essa rede com suas diversas conexões, além de possibilitar que Bianca tenha acesso a espaços diversos, absorvendo diferentes saberes e analisando de forma crítica esses locais, faz com que ela incorpore comportamentos e modos de agir advindos dos mais diversos espaços em que convive.



Bárbara é uma menina branca de sete anos e está no segundo ano do Ensino Fundamental. Ela mora com sua mãe e padrasto num bairro próximo do Tatuquara. Sua mãe é professora da educação infantil e todos os dias pela manhã leva Bárbara para a casa de sua avó, que fica próxima da escola onde estuda. Conta que quando está na hora de ir para a escola, sua avó a leva a pé, mas nunca pode ir sozinha. Bárbara estuda no período da tarde, não participa do contraturno da escola e nem realiza atividades esportivas ou artísticas em outras instituições. Ao verificar o desenho que Bárbara fez do bairro, pode-se perceber o valor que atribui à casa e as pessoas, além disso, desenhou também um parquinho e uma piscina (sabe-se que é uma piscina, pois durante as conversas Bárbara comentou que desenharia uma piscina). Também desenhou uma árvore, pássaros, sol e nuvens, representando alguns aspectos da natureza. Percebe-se também representações idealizadas do

espaço, como corações e “a nuvem do desejo”. Possivelmente devido ao pouco conhecimento que tem dos espaços do bairro.

#### 4.3.1 Espaços da cidade e do bairro

Bárbara não frequenta muitos espaços do bairro e cidade. Vai para a escola no período regular com sua avó. Brinca com os amigos na escola, mas dificilmente tem a possibilidade de sair para brincar com outras crianças, pois sua mãe considera o bairro perigoso. Ela afirma que em seu bairro tem um homem que rouba crianças, então deve permanecer sempre em sua casa. Além disso, tem medo de uma moradora de rua que fica andando pelo bairro. Suas atividades são: fazer tarefa de casa, andar de bicicleta, brincar de “mãe e filhinha” e assistir desenhos na TV. Em alguns momentos conversa com a menina que mora em frente de sua casa, mas afirma que não podem brincar, pois ambas não podem atravessar a rua. Diz ela:

Ela mora em cima, tipo de frente comigo. Daí eu converso com ela... Porque os piás ficam só chutando bola e não tem nenhuma menina para brincar. [...] A gente só fica conversando no portão, a gente não brinca, a gente só conversa. (Bárbara, 2º ano)

Além disso, brinca no parquinho, vai ao mercado e à igreja, mas sempre acompanhada de um adulto, normalmente a mãe, a avó ou o pai. Na cidade ela já visitou o Museu Oscar Niemeyer, o Museu da Vida, um cemitério da cidade, o parque Passaúna, o Parque Barigui e o “Parque dos dinossauros” (local que afirma ter gostado mais, pois teve a possibilidade de fazer uso de vários brinquedos de diversão). Também já teve a possibilidade de ir para a praia e conta: “em fevereiro vou para a Ilha do Mel<sup>31</sup>”

Foi ao Museu da Vida com a escola, e disse ter gostado de lá, pois tinha várias salas e um parquinho. Aprendeu um pouco sobre os bebês e viu algumas imagens sobre a pobreza do mundo. Entretanto não gostou de “colocar um sutiã

---

<sup>31</sup> Ilha localizada no litoral paranaense.

para amamentar uma criança” (Bárbara, 2º ano), o que para ela gerou certo incômodo.

Bárbara também comenta que foi ao Museu Oscar Niemeyer com sua tia, mas que não gostou do espaço, pois lá tinha “besteira”. Disse isso por ter visto uma tela que tinha “gente tirando a roupa” e ficou incomodada, diz ter olhado para outras telas em exposição para não ver aquilo que estava sendo mostrado. Estes sentidos dados por Bárbara mostram o quanto os significados partilhados dentro de seu contexto cultural a leva a atribuir um significado distinto daquele que era proposto pelo artista da obra vista dentro do museu. Talvez isso e também o incômodo em brincar de “amamentar” no Museu da Vida tenha sido ocasionado pela forte socialização religiosa e cristã que prega o cuidado, a preservação do corpo e a castidade. Mas, de todo modo, indica aquilo que Lahire (2003) analisa quando se refere não só à pluralidade das lógicas socializadoras, mas da contradição oferecida nos diferentes locais de socialização. Foi por ter ido a esses museus é que ela teve acesso a outra explicação sobre o corpo, ainda que não concorde com ela. Então, ainda que espacialmente sua rede pareça menos elástica, a ida aos museus, foi suficiente para provocar um impacto e uma mudança em suas redes de interdependência.

#### 4.3.2 Instituições frequentadas

Bárbara frequenta poucos espaços institucionais, apenas participa da igreja evangélica “O Alvo”, juntamente com seu pai e avó. Afirma que sua mãe não frequenta muito a igreja. No local ela realiza atividades no projeto Kids, “escutando a palavra de Deus”, pintando desenhos e brincando na piscina de bolinhas e na cama elástica. Comenta que não gosta muito de participar dessas atividades, prefere ficar assistindo o culto com seu pai, mesmo que ainda não considere tão agradável. Ela relata que nos cultos as pessoas louvam a Deus e ficam cantando, além também de darem ofertas e pagarem o dízimo, o que considera importante para ajudar a igreja. Menciona que na igreja as pessoas devem ficar quietas, entretanto, durante a celebração, Bárbara conta que se esconde debaixo do banco e às vezes costuma

falar alto. Nesse sentido, mesmo com redes menos intensas quanto ao uso dos espaços, a criança busca encontrar brechas e aberturas atuando sempre com o intuito de contestar e demonstrar seu desinteresse em determinadas atividades, burlando normas impostas pelos adultos, o que demonstra sua atuação frente às instituições.

Na igreja, comenta que às vezes participa das festas que são realizadas, e menciona que roubou um batom, mas afirma que irá devolver. Ela conta:

Tem uma coisa que eu acho que foi muito feia... Que eu vou ter que devolver domingo. Eu roubei um batom lá da igreja. É a mesma marca de um batom que eu tenho. Tinha vários batons no banheiro daí você pegava e passava. Tinha um negócio desse tamanho cheio de batom. Tem que devolver porque não pode roubar. (Bárbara, 2º ano)

Nessa fala, pode-se constatar que ao contar que roubou o batom, Bárbara admite que não estava fazendo a coisa certa. Por um lado, ela gostaria de ter o batom, mas por outro, seus aprendizados (sejam familiares, religiosos ou escolares) fazem com que ela tenha consciência de que deve devolvê-lo, pois afirma que não é correto pegar algo que não a pertence.

#### 4.3.3 Posicionamentos

Durante as conversas, Bárbara se posicionou frente a sua ida ao Museu Oscar Niemeyer e afirmou que as crianças não deveriam visitar tal lugar, devido ao fato de ter visto a tela que continha a representação de pessoas nuas. O fato de não ter sido problematizado e explicado a ela o porquê da tela, fez com que ela tivesse uma má impressão das artes expostas dentro do museu. Possivelmente as redes de interdependência de Bárbara colaboraram para esse olhar negativo com relação ao corpo nu, o que acabou gerando um impacto ao ver aquela determinada tela.

Com relação a pobreza mencionada durante a conversa, Bárbara disse que já viu muitas pessoas pobres morando na rua quando foi na casa da mãe de seu



padrasto, comentou que um dia viu um morador de rua comendo algo que estava no chão e ficou chocada com aquilo. Menciona que se fosse prefeita daria dinheiro para essas pessoas comprarem casas. Em outro momento, ao perguntar o que ela faria se fosse prefeita ela respondeu que:

Eu mudaria para outra cidade... Eu ia... Para uma praia! [...] Se eu fosse prefeita eu ficava rica! Eu ia ajudar todo mundo! (Bárbara, 2º ano)

Essa fala de Bárbara mostra que o fato de conhecer pouco o bairro e visitar poucos espaços da cidade, faz com que ela não esteja tão consciente dos problemas sociais e perceba mais as suas necessidades do que as necessidades da sociedade no geral. Nesse sentido, é possível perceber que Bárbara possui uma rede menos intensa no que diz respeito aos espaços do bairro e da cidade. Os espaços mais utilizados por ela são: a escola, sua casa, a igreja e a rua (mas sempre acompanhada de um adulto), o que possivelmente torne suas redes de interdependência menores quanto aos espaços e sujeitos que estão ao seu entorno.

#### 4.4 IGOR – 2º ano



Igor está no segundo ano do Ensino Fundamental e sua idade é sete anos, pertence à raça negra e se autodeclarou como uma criança preta. Mora no bairro Tatuquara com o seu pai e seu irmão de 17 anos. Conta que seu pai e sua mãe se separaram recentemente e gostaria que os dois voltassem a morar juntos. Seu pai trabalha como pedreiro e sua mãe na área da limpeza. Igor estuda a tarde e pela manhã frequenta o Contraturno. Em seu desenho é possível verificar diversas casas, árvores, pipas e um foguete (conta que fizeram tal objeto em atividades do contraturno). As casas podem representar o fato de Igor sair pouco pelo bairro, pois, normalmente está no contraturno ou em casa com sua família.

#### 4.4.1 Espaços da cidade e do bairro

Igor frequenta poucos espaços do bairro e não costuma sair sozinho, está sempre acompanhado de seus pais ou de seu irmão mais velho. No bairro frequenta a pracinha, o campinho, mercados e a casa de amigos e parentes. Costuma brincar com seus amigos e colegas, mas normalmente brinca com eles na escola. Conta que sai muito pouco, e normalmente frequenta espaços mais próximos a sua casa. Gosta muito do campinho e de jogar futebol com os amigos, também solta pipa com seu irmão mais velho. Afirmar que gostaria mais se o campinho do bairro “fosse de futsal”, pois ele é apenas liso, sem linhas, sem grama e sem areia. Igor às vezes visita um de seus amigos e brincam de “zumbi”, “guerrinha”, “carrinho” e futebol. Aos finais de semana comenta que, normalmente, fica na casa de sua mãe, que é localizada em um bairro vizinho, e que lá ele brinca, às vezes sozinho e às vezes com os primos.

Em casa, normalmente joga videogame e assiste filmes de terror com o seu irmão e diz não ter medo de assisti-los, também assiste desenhos e novelas para crianças. Conta que não gostou de assistir uma reportagem na TV que mostrava que bandidos tinham fugido da prisão, pois, um dia ladrões entraram em sua casa e levaram TV, roupas e seu videogame. Afirmar que não gosta de ladrões.

Na cidade já foi para o Centro e para os Shoppings Cidade e Total com a família para comprar roupas e utensílios para a casa. Já foi ao Jardim Botânico e ao Parque Barigui, e conta que nesse parque teve a oportunidade de ver uma capivara de perto. Também já visitou o Zoológico com a escola e com a família, e afirma que gostou muito, pois teve a possibilidade de ver muitos animais que não conhecia. Já foi também em um pesque-pague no bairro vizinho, e adorou o local, pois conta que conseguiu pescar “um peixe do tamanho da mesa”. Além desses espaços, visitou os museus Oscar Niemeyer e Museu da Vida, ambos com a escola. No primeiro disse que viu muitas coisas, mas só lembra de uma estátua de animal que estava exposta no local. No segundo conta que andou na trilha do bosque, viram uma exposição de fotos, brincaram com fantoches, andaram de barco, vestiram fantasias de palhaço e jogaram bola. Percebe-se que no Museu da Vida, suas maiores lembranças estão

relacionadas às brincadeiras, pois, para ele isso foi o que teve mais significado naquele momento.

#### 4.4.2 Instituições frequentadas

Igor participa do contraturno pela manhã, e conta que lá aprende muitas coisas, mas diz que prefere as atividades de Educação Física, pois lá normalmente realizam vários jogos e brincadeiras. A seguir ele conta algumas atividades que realiza no contraturno:

Eu estudo, almoço e brinco também! Também tem a Educação Física... A gente joga bola, brinca de mata-senta, brinca de lenço atrás, pular corda [...] Eu também faço atividades, eu já fiz uma cuca no contraturno, é... Fiz uma pessoinha de palito, empilhadeira de copinho, fiz um tratorzinho de plástico.  
(Igor, 2º ano)

Além das atividades do contraturno, Igor também frequenta duas religiões diferentes, a católica e a evangélica. Conta que na igreja católica costuma ir à missa com seu pai e irmão, e menciona que gosta de lá, pois tem refrigerante e comida para vender. Ele afirma que durante a missa ele fica em silêncio, pois seu pai lhe dá o celular para jogar, Igor diz que ao mesmo tempo que joga fica orando também. Fala que gosta de ir à igreja para orar para Jesus, o que pode ser visível em sua fala:

Na igreja eu rezo para Jesus... Eu rezo para todas as professoras que estão doentes agora. Eu já rezei para a professora... A diretora ali... A professora Ana [...] O padre fala para orar para Jesus e para orar para todos os que estão sem comida. Gosto de ir à igreja para rezar pra Jesus, pra Jesus ficar bem perto de nós, pra não acontecer nenhum mal com a gente. (Igor, 2º ano)

Na Igreja Mundial (evangélica) conta que frequenta a escolinha e diz que é muito parecida com a Igreja Católica, afirma que a única diferença é que “lá não tem

comida para vender”. Diz que nessa igreja normalmente frequenta a escolinha e que lá tem brinquedos e as professoras explicam sobre Deus, mas não pode fazer bagunça, pois, as professoras “são bravas”. Comentou que gosta de frequentar as duas igrejas e diz que ambas explicam a mesma coisa. Disse não gostar “daquele carinho lá de baixo que sempre dá mente ruim para nós, o... Capeta”. Pode-se notar que, devido ao forte *habitus* religioso presente nas redes de interdependência de Igor, certas afirmações acabam sendo incorporadas e reproduzidas por ele, o que mostra o quanto as instituições, neste caso, as religiosas e cristãs colaboram e ajudam na formação das redes de Igor.

#### 4.4.3 Posicionamentos

Por morar em um bairro de periferia, Igor se posiciona quanto a alguns problemas sociais que percebe em seu cotidiano. Fala que se fosse prefeito mudaria as pessoas criminosas para que não roubassem e nem batessem em outras pessoas. Comenta do medo que sente de alguns lugares do bairro “perto do valetão”, pois, diz ter visto “um homem usando maconha” no local. Além disso, segundo ele, mudaria as ruas movimentadas, devido ao fato de um tio ter falecido por atropelamento. Fala que tem muito medo de ser atropelado. Igor comenta que não gosta de cemitério e também de alguns filmes de terror que assiste.

Ao tratar de questões econômicas, Igor relata que existem brinquedos muito caros e que não pode comprar, mas afirma que não pode por hipótese nenhuma comprar brinquedos “de menina”. Ele comenta:

Eu não posso comprar brinquedo de menina... Daí todo mundo vai falar que eu sou... Que eu sou gay. Eu acho errado ser gay, eu não gosto. [...] Brinquedo de menino é mais legal do que de menina. É que menino não gosta tanto de boneca. Tem dois piás da minha sala que gostam de brincar de boneca. Eu acho errado. Porque o menino não pode brincar de boneca, porque ele vira gay também quando crescer. (Igor, 2º ano)

Nessa fala pode-se ver claramente que nas redes de Igor encontra-se um ideal de gênero, em que o menino deve fazer atividades relacionadas a aquilo que seu meio considera ideal. Tal perspectiva provavelmente veio de pressupostos familiares e religiosos (hipersocialização religiosa), o que acaba remetendo a preconceitos quanto à diversidade sexual, em que o gay acaba sendo visto como errado (pecador). Essa ideia tenta apresentar que os meninos devem ter brinquedos próprios, pois, ao realizar atividades consideradas femininas podem se tornar homossexuais.

Nesse sentido, pode-se constatar na rede de Igor a forte influência do âmbito familiar e religioso, em que prevalece em suas falas um forte apego aos valores religiosos e perspectivas cristãs. Além disso, é possível perceber também, que suas vivências no bairro, mesmo que pequenas, já possibilitam que Igor desenvolva algumas discussões sobre certos problemas sociais, principalmente com relação à criminalidade, às drogas e aos acidentes de trânsito, aspectos que vivenciou de perto.

#### 4.5 DAIANE – 5º ano



Daiane está no 5º ano, tem onze anos de idade e pertence à raça negra. Mora com o pai, mãe, irmão e irmã (mais novos) no bairro, próximos da escola em que estuda. Pela manhã frequenta o contraturno da escola e a tarde o ensino regular, assim como seus dois irmãos. Tanto seu pai como sua mãe trabalham o dia todo, seu pai como técnico em informática e sua mãe como auxiliar de cozinha. Daiane conta que não tem possibilidade de sair pelo bairro sozinha, o que também pode ser constatado a partir do seu desenho, em que mostra apenas o parque, a cerca de sua casa (relatada durante a conversa) e algumas flores. O fato de fazer um desenho com poucos espaços do bairro pode remeter ao fato de que Daiane não tem acesso a esses locais, já que passa o dia realizando atividades dentro da escola, sem a possibilidade de vivenciar muitos espaços.

#### 4.5.1 Espaços da cidade e do bairro

Daiane visita poucos espaços do bairro Tatuquara, conta que às vezes vai ao parquinho ou ao bosque com sua família, mas não pode sair sozinha. Tem alguns amigos que moram próximos a sua casa e conta que tem a possibilidade de brincar com eles na sua rua, pois ali não passam muitos carros. Menciona que na rua brincam de futebol, vôlei e bicicleta. Daiane conta que ela e seus amigos apostam corrida de bicicleta e diz que sua avó “premia o vencedor com um picolé e fica observando se ninguém faz trapaça durante a competição”. Além de brincar, ela gosta também de ler livros, assistir desenhos (no computador, pois não tem televisão em casa) e “jogar no Tablet”. Mesmo seus pais não a deixando sair pelo bairro, Daiane apresenta o desejo de poder sair, ir ao shopping e conversar com seus amigos na rua.

Além desses espaços do bairro, Daiane conta que já foi ao Museu Oscar Niemeyer, mas era muito pequena e lembra apenas da torre “que tem o olho”. Também já visitou o Museu da Vida com a escola, e lá conta quais as atividades realizadas:

A gente viu lá as bonequinhas, a gente teve que tirar o bebê da barriga. Aí tinha várias coisas... Bem legal! A gente ficava brincando com as bonecas, a gente ficava correndo um pouco. (Daiane, 5º ano)

Essa fala de Daiane mostra o que ela considerou de mais importante durante a visita ao Museu da Vida, que foram os momentos de brincadeiras, os momentos em que teve a liberdade de brincar com as bonecas e de correr com os amigos. Nesse sentido, percebe-se que a escola deu a possibilidade de Daiane conhecer um espaço diferente, colaborando para a ampliação de seus conhecimentos e proporcionando um momento de brincar, sendo tal espaço importante para a constituição de suas redes de interdependência.

Além desses espaços, Daiane comenta que nas férias costuma ir para o Norte do Paraná, no sítio de sua bisavó, e lá tem a possibilidade de brincar com



seus primos e ter contato com a natureza. Conta que gosta de correr atrás das galinhas, nadar no lago e ficar brincando na chuva com sua prima. Já visitou também o Zoológico e menciona que adora plantas e animais. Daiane tem um aquário em sua casa com onze peixes e descreve todo o cuidado que deve ter para que eles sobrevivam. Durante a conversa, foi possível observar o quanto Daiane valoriza espaços de natureza e os animais, talvez pelo fato de não ter acesso a esses espaços continuamente, e também, por ter possibilidade de brincar e se expressar livremente nesses locais.

Aos sábados fica na casa de sua avó (no bairro), pois seus pais trabalham o dia todo, e lá brinca com os irmãos, primos e tios. Aos domingos normalmente fica em casa com sua família e conta que ajuda a mãe a limpar a casa.

Daiane não costuma sair muito em espaços da cidade, raras as vezes foi ao Shopping e não conhece muitos parques da cidade. Quando viaja, normalmente é para o Norte do Paraná, na casa de seus familiares. Ela conta que gostaria de conhecer a praia, pois seu pai sempre vai com os amigos, mas não a leva. Percebe-se que o uso do espaço por Daiane se limita aos locais próximos de sua casa (mais especificamente a rua de sua casa), aos espaços da escola e da igreja. Eventualmente teve a possibilidade de conhecer algum espaço da cidade e, poucas vezes, passeia pelo bairro com a família.

#### 4.5.2 Instituições frequentadas

Daiane, como já mencionado, permanece na escola todos os dias das 8 às 17 horas. Pela manhã participa das atividades do contraturno e a tarde participa das atividades do ensino regular. No Contraturno da escola, afirma que gosta muito das atividades que aprende lá. O que mais aprecia, dentre as oficinas propostas, são as atividades inerentes à dança e às artes. Esse discurso de Daiane, apresenta seus gostos e preferências inerentes às atividades que realiza, destacando de certa forma, sua atuação enquanto sujeito e suas escolhas vindas a partir de suas possibilidades e dos significados atribuídos por meio de sua cultura.

Além disso, Daiane já realizou atividades circenses no Clube da Gente, mas teve que abandonar, pois sua mãe não tinha tempo para levá-la todos os dias. Mostra seu desejo de fazer natação no espaço citado, mas comenta sobre a dificuldade de conseguir uma vaga para participar da atividade. Atualmente frequenta aulas de música aos sábados na Associação de Proteção a Infância Vovô Vitorino e lá aprende violão, guitarra e teclado. Conta que seu pai toca violão também, e comenta que realiza tais aulas para ter oportunidade de tocar juntamente com o amigo na igreja na qual participa. Percebe-se, conforme visto anteriormente, que a proposta da associação busca em fortalecer vínculos familiares, porém, tal atividade parece lhe promover um conhecimento cultural e artístico que vai além disso, pois, permite a ela uma oportunidade de conhecer aspectos ligados à arte, mais especificamente aos conhecimentos musicais.

Além dessas instituições, Daiane conta que participa da igreja evangélica. Lá ela frequenta os cultos e diz que no local eles cantam hinos e oram. Na igreja, já participou de algumas aulas de música e aprendeu tocar algumas notas no órgão. Afirmo que vai ao local para louvar a Deus, mas às vezes sai da celebração para fazer “um pouco de bagunça”. Comenta que:

Lá eles ensinam a fazer as coisas certas e não fazer as coisas erradas [...] Tipo roubar é errado e ajudar as pessoas é certo. Tem várias coisas [...] Às vezes quando eu to no culto, eu vou no banheiro, as vezes eu fico brincando com a água. (Daiane, 5º ano)

Nesse trecho é possível notar, em primeiro momento, os aprendizados tidos no espaço religioso. Isso mostra o quanto as instituições exercem peso na constituição da subjetividade da criança, em que, por meio da religião Daiane incorpora alguns discursos e valores presentes dentro de sua rede de interdependência. Por outro lado, percebe-se também, que embora participe das atividades dentro da igreja, em sua fala, ela mostra alguns momentos de fuga para atuar, para brincar e realizar atividades que para ela são mais interessantes.

Daiane possui poucas vivências nos espaços do bairro, entretanto, participa de atividades em três instituições: o Contraturno, a Associação de Proteção a Infância Vovô Vitorino e a Igreja Evangélica. Esses espaços, a partir das conversas

com os agentes institucionais e com as próprias crianças, não possibilitam que as crianças vivenciem o bairro, sendo as crianças limitadas a realizar suas atividades dentro do próprio espaço institucional. Por um lado, constroem redes fechadas quanto o uso dos espaços, mas por outro, dão possibilidades de Daiane adquirir novos conhecimentos, seja eles escolares (por meio do contraturno) ou artísticos (como é o caso da ONG mencionada e da igreja).

#### 4.5.3 Posicionamentos

Daiane possui poucos espaços de socialização livres, na maioria de seu tempo está dentro de instituições com atividades direcionadas. Brinca com os vizinhos na rua de sua casa, pois é uma rua calma e sem muito tráfego de carros, mas não pode andar sozinha pelo bairro, apenas na companhia de algum adulto. Todavia, por habitar em um bairro de periferia, se posiciona frente a alguns aspectos sociais que, normalmente ouve de agentes institucionais, familiares ou observa no bairro. Ela afirma que se fosse prefeita diminuiria os preços dos alimentos e objetos e faria um projeto para que os adolescentes não ficassem na rua. Aqui mostra seu posicionamento enquanto sujeito social, analisando aspectos relacionados ao seu cotidiano, tanto quando observa aspectos econômicos, quanto percebe os adolescentes na rua, o que para ela parece um incômodo.

O fato de Daiane ir ao banheiro para poder brincar durante os cultos da sua igreja mostra que mesmo hiperinstitucionalizada ela ainda busca encontrar brechas em uma instituição com práticas tão direcionadas ao universo adulto, manifestando o seu desejo de brincar e ser criança. Ela se posiciona também quando afirma que não gosta de brincar de boneca. Afirma que:

A gente brinca de bicicleta, a gente brinca com a barraca, porque eu tenho uma barraca e daí as vezes eu levo lá. A gente finge que tá de noite e a gente tá na selva. [...] A gente brinca de futebol, alguns falam que é coisa de menino, mas para mim não é... A gente joga também três cortes. Quando a gente joga três cortes a minha mãe também vai lá também, porque ela gosta [...] A gente brinca de esconde-esconde, de boneca, mas eu acho chato. Uma vez o meu irmão tava brincando de boneca, mas eu não acho

errado. As vezes as pessoas falam: - Olha lá a menininha brincando de boneca. Eu acho errado falar, porque todo mundo pode brincar da mesma coisa. Eu brinco de carrinho em casa, tenho a minha coleção. (Daiane, 5º ano)

Essa fala mostra seus posicionamentos frente a aspectos relacionados a uma construção social do gênero feminino e masculino. Ela faz uma crítica quanto ao que as pessoas consideram que sejam brincadeiras femininas e masculinas e ainda afirma que “todo mundo pode brincar do que quiser”.

Percebe-se que a rede de Daiane é pouco elástica com relação a mobilidade espacial. Porém, realiza atividades na escola e fora da escola que possibilita uma ampliação de conhecimentos artísticos e culturais. Por outro lado, essa forte institucionalização, muitas vezes, acaba limitando alguns usos dos espaços do bairro e cidade, pois, na maior parte das vezes acaba tendo que assumir uma postura de aluno, que realiza tarefas e deve obedecer aos professores. Nos momentos livres, como as brincadeiras na rua e no sítio ela vai mostrando sua atuação enquanto criança e os meios de socialização com seus pares. Outro aspecto que pode ser visível foi de que ela analisa os problemas presentes no bairro, como os preços de alimentos e objetos e também os adolescentes que, segundo ela, “ficam nas ruas” e busca encontrar soluções a partir de seus pressupostos e convicções, que são adquiridos a partir da sua cultura e dos significados atribuídos por ela.

#### 4.6 CAMILA – 5º ano



Camila está no quinto ano, tem dez anos de idade, é católica e pertence à raça negra. Seus pai e sua mãe são separados e ela conta que tem duas casas, pois, vive sobre guarda compartilhada. Seu pai trabalha em uma fábrica de chocolates e sua mãe é recepcionista de balcão de hospital. Camila tem três irmãos, um maior de idade que mora em outra cidade, uma irmã que vive com sua mãe e padrasto e outro irmão que vive com o pai e madrasta. Em seu desenho pode-se notar alguns espaços que considerou mais relevante para desenhar, sendo sua casa, o parquinho do bairro, a sorveteria e duas árvores. Ela afirma que gosta muito de sair em espaços mais abertos e naturais, possivelmente apresentou em seu desenho, os espaços que para ela são mais significativos no bairro.

#### 4.6.1 Espaços da cidade e do bairro

Camila teve a oportunidade de visitar diversos espaços do bairro e cidade, porém, sempre na companhia de um adulto. Ela conta que sua mãe mora perto do Parque Reserva do Bugio e que costuma passear por lá, pois gosta de ambientes mais naturais. Já seu pai mora mais próximo da escola, então ela tem possibilidade de visitar o bosque, lá ela conta que normalmente vai de bicicleta, pois adora realizar atividades esportivas. Além desses parques, conta que também frequenta praças, sorveterias, campos de futebol e parquinhos do bairro.

Conta que quando está na casa de seu pai, gosta de brincar com os vizinhos no pátio de sua casa, mas não pode de modo algum sair sozinha pelo bairro, afirma que seus pais “são bem corujas” e cuidam bastante dela.

Além dos espaços do bairro, ela também já frequentou alguns parques e shoppings da cidade. Já visitou o Jardim Botânico e comentou que foi o lugar que mais gostou. Visitou também o parque Barigui para participar de uma corrida de rua<sup>32</sup>, indo com um ônibus que saiu da escola e os levou até lá. Porém, ela conta que só algumas crianças puderam participar, aquelas escolhidas pelo professor de Educação Física que possuíam mais disposição física e agilidade. Com a escola também já visitou o Museu Oscar Niemeyer e lá comenta que viu diversas pinturas e que gostou bastante do local. Também visitou o Museu da Vida, e lá teve a possibilidade de ver algumas exposições e realizar algumas atividades com bonecos de simulação de cirurgias e parto, tendo também a possibilidade de brincar em alguns espaços e momentos que tiveram livres.

Camila também conta que já frequentou o Shopping Palladium, Total e Cidade. Lá ela diz que faz compras e vai ao cinema com a mãe. Ela também gosta de frequentar livrarias para comprar livros, pois, segundo ela, seus pais a incentivam bastante para ler.

Fora da cidade, Camila costuma ir para o Norte do Paraná, pois lá é onde tem sua família. Em tal local costuma tomar sorvete e passear nas ruas com a família,

---

<sup>32</sup> A corrida de rua é realizada sob a organização da Secretaria do Esporte, Lazer e Juventude da Prefeitura de Curitiba. Tem como objetivo difundir na comunidade a prática de atividade física, sendo tais atividades destinadas a crianças a partir dos sete anos e adultos.

segundo ela, a cidade é pequena e “não tem muito o que fazer”. Camila também viaja para a praia com sua família e conta que:

A minha família quando a gente vai para a praia, a gente se organiza e vai a família toda. A gente aluga uma casa grande, porque a minha família tem muito essa coisa de lazer, quando vai para um lugar, vai a família toda. Vai eu, meus irmãos, meus tios, meu pai, minha mãe. Cada ano a gente vai em uma praia diferente. (Camila, 5º ano)

Percebe-se que Camila, mesmo não podendo andar sozinha pelo bairro, tem a possibilidade de conhecer vários pontos do bairro, cidade e fora da cidade juntamente com a família. Esses passeios colaboram para a constituição de suas redes de interdependência, possibilitam novos aprendizados e dão chances para Camila brincar e se expressar corporalmente nesses espaços.

Outra atividade que Camila realiza é a de criar vídeos para postar no Youtube. Ela conta que tem um canal e que grava vídeos sobre os mais diversos assuntos. Também fica em casa e conta que já leu diversos livros, mas que seus pais sempre controlam para que leia apenas livros destinados a sua idade.

Quanto ao uso dos espaços, Camila possui uma rede de interdependência ampla e que possibilita que ela adquira diversos conhecimentos. O fato de Camila passar uma semana na casa de sua mãe e outra semana na casa de seu pai, faz com que ela tenha acesso a dois espaços diferentes (mesmo que dentro do próprio bairro). Por sua mãe viver perto de um parque do bairro, possibilita que Camila possa utilizar com maior frequência o espaço. Também, por seu pai habitar perto da escola, facilita o acesso ao bosque do Tatuquara e algumas pracinhas e parquinhos próximos da região. O incentivo de sua família com relação a leitura também possibilita que ela possa conhecer outras perspectivas e ampliar seu vocabulário, o que a ajuda na sua popularidade com os vídeos na internet. Além disso, o fato de viajar, passear em outros espaços da cidade com a família também garantem a Camila um acúmulo maior de experiências, que ajudam a construir suas redes de interdependência.

#### 4.6.2 Instituições frequentadas

Além de ter tido a oportunidade de frequentar diversos espaços do bairro e cidade, Camila também já realizou e realiza diversas atividades esportivas, educacionais e artísticas. Conta que quando tinha 3 anos fez Ballet, pois afirma que naquele momento era uma “menina mais delicada”. Também realizou atividades de capoeira e participou das atividades de atletismo no Clube da Gente, mas conta que o projeto acabou e ela teve que parar com tais atividades. Entretanto, menciona que seu pai já a inscreveu para as aulas de natação no mesmo equipamento público. Camila comenta que gosta muito de atividades esportivas e que dentre todas as atividades a que mais gostou foi o atletismo.

Camila também faz curso de inglês em uma instituição particular do bairro que oferece diversos cursos para crianças e adultos. Comenta que sua família pretende morar nos Estados Unidos, pois tem um tio que vive lá há alguns anos. Ela comenta:

A minha família tem planos para ir para os Estados Unidos, meu tio mora lá e lá tem uma vida melhor, sabe? Meu avô já foi para lá, os meus tios também moram, daí a gente tem planos de ir para lá... Trabalhar, viver lá mesmo! Meu tio mora lá há onze anos. Acho que lá é mais tranquilo, eles não têm muita preocupação com roubos e essas coisas, tem mais áreas de lazer lá pra eles. (Camila, 5º ano)

De acordo com Camila, sua mãe a incentiva a realizar diversas atividades, pois comenta que um dia tais atividades serão úteis na sua vida, serão importantes para “seu currículo”, por esse motivo matricula Camila no curso de inglês, atletismo e natação.

Na igreja Católica faz atividades de catequese e falou que gosta bastante de tal atividade, pois aprende “sobre Deus e os santos”. Porém, não gosta muito de ir à igreja quando tem missa, comenta que esse espaço é mais destinado a adultos e não interessa às crianças. Entretanto, considera importante participar da igreja, pois afirma que:



Eu gosto da catequese, a catequese eu me dou bem. É bom para renovar a minha parte religiosa. A gente vai usar a religião para alguma coisa. Um dia a gente vai precisar de alguém que não é humano. (Camila, 5º ano)

Percebe-se, a partir dos diversos espaços e atividades realizadas por Camila, que suas redes de interdependência são plurais e diversas. Por um lado, possui uma socialização religiosa que considera útil para sua vida. Por outro lado, desenvolve atividades esportivas que exigem maiores habilidades físicas. E ainda, realiza atividades de leitura e faz uso das tecnologias digitais para publicar seus vídeos. Todas essas atividades, juntamente com os espaços do bairro e cidade frequentados colaboram para a construção de sua subjetividade.

#### 4.6.3 Posicionamentos

Ao frequentar diversos espaços, instituições, fazer uso da internet e ler inúmeros livros, Camila acaba tendo uma rede de interdependência mais ampla, pois possui uma diversidade de experiências, que colaboram para a construção de sua subjetividade. Essa rede ampla possibilita que ela consiga se posicionar frente a aspectos presentes em seu cotidiano. Quando questionada sobre o que mudaria no bairro em que vive, ela faz uma discussão sobre o cuidado com a natureza e aspectos sociais que considera relevante, segundo ela:

Eu plantaria mais árvores, eu tentaria fazer coisas para mudar o mundo! Cuidaria da água, iria fazer mais bibliotecas, colocaria mais professores nas escolas, faria mais escolas e creches, bastante, porque os meus primos eles são pequeninhos e eles não tem onde estudar, daí eles ficam em casa, sabe? E também as áreas de lazer que é uma coisa que eu muito gosto, tipo parques. Coisas para as pessoas não ficarem só trancadas em casa mexendo no celular. (Camila, 5º ano)

Essas falas mostram o cuidado com a natureza e a preocupação social quanto à falta de professores, escolas, creches, bibliotecas e espaços de lazer. Camila expõe seu posicionamento crítico sobre o fato das pessoas permanecerem

em suas casas e fazerem uso das tecnologias e menciona que se pudesse criaria maiores espaços de lazer para que essas pessoas pudessem sair mais de suas casas e aproveitar tais espaços.

Além desses posicionamentos, Camila mostra sua perspectiva sobre os espaços religiosos, pois, segundo ela, a missa não é um local atrativo para as crianças. Já a catequese é um local que considera interessante, possivelmente por ser um local destinado às crianças, e ali Camila tem a possibilidade de se socializar com seus pares. Outra questão em que ela apresenta sua atuação é quando comenta que sua tia disponibilizou uma sala com um quadro para ela e lá ela ensina aos seus primos os conteúdos escolares. Menciona que isso a ajuda muito a ter sucesso na escola. O incentivo da sua família quanto a leitura ou o auxílio aos primos com as tarefas, os espaços visitados com a família e com a escola, as atividades que realizou ou realiza em instituições, tudo isso vai constituindo sua rede de interdependência, principalmente no que se refere a atividades relacionadas a uma socialização escolar ou corporal. Quando questionada como se sente com essa pluralidade de atividades que realiza, ela traz um argumento bastante maduro e interessante:

Eu gosto de coisas novas. Eu fiz ballet quando era bem pequenininha, tinha três anos e era bem delicadinha. Daí comecei a me interessar por esportes. Acho que cada coisa eu vou ter que usar para o momento, né? A capoeira eu uso para o momento, né? A delicadeza eu uso para outro, essas coisas.  
(Camila, 5º ano)

Esse discurso de Camila vai apresentando o quando as crianças vão se adaptando cada vez mais a essa pluralidade e diversidade de atividades, tendo que atuar a cada momento de uma forma diversa, se movimentando dentro das inúmeras possibilidades que existem em suas redes de interdependência.

#### 4.7 PEDRO – 5º ano



Pedro está no 5º ano, tem dez anos de idade, pertence à raça negra e frequenta a religião Umbanda. Mora no bairro Tatuquara com sua mãe, a companheira de sua mãe e a filha dela. Visita seu pai aos finais de semana e conta que ele é Operador de Máquinas. Já sua mãe e sua companheira trabalham em cargos administrativos em empresas. Ao verificar o desenho de Pedro, é possível notar que ele desenha alguns espaços do bairro, como parque, campo de futebol, sorveteria e casas. Esse desenho mostra um pouco dos espaços que para Pedro são mais significativos, o que pode ser constatado em suas falas no decorrer das conversas.

#### 4.7.1 Espaços do bairro e cidade

Pedro conta que frequenta diversos espaços do bairro, tendo a possibilidade de andar sozinho nas proximidades de sua casa. Costuma frequentar a cancha (local em que joga futebol com os amigos), a Reserva do Bugio e o bosque do Tatuquara.

Na cidade já visitou o Museu da Vida juntamente com a escola, gostando muito do local, pois lá havia algumas fantasias, brinquedos e também a história da África, o que o deixou impressionado, pois, mostrava um pouco da pobreza existente no local, ele então comenta:

Contou a história lá da África, que eles não têm nada pra comer. Tinha um filme que falou sobre a África, sobre os africanos que não tinham nada para comer, que não tinham praticamente nada para comer. Eram magras, muito magras! O tipo de comida que eles tinham era barro molhadinho. Bem triste. (Pedro, 5º ano)

Essa fala mostra que tal museu o impactou quanto às péssimas condições de vida existentes em outras sociedades. Por um lado, gostou muito dos espaços do museu, pois teve a possibilidade de brincar juntamente com os amigos, mas por outro, ficou impressionado com a pobreza vista no vídeo. Também visitou o Teatro Positivo e o Museu Oscar Niemeyer juntamente com um projeto que participou, mantido pela Petrobrás, e o que mais lhe chamou a atenção no museu foram as salas, que considerou muito bonitas e também a maquete que mostrava toda a arquitetura do local.

Além desses espaços, já frequentou os Shoppings Palladium e Total juntamente com a sua família. E quando pequeno teve a possibilidade de ir para o Beto Carrero, mas, segundo ele, não pode usufruir de todos os brinquedos, pois era muito jovem.

Nos espaços de sua casa tem as obrigações de lavar a louça, limpar o banheiro e o quintal, também costuma assistir vídeos na internet e jogar videogame.

Porém, no momento da pesquisa ele contou que estava de castigo devido suas notas na escola e não podia fazer uso das tecnologias.

Pedro conta que visita muito pouco os espaços da cidade, pois, utiliza em maior escala o próprio bairro. Comenta que gosta muito dos espaços do bosque e da cancha, pela possibilidade de brincar com seus amigos. Esses espaços do bairro frequentados por Pedro e as pessoas que convivem com ele vão trazendo aspectos que colaboram na formação de suas redes de interdependência.

#### 4.7.2 Instituições frequentadas

Pedro, além de frequentar o ensino regular da escola no período da tarde, conta que durante um tempo frequentou um projeto de Contraturno mantido pela Petrobrás, projeto esse que oferecia atividades esportivas, culturais e educativas para crianças e adolescentes. Nesse projeto Pedro teve a possibilidade de visitar espaços da cidade, como o Teatro Positivo e o Museu Oscar Niemeyer, realizou atividades esportivas, reforço escolar e atividades relacionadas à música. Conta que gostou muito do projeto, mas que a Petrobrás não deu continuidade após o término do ano.

Durante o ano da pesquisa (2017) Pedro realizou atividades de Ballet na comunidade Santa Rita, e conta que gostava muito, mas parou, pois, o local em que fazia ficava um pouco distante de sua casa. Entretanto, menciona que seu pai não sabia de tal atividade, porque poderia não gostar que a realizasse, devido ao medo que Pedro virasse um “Éde<sup>33</sup>”. Ele conta que era o único menino que fazia ballet no local e que seus amigos da escola diziam que isso era coisa de “veadinho”. Ele comenta que:

Eu era o único menino [...] O uniforme que eles davam para mim lá era tipo, não uma legging, era uma calça que era azul aqui e preto, não era uma legging, era uma calça larga e aqui era azul [...] As vezes me chamavam de veadinho. (Pedro, 5º ano)

---

<sup>33</sup> Orixá conhecido por muitas pessoas como metade homem e metade mulher.

Essa fala mostra o quanto Pedro busca defender que tal atividade pode ser realizada por meninos, destacando como era sua vestimenta, possivelmente devido ao preconceito de gênero que sofria por seus amigos na escola.

Além do Ballet, Pedro conta que faz capoeira e violão no CRAS e menciona que gosta muito das atividades que realiza. Essas atividades esportivas e artísticas são oferecidas para a comunidade, de modo especial para crianças e jovens que vivem em condições de vulnerabilidade social. Percebe-se que tais atividades proporcionam a Pedro uma ampliação em sua rede de interdependência, pois convive com outros sujeitos, conhece atividades esportivas e artísticas e tem a possibilidade de conhecer outros espaços.

Pedro conta também que frequenta a religião Umbanda, juntamente com a sua mãe e a companheira dela. Afirmo que participava da religião católica, porém, não frequentava muito e que começou a participar da Umbanda depois que sua mãe foi viver com a atual esposa. Aos sábados vai ao terreiro que é localizado na CIC, na casa de sua madrinha. Afirmo que gosta muito e conta um pouco da história e das características de sua religião, como pode-se ver na fala a seguir:

Ogum é o senhor da espada e ele... Tipo... Quando ele... Ele pegou... E Xangô tava na rua. E ele tirou o Xangô da rua. Daí ele botou lá. Xangô fez a justiça e ele deu o trono para Xangô, o trono de pedra e tem também a musiquinha lá [...] Pode gay na minha religião, pode ir todo o tipo de pessoa [...] Na Umbanda eles chamam guias, que também chamam os santos, chamam muitas pessoas. Guia é a pessoa, o Orixá, não o Orixá... Orixá seria o santo que guia o seu caminho. E... Os guias são... Antigamente tinha o tempo da escravidão e as pessoas velhas, assim... Negras eram escravas e assim, elas foram morrendo. Aí eles acharam um jeito de se comunicar com os espíritos, aí eles cantavam uma cantiga de Preto velho, de Exu, de Pomba Gira, de muitas coisas. Com essas cantigas eles traziam os guias. Daí eles incorporavam e os guias também voltavam. Vinham marinheiros também. Esses guias vêm incorporando para fazer um trabalho e voltam para o mundo deles, que é a paz, no céu [...] A bruxa incorpora também e é cabuloso ela descendo. Nós participa de tudo, menos a de Exu e Pomba Gira. Tem os Eres também que eles são espíritos de crianças que morreram e são muito alegres. (Pedro, 5º ano)

Percebe-se na fala de Pedro o quanto ele conhece a história de sua religião e tem vivências bem diferentes daquelas vistas dentro de outras religiões, possibilitando que ele veja a diversidade sexual como algo natural, mostrando que

sua religião aceita essa diversidade. Entretanto, conta que evita comentar com seus colegas sobre sua religião e sobre o casamento de sua mãe. Diz para as pessoas que mora com a mãe e com a tia, devido ao preconceito que sofreria se soubessem da sua condição. Diz que só tem dois amigos que ele tem a possibilidade de falar sobre a religião, pois ambos são umbandistas também, pois afirma que as crianças que frequentam outras religiões, como católica e evangélica, normalmente tem preconceitos com a sua religião.

Nesse sentido, é possível perceber o quanto as redes de interdependência de Pedro são múltiplas e plurais, em que, por conta disso, ele deve se moldar a cada espaço, sujeito e situação que vivencia. Por exemplo, na escola não pode comentar sobre aspectos de sua religião, pois sabe que pode sofrer algum tipo de discriminação. Para seu pai não pode contar que fez ballet, pois ele não iria gostar de tal atividade, devido ao fato de ser uma dança predominantemente feminina. Ou seja, se por um lado essas redes possibilitam a realização de atividades consideradas femininas, de aceitar a diversidade sexual, de ter uma religião diferente do que muitos aceitam, por outro, ele deve esconder suas perspectivas e práticas de alguns sujeitos para não mostrar seus modos de vida, convicções e atividades que realiza, tendo que agir de modo diferente a cada situação que lhe é apresentada.

#### 4.7.3 Posicionamentos

Com a análise dos espaços e instituições frequentadas por Pedro, é possível verificar que embora não tenha tido muitas possibilidades de visitar espaços fora do bairro com a sua família, as instituições que frequentou lhe possibilitaram algumas experiências em outros espaços da cidade, como foi o caso das visitas aos museus e ao Teatro Positivo. Além disso, sua religião, o casamento de sua mãe, as possibilidades de atividades oferecidas pelo CRAS e as suas possibilidades de andar pelo bairro sozinho, permitem que Pedro possa desenvolver uma análise crítica a respeito de certas questões sociais.

Quando perguntado a Pedro sobre o que mudaria no bairro se fosse prefeito, ele afirma que prenderia os drogados, pois eles, nas palavras de Pedro, “fazem muita bagunça e ficam brigando”. Conta que quando está andando pelo bairro e encontra um usuário de drogas, atravessa a rua, porque acha que ele pode lhe fazer mal. Essas questões apontadas por Pedro são aspectos que ele percebe em seu cotidiano, enquanto morador de um bairro de periferia que tem a possibilidade de percorrer e que possibilitam que ele pense criticamente sobre isso.

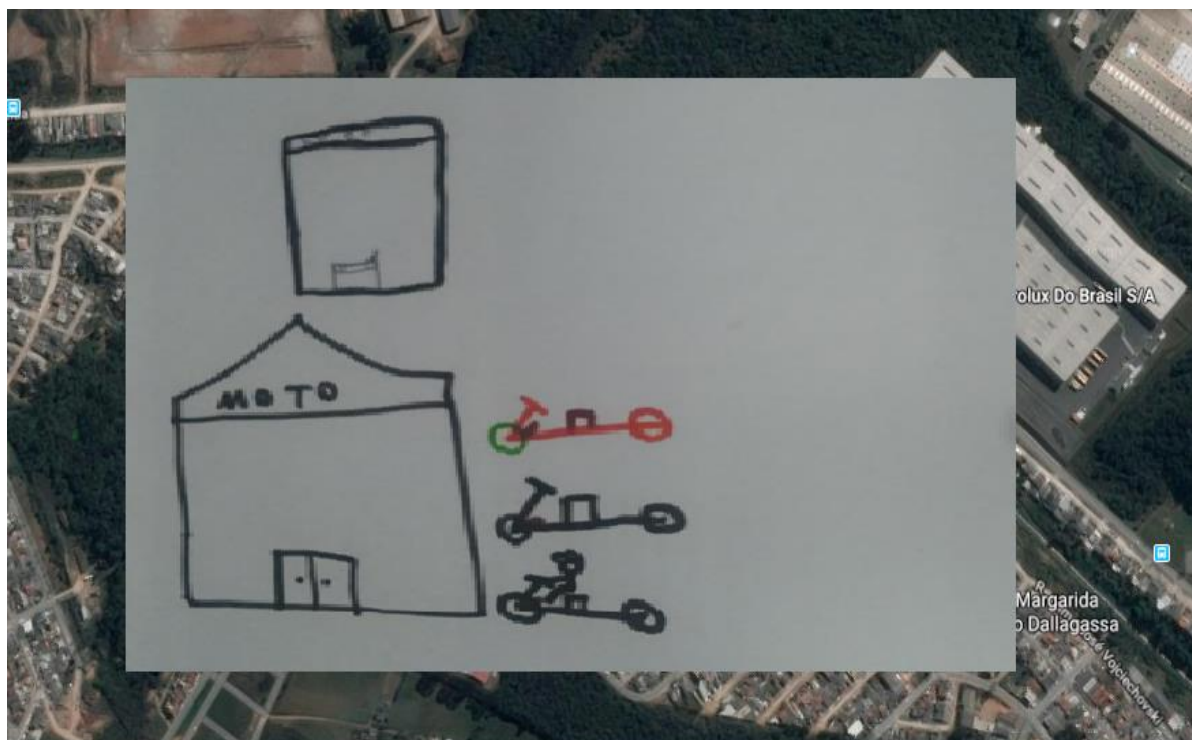
Além disso, mudaria também os parques, plantando mais árvores, aumentando os espaços com gramado e eliminando os mosquitos, que para ele incomoda muito. Esses apontamentos mostram o desejo de Pedro por espaços com melhores condições de lazer, em que apresenta um incômodo por conta da falta de áreas verdes. Diz também que aumentaria o número de escolas e professores, para que todas as crianças tivessem a oportunidade de estudar.

Com relação a sua religião, Pedro mostra o quanto lhe agrada participar dos rituais e conta que logo vai ter a possibilidade que um espírito o incorpore, o que lhe deixa muito orgulhoso. Isso mostra o quanto a Umbanda se tornou importante em sua vida e o quanto ela contribui para a constituição de suas redes de interdependência. Nesse sentido, percebe-se que Pedro vai atuando e agindo a partir das oportunidades que lhe são oferecidas, do mesmo modo em que as atividades e vivências de Pedro vão colaborando e auxiliando na construção de sua subjetividade.

Cabe destacar que os posicionamentos e modos de atuação de Pedro estão articulados com aspectos presentes em seu cotidiano, seja no bairro onde vive, em sua religião, nos espaços que frequenta cotidianamente. Isso possibilita pensar o quanto tais locais acabam constituindo modos de atuação múltiplos ao depender do espaço em que a criança se encontra, e o quanto esses espaços vão modificando as redes de Pedro, na medida que ele vai atuando sobre ela.



#### 4.8 HENRIQUE - 4º ANO



Henrique é um menino branco de dez anos e está no quarto ano do Ensino Fundamental. Ele mora com sua mãe e sua tia ao lado da casa de sua avó. Sua mãe trabalhava com limpeza, mas no momento da pesquisa estava desempregada. Seu pai é pedreiro, mas Henrique conta que há um ano não tem contato com ele. Sua moradia está localizada no Tatuquara, há uns dois quilômetros da escola onde estuda, em uma região do bairro denominada Terra Santa. Em seu desenho fez a loja de motocicletas, o que possivelmente é algo que ele gosta e que considera significativo no bairro.

##### 4.8.1 Espaços da cidade e do bairro

Henrique conhece um pouco da região onde mora, mas só tem a possibilidade de sair sem a companhia de adultos nas proximidades de sua casa. Conta que na sua rua pode andar de bicicleta com seu tio de doze anos, e às vezes

brinca com os amigos em um terreno vazio que fica bem próximo de onde mora. Ele descreve como é o espaço na fala a seguir:

Tem lá onde que eu moro, lá pra cima, tem a casa da minha tia lá, e na frente da casa dela, você anda um pouquinho ali e lá tem um negócio gigante que os piás jogam bola, e lá você pode fazer o que quiser [...] Eu gosto de ir lá no negócio gigante onde jogam bola. Não é um campo, eles montaram lá um negócio. Eles colocaram a madeira lá e era um gol. Eles fizeram o gol com uma madeira. O lugar lá é feito de terra. Eu brinco de pega-pega também. Lá é legal porque é gigante, daí tem uns matos lá que eu fico escondido, daí ninguém me pega. (Henrique, 4º ano)

Essa fala de Henrique mostra que, mesmo com poucos espaços de lazer nas proximidades de sua casa, ele e as crianças da região ressignificam um espaço vazio para satisfazer suas necessidades de criança. Assim como observou Fernandes (2016), em sua pesquisa com crianças na região do Uberaba, que muitas vezes as crianças tinham que “cavar” possibilidades em meio a precariedade e a falta de equipamentos públicos para as crianças na região. Percebe-se que no caso de Henrique e seus amigos não é muito diferente, em que eles encontram um espaço vazio para poder realizar algumas brincadeiras de forma livre e espontânea, mesmo que tal espaço não seja destinado para tais atividades.

Além desses espaços, Henrique conta que às vezes brinca no parquinho, mas, por ser mais distante de sua casa, deve estar sempre acompanhado de um adulto (mãe, tia ou avó).

Fora do bairro, Henrique conta que já foi com a mãe nos parques Tanguá e Barigui. Estes parques visitou quando foi para a casa de uma tia que vive na região, comentou que era um local bem distante e para chegar até lá utilizou três ônibus. Já foi também ao Zoológico e a um sítio bem distante de sua casa e falou que gostou muito, pois adora animais.

Henrique já visitou os Shoppings Total e Palladium. Conta que quando foi ao shopping Palladium teve a possibilidade de brincar em um espaço destinado às crianças, que tinha uns carrinhos que podiam ser utilizados por elas e um parquinho. No shopping Total foi ao cinema com sua mãe.

Com relação a espaços de museu, conta que com a escola teve a possibilidade de visitar o Museu de Ciências e o Museu Oscar Niemeyer, sendo que neste último afirma ter visto algumas obras, mas o que mais gostou foi o espaço com água que tinha em torno ao museu. Além desses museus, conta que visitou o Museu da Vida com a sua mãe, mas não lembra o que viu lá, pois, era muito pequeno.

Percebe-se que Henrique teve a possibilidade de conhecer alguns espaços da cidade, como parques, shoppings e museus juntamente com a escola e com sua família, mas ele conta que foi apenas uma vez em cada um desses espaços e que normalmente não sai das redondezas de sua casa.

#### 4.8.2 Instituições frequentadas

Henrique frequenta o contraturno pela manhã e o ensino regular à tarde. No contraturno conta que tem possibilidade de brincar, fazer tarefa, desenhar e realizar atividades relacionadas à tecnologia. Comenta que o que mais gosta são as professoras. Além do contraturno, Henrique faz Judô no Clube da Gente, e diz fazer tal atividade para poder proteger sua família e amigos, da violência.

Participa dos cultos da igreja Evangélica e lá ele tem a possibilidade de tocar bateria. Conta que aprendeu tocar tal instrumento, juntamente com um integrante da igreja, que o ensinou gratuitamente, e hoje tem a possibilidade de tocar nas celebrações dos cultos juntamente com os outros músicos. Além da bateria, conta que também faz aula de violão na mesma igreja de forma gratuita e diz querer aprender para continuar ajudando a tocar durante as celebrações. Henrique já frequentou a escolinha da igreja, e conta que adorava o local, pois, quando frequentava, realizavam diversas atividades, como: brincar, dançar, comer e acampar.

Além desses espaços institucionais, Henrique conta que faz uso do computador do Farol do Saber para jogar e pesquisar como fazer máscaras. Conta que aprendeu com um amigo e sempre que pode pesquisa na internet para fazer algumas diferentes.

#### 4.8.3 Posicionamentos

Percebe-se que Henrique frequenta poucos espaços do bairro e que o fato de permanecer o dia todo na escola, por um lado, auxilia quanto às questões de aprendizagem, mas por outro, acaba o limitando quanto o uso dos espaços e posicionamentos acerca de questões sociais. Entretanto, o pouco que utiliza do bairro com os amigos já mostra sua atuação, no que se refere ao uso de um terreno vazio para jogos e brincadeiras e o uso da rua para passeios de bicicleta.

Com relação à igreja, pode-se perceber a sua atuação no sentido de querer estudar música para ajudar durante as celebrações. Ele conta que quando era mais novo pediu para o músico que tocava bateria para ensinar-lhe também. O fato de ter tido a iniciativa de fazer esse pedido, mostra sua atuação enquanto sujeito, em que, mostra seu interesse e iniciativa em buscar na igreja a oportunidade de aprender a tocar um instrumento musical. Portanto, o fato de participar da igreja e ter a motivação de tocar no local, possibilitou uma mudança na rede de interdependência de Henrique, o que lhe proporcionou a possibilidade de aprender algo novo e diferente do que sua rede poderia lhe oferecer.

Além disso, Henrique mostra seus posicionamentos acerca de alguns aspectos sociais quando lhe é perguntado sobre o que mudaria no bairro se fosse prefeito. Ele afirma que colocaria mais policiais, pois considera o bairro perigoso e violento. Afirma que prenderia os ladrões e traficantes de drogas que vivem no local. Isso mostra que o fato de viver em um bairro em que existe determinado “estigma de violência” (Souza, 2000) faz com que as pessoas próximas de suas redes reclamem ou comentem sobre os problemas de violência no local, o que faz com que Henrique perceba e se preocupe com tais questões.



#### 4.9.1 Espaços da cidade e do bairro

Luana visita alguns espaços do bairro, como o parquinho, bosque e comércios da região, normalmente junto de sua avó ou irmãos. Tem a possibilidade de sair sozinha apenas em comércios que estão localizados muito próximos de sua casa. Conta que sua avó vive com ela e fica responsável por cuidá-la, levá-la e buscá-la na escola. O espaço do bairro que mais gosta e frequenta é o bosque, que fica localizado próximo à escola onde estuda. Nesse local, brinca no parquinho, no “estica véio<sup>34</sup>” e corre no gramado e normalmente frequenta o local com seus irmãos ou com sua avó.

Na cidade já visitou o Museu da Vida juntamente com a escola e o Museu Oscar Niemeyer com sua família. Comenta que gostou de ambos os lugares e faz uma descrição bem detalhada do que viu em cada espaço, como mostra a fala a seguir:

No Museu da Vida a gente entrava, era antes um orfanato. Daí, primeiro a gente passeamos, daí eles mostraram uma árvore de 250 anos. Aí a gente voltamos, nós brincamos um pouco. Daí a gente saímos, fomos lá onde tinha os bichinhos empalhados. Daí nós saímos, fomos lancha, daí nós comemos e fomos embora [...] No Museu do Olho<sup>35</sup> a gente viu bastante fotos e desenhos, eu não lembro muito bem. Mas eu achei legal lá, porque eu sempre quis ir lá e tinha bastante pinturas bonitas. (Luana, 2º ano)

No Museu da Vida, Luana conta que foi uma semana antes da conversa, portanto, lembrava de muitos detalhes, destacando o que viu em algumas exposições que lhe chamaram a atenção, os momentos de brincadeiras e do lanche. Tais momentos considerou importantes possivelmente por ter tido a oportunidade de interagir de maneira livre com seus colegas. Já no Museu Oscar Niemeyer, é possível destacar o aspecto que ela traz em seu argumento sobre a vontade que sempre teve de conhecer o local. Essa vontade provavelmente tenha surgido devido as propagandas e meios de comunicação, em que o museu acaba sendo uma referencia nacional e símbolo da cidade de Curitiba.

---

<sup>34</sup> Nome que utiliza para se referir às Academias ao Ar Livre.

<sup>35</sup> Nome popular que se refere ao Museu Oscar Niemeyer, devido sua arquitetura que lembra o formato de um olho.

Além dos museus, Luana já visitou os Shoppings Palladium, Total e as Lojas Havan, em tais lugares foi comprar roupa com sua família. Entretanto, menciona durante a conversa, que no Shopping Palladium não pode comprar nada, pois, só tinha dez reais e o preço dos objetos em tais lugares é inacessível. Conta que o único parque da cidade que visitou foi o bosque do bairro e afirma não conhecer a Reserva do Bugiu que também está localizada no Tatuquara.

Fora da cidade, comenta que já foi à praia e na Casa do Papai Noel<sup>36</sup>, local em que pode assistir uma peça teatral. Além disso, já visitou o parque Beto Carrero World (Santa Catarina) e lá conheceu muitos espaços e teve a possibilidade de brincar em vários brinquedos que tinham no parque. Essas experiências, para ela foram bastante significativas, pois, enquanto contava sobre seu passeio, apontava detalhes sobre os espaços que mais tinham lhe chamado a atenção, os espaços em que teve a possibilidade de brincar e se divertir. Isso mostra o quanto os espaços vão trazendo experiências e marcas na vida das crianças, de modo a que vão constituindo e fazendo parte de suas redes de interdependência.

#### 4.9.2 Instituições frequentadas

Luana frequenta a escola no ensino regular a tarde e não realiza nenhuma atividade no contraturno. Pela manhã normalmente fica em casa com sua avó e não realiza atividades em instituições. Entretanto, participa com a sua avó da Igreja Congregação Cristã, e mostra, a partir de suas falas, o quanto tal lugar influencia de diversos modos em suas concepções e percepções sobre aspectos sociais.

Luana conta que já realizou atividades em uma escolinha de outra igreja que participava e comenta que gostava muito, pois lá eles brincavam, ganhavam livrinhos para pintar e pirulitos. Percebe-se que seu interesse em participar da escolinha vem de atividades, que não necessariamente tratavam de ensinamentos religiosos, mas das brincadeiras livres e do que ganhavam no local, o que para ela foi muito mais significativo.

---

<sup>36</sup> Localizada na cidade de São José dos Pinhais, na região metropolitana de Curitiba, há aproximadamente, 20 quilômetros do bairro.

Na igreja, conta que participa do culto e quando chegam, os homens ficam de um lado da igreja e as mulheres de outro. Menciona que não entende o motivo disso, mas simplesmente obedece, pois sua avó lhe disse que deve ser assim. Afirma que gosta de participar da celebração e diz que lá eles cantam, oram e ouvem o pastor falar. Menciona que considera importante ir à igreja, pois, é um local que podem orar e conversar com Deus. Essa concepção de Luana, provavelmente, vem de uma rede de interdependência que traz fios fortemente religiosos, devido ao convívio com sua avó todos os dias e as idas a igreja. A partir desses valores transmitidos, ela vai atribuindo significados aos diversos espaços e aos aspectos sociais que observa em seu cotidiano. Por exemplo, menciona que às vezes assiste novelas com sua avó, mas não gosta muito, pois lá vê coisas que não lhe agradam, como é possível notar em sua fala abaixo:

Tem algumas coisas que eu não gosto, porque [pausa] quando eu crescer eu até falo que não vou fazer aquilo. Passa na TV que... Umas coisas não muito boas, tipo [pausa] eu não vou falar [...] Passa na TV de vez em quando, que quando a mulher casa, separa e o homem de vez em quando mata, já vi bastante vezes isso. Acho isso uma coisa muito errada. Tinha que passar coisas de Deus, é... Coisas de Deus. (Luana, 2º ano)

Essa fala de Luana mostra a dificuldade de retratar o que vê nas novelas e que não lhe agrada, decidindo não contar. Possivelmente trata do âmbito sexual, mas por participar de uma religião cristã e ter uma socialização bastante religiosa, Luana prefere omitir-se e não falar daquilo que considera errado, pois, não condiz com aquilo que está dentro dos valores presentes em sua igreja. Posteriormente, Luana comenta sobre assassinatos e afirma que isso não deve passar na TV, mas sim “coisas de Deus”. Nessa fala, ela mostra o quanto os valores apreendidos, na igreja ou com os familiares que frequentam a religião, estão presentes em seu cotidiano, de modo que acaba internalizando e dando significado ao que vai observando em suas relações sociais, a partir do que lhe é ensinado.



#### 4.9.3 Posicionamentos

Percebe-se que a rede de interdependência de Luana é um pouco restrita quanto ao uso de espaços quer seja institucionais ou não, no bairro e na cidade. Ela não tem a possibilidade de andar sozinha, e conhece poucos espaços fora da região aonde mora, embora já tenha feito visitas em alguns espaços da cidade, que lhe proporcionaram novas experiências sociais. Entretanto, sua socialização ainda é fortemente religiosa, o que acaba refletindo em seus modos de pensar e agir.

Todavia, é possível perceber seus modos de atuação dentro dos espaços religiosos, em que, mesmo sabendo que deve ficar em silêncio durante as celebrações, Luana conta que em alguns momentos ela fica debaixo do banco da igreja e brinca com seus primos, tendo sua avó que lhe chamar a atenção. Mas ela afirma que um dia o pastor falou que “mesmo as crianças brincando elas estão orando”, e usa esse argumento a seu favor para justificar os momentos que realiza brincadeiras durante os cultos.

Além da religião, ela se posiciona frente a alguns aspectos que estão presentes em seu cotidiano, como as questões econômicas, sociais e de criminalidade. Isso pode ser visto nas falas a seguir:

Passou na TV, que passaram bastante... Passou uma onda de assassinatos, não é uma onda que veio do mar, é muitas pessoas matando, daí eu não gostei disso [...] Eu acho o bairro um pouco perigoso. A minha avó disse que tinha um monte de carros de polícia porque se soltaram bastante ladrão. Daí a minha avó disse que foram para lá [...] Na TV passam as pessoas que matam e que roubam [...] O meu irmão falou que se ficarem aumentando o gás, vão começar a roubar gás, porque não vão conseguir pagar. Tá muito caro! Eu disse para a minha avó que se eu fosse prefeita eu baixaria de vez em quando e aumentaria só um pouquinho o preço do gás [...] No bairro eu não gosto da favela, porque lá não é um lugar de brincar, porque tem muita bandidagem [...] Se eu fosse prefeita eu baixaria o dinheiro que a gente pagaria pelo gás e das coisas das lojas e mandaria fazer mais cadeias para prender melhor. (Luana, 2º ano)

Essas falas mostram que o fato de assistir TV, conviver com a avó e irmãos, faz com que ela veja alguns problemas sociais relacionados à criminalidade e à questão econômica. Por habitar no Tatuquara e fazer parte de uma família de classe

popular, Luana dá significado, a partir do que escuta em seu dia-a-dia, mostrando alguns preconceitos sobre a favela e o medo da criminalidade. Além disso, menciona a falta de segurança no local, bem como os problemas relacionados a roubos e assassinatos. Para esses problemas, ela atua trazendo argumentos, a partir de suas vivências, afirmando que a solução seria aumentar as cadeias e baixar o preço das coisas.

Nesse sentido, percebe-se que Luana, ao conviver a maior parte do tempo com sua avó, vai adquirindo conhecimentos e experiências mais lineares, em que os valores religiosos estão fortemente presentes e, muitas vezes, acabam sendo inquestionáveis. O fato de assistir TV e ouvir o que seus familiares discutem sobre problemas sociais, faz com que Luana perceba tais problemas e busque, a partir de suas vivências e sua própria atuação, soluções próprias para cada situação.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação se propôs compreender como são organizadas as redes de interdependência das crianças moradoras do bairro Tatuquara, primeiramente, ouvindo o que as crianças falam sobre os espaços, reconhecendo dentro dessa análise, seus posicionamentos, modos de atuação e críticas sociais. Deste modo, escutando as crianças, foi possível problematizar os espaços frequentados por elas e compreender como esses espaços podem influenciar nos modos como se socializam e observam o mundo ao seu redor. Também foram ouvidos os agentes das instituições que atendem as crianças, visando compreender os objetivos e valores que esses locais buscam transmitir.

Para tanto, foi de fundamental importância utilizar os estudos de Elias, pautando-se nas categorias de redes de interdependência e configuração social. Esses pressupostos teóricos garantiram que fosse possível analisar a criança como um indivíduo dentro de uma teia de relações. Este indivíduo se movimenta na rede a partir das possibilidades que a configuração histórica e social lhe oferece, mas ao mesmo tempo, também altera tal configuração, produzindo assim uma rede bastante elástica. Caminhando nessa direção, foi possível compreender como os espaços do bairro e as instituições acabam modificando as estruturas das redes das crianças, seja no sentido de desenvolver uma criticidade acerca de aspectos sociais, ou de restringi-las quanto ao uso dos espaços. Foi possível compreender também o movimento das próprias crianças com relação a estes espaços institucionais e outros do bairro, no sentido de alterar, burlar, fazer usos próprios destes espaços.

Neste sentido, outra vertente teórica que ajudou muito nessa compreensão, foi a Sociologia da Infância, que permitiu compreender as crianças como agentes sociais e não apenas seres que reproduzem aquilo que lhes é ensinado. Ao mesmo tempo em que aprendem algumas práticas com os adultos e também com seus pares, as crianças problematizam e dão novos significados às suas ações. Dessa forma, tal perspectiva trouxe aspectos que foram de fundamental importância para se pensar a metodologia de pesquisa. Essa metodologia buscou desenvolver uma análise a partir de desenhos, conversas em grupos e individuais com as crianças,

que trouxeram informações de grande valia para a compreensão das suas redes de interdependência.

Além dessas discussões, conhecer características referentes à cidade e o bairro pesquisado foi de suma importância para entender a organização social da comunidade pesquisada, já que parte-se do pressuposto que tais espaços não são neutros nos processos de socialização das crianças. Os conceitos de espaço, bairro e cidade, foram importantes para direcionar um olhar que considerou a criança um sujeito dentro de determinado espaço (seja a instituição, o bairro, a cidade, a família, etc.). Nessa perspectiva, os espaços do bairro e da cidade agem sobre os indivíduos da mesma forma em que os indivíduos agem sobre eles.

Considerou-se importante verificar algumas características do entorno da escola pesquisada e comunidade pertencente ao local, que auxiliaram para verificar questões como renda, escolaridade, raça, moradia e religião. Além disso, foi possível conhecer alguns espaços institucionais que acolhem as crianças, sendo eles: ONGs, igrejas, espaços públicos e privados, que visam oferecer atividades direcionadas para as crianças. Essa análise contribuiu para a compreensão dos valores, perspectivas e ideias trazidas pelos agentes institucionais, os quais, de alguma forma, acabam colaborando na formação e mudança das redes de interdependência das crianças pesquisadas. Entretanto, observou-se a partir dessa conversa com os agentes, que a grande maioria dos discursos mostravam uma preocupação inerente ao futuro, relacionada ao que a criança virá a ser, buscando uma prevenção contra as drogas, violência e pecados. Nesse sentido, a criança na perspectiva dos agentes, é vista como um ser que deve ser moldado para o futuro, e não como um sujeito ativo, capaz de atuar nos espaços e com outros sujeitos, no presente.

Ao ouvir as crianças, em um primeiro momento em grupos, foi possível compreender algumas características básicas referentes aos espaços frequentados, atividades realizadas, passeios com a escola, posicionamentos e críticas sociais. Os desenhos também auxiliaram no sentido de que as crianças tiveram a oportunidade de apresentar os espaços do bairro que costumavam visitar ou que traziam maior significado em suas vidas. Essa primeira análise possibilitou a criação de um vínculo maior entre criança e pesquisadora, o que auxiliou em uma maior aproximação e

intimidade durante as conversas individuais. Essa segunda conversa colaborou para o aprofundamento de algumas questões que haviam sido pouco exploradas, auxiliando no entendimento de como se estruturavam as redes de interdependência das crianças pesquisadas.

Portanto, a partir de toda essa análise, desde os aspectos teóricos até os dados empíricos, foi possível desenvolver algumas considerações acerca do que se obteve durante a pesquisa. Ao analisar os espaços frequentados e atividades realizadas pelas nove crianças pesquisadas, pôde-se compreender a influência desses locais nos modos de pensar dessas crianças, ao mesmo tempo em que foi notável a atuação e modos de se posicionar frente a aspectos de suas vidas cotidianas.

Cabe notar que as crianças que tinham uma maior possibilidade de vivenciar o bairro, observavam de maneira mais crítica os problemas encontrados na região, bem como espaços mal cuidados, violência, criminalidade, entre outros. Como foi possível notar nas falas de Júlio, que trazia críticas sobre a imprudência no trânsito, a indiferença das políticas quanto aos espaços do bairro, o comportamento grosseiro de alguns comerciantes etc. Outra questão observada trata do fato de que, ao habitarem em um bairro de periferia e pertencerem a uma classe popular, a maioria das crianças se posicionava também frente aos problemas econômicos, até mesmo as mais novas. Esses posicionamentos tratam de aspectos presentes no cotidiano dessas crianças, que já vão sendo problematizados desde que são pequenas.

Outro fator interessante é referente às crianças que participam de diversas instituições, em que, algumas delas acabam possibilitando diferentes visitas e uma variedade de vivências interessantes dentro de outros espaços, como museus, teatros, circos, parques e outros espaços do bairro. Tais espaços também vão ampliando as redes de interdependência das crianças e as modificando de alguma forma. Percebe-se que esses espaços institucionais, mesmo nem sempre possibilitando que a criança vivencie os espaços do bairro, em diversos momentos proporcionam atividades que ampliam seus conhecimentos.

Dessa forma, foi percebido, a partir dos dados analisados, que ao participar de diferentes atividades, seja no bairro ou institucionais, e ainda mais, se as instituições frequentadas fossem dissonantes quanto às suas concepções e valores,

que as crianças observavam aspectos sociais de maneira mais crítica e reflexiva. Nesse sentido, é possível citar o exemplo de Pedro que, por ter duas mães e frequentar uma religião de origem africana, tudo indica que, no caso dele, isso possibilitou uma visão menos preconceituosa com relação à diversidade sexual e religiosa (visão esta que algumas crianças que vivem em estruturas familiares tradicionais e com concepções religiosas conservadoras não teriam). Mas, isso ficou demonstrado na rede específica deste menino. Na sequência, numa possível continuidade da pesquisa, seria preciso investigar mais detalhadamente se religiões de origem africana oferecem maior reflexão quanto às questões de gênero e diversidade sexual. Também pode-se pensar no caso de Bianca que, devido ao fato de visitar inúmeros locais e realizar diversas atividades, considera natural ver exposições dentro do museu que apresentavam os corpos nus.

Em contrapartida, as crianças que frequentavam um número menor de espaços e instituições e que frequentavam instituições que traziam uma certa consonância de princípios, perspectivas e valores, fazia com que elas tivessem uma maior dificuldade de aceitar algo diferente daquilo que observavam e aprendiam em seu cotidiano. É o caso de Igor que demonstra em suas falas a não aceitação da diversidade sexual, considerando a homossexualidade algo errado. O fato de ter uma socialização fortemente cristã (em duas diferentes religiões, a evangélica e a católica) e predominantemente masculina (por morar com o pai e irmão) faz com que Igor não observe como natural essa diversidade. Também é notável o caso de Bárbara, que realiza poucas atividades nos espaços do bairro e instituições, a maior parte em sua casa e na igreja e que, ao visitar o museu, não gostou de ver as pinturas que representavam o corpo nu. Percebe-se, portanto, que essa maior consonância e linearidade nas ideias e valores tendem a diminuir a elasticidade das redes de interdependência das crianças. Já a dissonância e pluralidade das redes possibilita a ampliação e abertura de novos fios que se conectam às redes das crianças, o que pode gerar crianças com posturas menos preconceituosas e mais posicionadas frente aos problemas sociais.

Entretanto, é bom sublinhar, em todas as redes analisadas foram percebidos diferentes modos de atuação das crianças com relação aos espaços institucionais, seja por meio de “burlas e táticas” que utilizavam para infringir algumas normas estipuladas, seja por meio de falas que mostravam seus posicionamentos frente a

aspectos sociais ou também a partir de escolhas e interesses pessoais por determinada atividade. Assim como as fugas de Daiane ao banheiro durante os cultos para brincar com a água, as críticas de Camila sobre a celebração da missa, ou o interesse de Henrique em ajudar a igreja tocando violão e bateria. Essas questões mostram o quanto as crianças se movimentam dentro de suas redes de interdependência e, mesmo dentro de locais com valores tão fechados, elas tentam encontrar meios para atuar e atender seus interesses infantis.

Neste sentido, essas redes “plurais e contraditórias” (Lahire, 2003) fazem com que a criança tenha que atuar de diferentes modos nos mais variados espaços, como é o exemplo de Pedro, que só fala sobre sua religião quando está com os amigos da Umbanda, já que com os amigos cristãos sabe que poderá sofrer preconceito. Além disso, essas redes plurais também dão possibilidades às crianças de observar e problematizar aspectos relacionados a: gênero, economia, segurança, política, diversidade, entre outros. Assim, Daiane, por exemplo, critica essa ideia social sobre brincadeiras femininas e masculinas, considerando que todos têm o direito de realizar as atividades que tiverem interesse.

Sobre a oferta de atividades para as crianças nos bairros, percebe-se que existem poucos espaços públicos que conseguem disponibilizar atividades para toda a demanda da comunidade. Isso faz com que entrem no bairro, diversas outras instituições que transmitem seus valores e conhecimentos, às vezes em espaços precários e sem qualificação profissional, ou também atividades pagas para quem consegue ter acesso e condições financeiras para realiza-las. Além disso, é preciso que se destaque que essa pluralidade de atividades ainda é para poucas crianças, como foi apresentado nos dados trazidos nos questionários, em que menos da metade delas têm a possibilidade de realizar alguma atividade fora do período regular da escola. Nesse sentido, muitas delas podem ficar fechadas em suas casas, sem a possibilidade de sair, como é o caso de Bárbara, enquanto outras podem aproveitar muito os espaços do bairro, como é o caso de Júlio

Além disso, pode-se analisar também que diversas das atividades realizadas pelas crianças, como o esporte e atividades dentro de igrejas, buscam o desenvolvimento da disciplina, conforme visto nas falas dos agentes, e aspectos morais, a partir do que foi exposto pelas entrevistadas dentro dos espaços religiosos.

Nesse sentido, compreende-se que ao mesmo tempo em que essas atividades proporcionam novas experiências para as crianças, elas também acabam tentando moldar comportamentos, práticas e expressões.

Assim, considera-se que, se por um lado, esses espaços institucionais e do bairro proporcionam vivências importantes para a ampliação das redes de interdependência das crianças, possibilitando uma mudança que altera suas posições, no sentido cultural e de posicionamentos políticos e sociais. Por outro lado, alguns desses espaços acabam buscando realizar práticas de controle moral e disciplinadoras, que às vezes não possibilitam à criança realizar processos de socialização de maneira livre, juntamente com outros sujeitos e não garante que ela tenha tanta possibilidade de questionar e problematizar os aspectos sociais.



## 6. REFERÊNCIAS

AGÊNCIA CURITIBA. Perfil Econômico da regional Tatuquara, 2017.

AUTHIER, Jean-Yves. La question des “effets de quartier” en France. Variations contextuelles et processus de socialisation. In: AUTHIER, Jean-Yves. BACQUÉ, Marie-Hélène. GUÉRIN-PACE, France. (Orgs). Le quartier : Enjeux scientifiques, actions politiques et pratiques sociales. Paris: La Découverte, 2006. p. 206-216.

AZEREDO, Verônica Gonçalves. Bairro como lugar do vivido. **Geosaberes**, 2016, vol.7, n.13.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares**: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Educ. Soc.**, Out 2007, vol.28, n.100, p.1059-1083. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302007000300020](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000300020)> Acesso em: 05 de jun. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. Confiança e medo na cidade. Rio de Janeiro: **Zahar**, 2009.

BECKER, Howard S. Métodos de pesquisa em ciências sociais. São Paulo, Ucitec, 1999.

BENVENUTTI, Alexandre Fabiano. Plano de “humanização” para Curitiba: propostas e contradições no planejamento da cidade. Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Brasília, DF: Universidade Brasília Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014. Disponível em: <http://www.shcu2014.com.br/content/plano-humanizacao-curitiba-propostas-e-contradicoes-no-planejamento-da-cidade> Acesso dia: 28/09/2017.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2000.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999; \_\_\_\_\_. A galáxia da Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003;

CORSARO, William. O estudo sociológico da infância. In: CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 13-72.

CURITIBA. Portal da Prefeitura de Curitiba: Perfil de Curitiba. 2017. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/perfil-da-cidade-de-curitiba/174> Acesso dia: 28/09/2017.

DEMARTINI, Z. de B. F. Infância, pesquisa e relatos orais. In: FARIA, A. L.G.; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (Org.). Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças. Campinas: Autores Associados, 2002.

DIEESE, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócioeconômicos. In: Observatório do Trabalho de Curitiba: Estudo Temático 2 Perfil Demográfico e Socioeconômico dos Bairros Agregados de Curitiba. Secretaria Municipal do Emprego, 2016.

DIETZSCH, Mary Julia Martins. Leituras da cidade e educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 129, p. 727-759. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n129/a1136129>> Acesso dia: 21/04/15.

DORNELLES, Leni Vieira; FERNANDES, Natalia. **Estudos da criança e pesquisa com crianças**: nuances luso-brasileiras acerca dos desafios éticos e metodológicos. Currículo sem fronteiras, 2015, v.15, n.1, p.65-78.

ELIAS, Norbert. A peregrinação de Watteau à ilha do amor. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 76 p.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.  
ELIAS, N. Mozart. Sociologia de um gênio. Organizado por Michael Schröter. Tradução de Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda, 1995.150 p.

ELIAS, Norbert. Introdução à Sociologia. Lisboa: Edições 70, 1990.

FERNANDES, Sonia Maria. Infância, políticas de educação integral/ integrada e a constituição de territórios educativos: Um estudo no bairro Uberaba em Curitiba. 217p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2016.

FERREIRA, Valéria Milena Rohrich. Tecendo uma cidade modelar: relações entre currículo, educação escolar e projeto da cidade de Curitiba. Educação, Porto Alegre, v.39, n.1, p. 33-45, 2016. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/17066/14573> Acesso dia: 28/09/2017.

FIGLIARESE, Sabrina. **Gênero e cidade**: uma análise de conversas com meninos e meninas de escolas da rede municipal de Curitiba. In: Seminário Nacional “Infâncias e Juventudes na Cidade: um diálogo com a educação. 2017. UFES, Anais.

Foucault, M. Vigiar e punir. Petrópolis, 1987, RJ: Vozes.

GINZBURG, Carlo. “**Sinais**: raízes de um paradigma indiciário” In \_\_\_\_\_. Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GOBBI, Marcia. Desenho infantil e oralidade: instrumentos de pesquisa com crianças pequenas. In: DEMARTINI, Z.; PRADO, P. D.; FARIA, A. L. (Orgs.). Por uma cultura da infância: por uma metodologia de pesquisa com crianças. Campinas: Editora Autores Associados, 2002.

GRECA, Rafael. Lições Curitibanas, Blog spot, 2008. Disponível em: <http://rafaelgreca.blogspot.com.br/2008/12/liees-curitibanas.html> Acesso dia: 28/09/2017.

HALL, Stuart. A **centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, 1997, v. 22, n.2, p. 17-46.

IBGE. Censo Demográfico 2010: Número de habitantes Curitiba PR, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=410690> Acesso dia: 28/09/2017.

IPPUC. Nosso bairro/Tatuquara. Curitiba, 2015.

KRAMER, Sonia. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. Revista Teias, RJ, 2000.

LAHIRE, B. **O homem plural**: as molas da acção. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

LANSKY, Samy. ESPAÇOS URBANOS COM CRIANÇAS. 36ª Reunião Nacional da ANPED – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/trabalhos/165-trabalhos-gt07-educacao-de-criancas-de-0-a-6-anos>

LANSKY, Samy. **Na cidade, com crianças**: uma etno-grafiaespacializada. 2011. 230f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2011.

LE GOFF, Jaques. Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 1988.

LIMA, Mayumi Watanabe Souza. A cidade e a criança. São Paulo: Nobel, 1989.

MARTINEZ BONAFÉ, Jaume. A cidade no currículo e o currículo na cidade. In: SACRISTÁN, José Gimeno (org). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Penso, 2013.

MAYAL, Berry. The sociology of childhood in relation to children's rights. In: **The International Journal of Children's Rights**, 8, 2000, 243–259.

MOLLO-BOUVIER, Suzanne. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. **Educ. Soc.**, Ago 2005, vol.26, no.91, p.391-403. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a05v2691.pdf>> Acesso dia 31/08/2015.

MONTANDON, Cléopâtre. Sociologia da Infância: balanço dos trabalhos em Língua Inglesa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 112, p. 33-60, mar. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n112/16100.pdf>> Acesso em 31/08/2015.

MÜLLER, F. Entrevista com William Corsaro. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 98, p. 271-278, 2007.

MÜLLER, Fernanda. Infância e Cidade: Porto Alegre pelas lentes das crianças. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 295-318, jan./abr. 2012.

MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (Org.). Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

OLIVEIRA, Dennison. Curitiba e o mito da cidade modelo. Curitiba: Ed. UFPR, 2000.

PRADO, Patrícia D. Relações de idade e geração na Educação infantil: ou porque é bem mais melhor a gente ser grande. In: **Pro-posições**, v. 24, n. 1 (70), jan./abr. 2013, p. 139-157.

PROUT, Alan; JAMES, Allison. Introduction e A New Paradigm for the Sociology of Childhood? Provenance, promise and problems. 2ª ed. In: JAMES, Allison; PROUT, Alan. **Constructing and Reconstructing Childhood**. London and New York: Routledge, 2010.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. In: **Educação e Pesquisa**, vol.36, n.2, 2010a, p.631-644.

QVORTRUP, Jens. Infância e política. **Cadernos de pesquisa**, n. 141, set./dez. 2010b, p. 777-792.

ROSEMBERG, Fúlvia. Criança pequena e desigualdade social no Brasil. In: Freitas, Marcos Cezar de. **Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude**. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, M. Por uma Geografia Nova. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: \_\_\_\_\_. **As crianças, contextos e identidades**. Braga, Portugal. Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Ed. Bezerra, 1997.

SARMENTO, Manoel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003. Disponível em:

<<http://proferlaotrabalhosalunos.pbworks.com/f/AS+CULTURAS+DA+INFANCIA+NA+ENCRUZILHADA+DA+SEGUNDA+MODERNIDADE..pdf>> Acesso em 17/08/15.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**. Campinas, São Paulo, v. 26, n. 91, mai./ago. 2005, p. 361-378.

SARMENTO, Manoel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2002. Disponível em: <[http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos\\_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf](http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf)> Acesso em 17/08/15.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes e confluências. *In*: SARMENTO, Manuel; GOLVEA, Maria Cristina Soares de. **Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais**. 2ª edição, São Paulo, 2008, Editora Vozes. 277p.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. *In*: PEREIRA, Luiz (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

SOUZA, Nelson Rosário de. Planejamento urbano de Curitiba: saber técnico, classificação dos cidadãos e partilha da cidade. *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, n. 16, p. 1-18, jun. 2001.

SOUZA, Ozanan A. **Estigma no bairro Tatuquara e a luta pela conquista da cidadania**: Estratégias discursivas e práticas sociais de reversão. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. Os “pequenos”, a escola e o direito à cidade. 26ª reunião ANPEd, 2003. GT 06 Educação Popular.

WEBER, Max. Conceitos e categorias da cidade. *In*: VELHO, Otávio Guilherme. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

## APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIOS ENTREGUES PARA AS FAMÍLIAS PESQUISADAS



Este questionário faz parte de uma pesquisa de mestrado desenvolvida na Linha de Pesquisa de Diversidade, Diferença e Desigualdade Social (PPGE- UFPR) que busca **analisar a relação entre crianças e espaços/instituições do bairro e da cidade.**

**Orientações quanto ao preenchimento:** este questionário deve ser preenchido pela pessoa mais próxima da criança (pai, mãe, tia, avó etc.). Por razões éticas, por favor, **não se identifique**. Responda às questões **marcando um ( X ) e preenchendo as informações pedidas**, tendo como base a criança que estuda no 1º ano na escola.

### DADOS DA CRIANÇA

IDADE DA CRIANÇA	SEXO		COR/ RAÇA*					
	( ) F	( ) M	( ) Branca	( ) Preta	( ) Amarela	( ) Parda	( ) Indígena	( ) Não sabe

\* Nomenclatura utilizada pelo IBGE.

### A ROTINA ESCOLAR DA CRIANÇA

1. A CRIANÇA FAZ ATIVIDADES EXTRAS, **NA PRÓPRIA ESCOLA**, NO PERÍODO CONTRÁRIO AO DA AULA (reforço escolar, guarda mirim, esporte etc.)?

( ) NÃO	( ) SIM	Escreva qual ou quais atividades:
---------	---------	-----------------------------------

2. A CRIANÇA FAZ ATIVIDADES EXTRAS, **EM OUTRA INSTITUIÇÃO**, NO PERÍODO CONTRÁRIO AO DA AULA (cursos, esportes, aulas particulares etc.)? .)?

( ) NÃO	( ) SIM	Escreva qual ou quais atividades:	
Escreva onde ela faz essa atividade (nome da instituição)		Bairro onde fica:	Esta instituição é: ( ) Pública ( ) Privada/ paga ( ) ONG ou igreja

3. A CRIANÇA REALIZA ALGUM TIPO DE **ATENDIMENTO ESPECIALIZADO** (fonoaudiologia, psicologia, psicopedagogia, etc.)?

( ) NÃO	( ) SIM	Escreva qual ou quais especialidades:	
Escreva onde ela faz essa atividade (Nome da instituição)		Bairro onde fica:	Esta instituição é: ( ) Pública ( ) Privada/ paga ( ) ONG ou igreja

4. A CRIANÇA JÁ REALIZOU **PASSEIOS COM A ESCOLA**?

( ) NÃO	( ) SIM	Escreva os locais visitados:
---------	---------	------------------------------

### A CRIANÇA E OS ESPAÇOS DO BAIRRO

5. A CRIANÇA REALIZA OU JÁ REALIZOU ATIVIDADES NOS ESPAÇOS CITADOS ABAIXO? (Marque um ou mais espaços)

( ) NÃO	( ) SIM	PORTAL DO FUTURO	Escreva qual ou quais atividades:
( ) NÃO	( ) SIM	FAS/ CRAS	Escreva qual ou quais atividades:
( ) NÃO	( ) SIM	UNIDADE DE SAÚDE	Escreva qual ou quais atividades:
( ) NÃO	( ) SIM	RUA DA CIDADANIA	Escreva qual ou quais atividades:
( ) NÃO	( ) SIM	COMUNIDADE ESCOLA	Escreva qual ou quais atividades:

6. MARQUE OS ESPAÇOS PÚBLICOS DO BAIRRO QUE A CRIANÇA FREQUENTA:

( ) NÃO	( ) SIM	PRAÇAS E JARDINS	Nome e/ou local:	Escreva qual ou quais atividades:
( ) NÃO	( ) SIM	PARQUINHOS	Nome e/ou local:	Escreva qual ou quais atividades:
( ) NÃO	( ) SIM	ACADEMIA AO AR LIVRE	Nome e/ou local:	Escreva qual ou quais atividades:
( ) NÃO	( ) SIM	FAROL DO SABER OU BIBLIOTECA	Nome e/ou local:	Escreva qual ou quais atividades:

7. A CRIANÇA FREQUENTA ALGUM ESPAÇO RELIGIOSO (no próprio bairro ou fora dele)?

( ) NÃO FREQUENTA		( ) RARAMENTE	( ) FINAIS DE SEMANA		( ) VÁRIAS VEZES NA SEMANA	
Esta instituição é:	( ) Católica	( ) Evangélica	( ) Espírita	( ) Umbanda e Candomblé	( ) Não sabe	( ) Outra (Escreva):
Nome e/ou local:			Escreva qual ou quais atividades a criança realiza neste espaço (Ex: catequese, grupo de estudos, atividades artísticas):			

### A CRIANÇA E OS ESPAÇOS DA CIDADE

8. MARQUE NO QUADRO ABAIXO OS ESPAÇOS QUE A CRIANÇA FREQUENTA

<b>PARQUES DA CIDADE</b>	( ) NÃO FREQUENTA	( ) RARAMENTE	( ) 1 VEZ AO MÊS	( ) FINAIS DE SEMANA	( ) OUTRA:
Escreva os nomes e/ou local(is) do(s) parque(s) frequentado(s):					
<b>SHOPPINGS</b>	( ) NÃO FREQUENTA	( ) RARAMENTE	( ) 1 VEZ AO MÊS	( ) FINAIS DE SEMANA	( ) OUTRA:
Escreva os nomes e/ou local(is) do(s) shoppings(s) frequentado(s):					

<b>CINEMAS</b>	( ) NÃO FREQUENTA	( ) RARAMENTE	( ) 1 VEZ AO MÊS	( ) FINAIS DE SEMANA	( ) OUTRA:
Escreva os nomes e/ou local(is) do(s) cinemas(s) frequentado(s):					
<b>MUSEUS</b>	( ) NÃO FREQUENTA	( ) RARAMENTE	( ) 1 VEZ AO MÊS	( ) FINAIS DE SEMANA	( ) OUTRA:
Escreva os nomes e/ou local(is) do(s) museu(s) frequentado(s):					
<b>TEATROS/CIRCOS</b>	( ) NÃO FREQUENTA	( ) RARAMENTE	( ) 1 VEZ AO MÊS	( ) FINAIS DE SEMANA	( ) OUTRA:
Escreva os nomes e/ou local(is) do(s) teatro(s) frequentado(s):					

9. A CRIANÇA FREQUENTA OUTROS LUGARES QUE NÃO FORAM CITADOS ( Ex: casa de parentes, restaurantes, comércios, feiras, pontos turísticos, clubes, circos)?

<b>Escreva o local</b>	( ) RARAMENTE	( ) 1 VEZ AO MÊS	( ) FINAIS DE SEMANA	( ) OUTRA:
<b>Escreva o local</b>	( ) RARAMENTE	( ) 1 VEZ AO MÊS	( ) FINAIS DE SEMANA	( ) OUTRA:
<b>Escreva o local</b>	( ) RARAMENTE	( ) 1 VEZ AO MÊS	( ) FINAIS DE SEMANA	( ) OUTRA:

#### DADOS DA FAMÍLIA

10. QUAL A PROFISSÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS DA CRIANÇA?

<b>Mãe ou responsável</b>	<b>Pai ou responsável</b>

11. ASSINALE A ESCOLARIDADE DOS FAMILIARES DA CRIANÇA:

<b>Mãe ou responsável</b>	<b>Pai ou responsável</b>
( ) Não Alfabetizada	( ) Não Alfabetizado
( ) Até a 4ª série	( ) Até a 4ª série
( ) 1º grau incompleto / Ensino Fundamental incompleto	( ) 1º grau* incompleto/ Ensino Fundamental incompleto
( ) 1º grau completo / Ensino Fundamental completo	( ) 1º grau completo / Ensino Fundamental completo
( ) 2º grau incompleto / Ensino Médio incompleto	( ) 2º grau incompleto / Ensino Médio incompleto
( ) 2º grau completo / Ensino Médio completo	( ) 2º grau completo / Ensino Médio completo
( ) Técnico (nível médio ou pós-médio)	( ) Técnico (nível médio ou pós-médio)
( ) Superior incompleto	( ) Superior incompleto
( ) Superior completo	( ) Superior completo
( ) Especialização	( ) Especialização
( ) Mestrado	( ) Mestrado
( ) Doutorado	( ) Doutorado

\*Os termos 1º e 2º graus foram substituídos, a partir da Lei 9.394/96, por Ensino Fundamental e Ensino Médio.

<b>14. ESCREVA A CIDADE ONDE A FAMÍLIA MORA ATUALMENTE:</b>	<b>15. ESCREVA O BAIRRO ONDE A FAMÍLIA MORA ATUALMENTE;</b>	<b>16. HÁ QUANTO TEMPO A FAMÍLIA MORA NO BAIRRO?</b>	<b>17. DE ONDE A FAMÍLIA VEIO (BAIRRO, CIDADE, ESTADO ETC.)?</b>



18. A FAMÍLIA RECEBE BOLSA FAMÍLIA?	( ) NÃO	( ) SIM
-------------------------------------	---------	---------

19. QUAL É A RENDA BRUTA TOTAL DAS PESSOAS QUE TRABALHAM NA CASA?	20. A CASA É:	21. QUANTOS MORADORES MORAM NA CASA?
( ) Até 1 salário mínimo	( ) Alugada	( ) 2 pessoas
( ) De 2 a 3 salários mínimos	( ) Cedida/Emprestada	( ) 3 pessoas
( ) De 4 a 5 salários mínimos	( ) Própria	( ) 4 pessoas
( ) De 6 a 7 salários mínimos	( ) Financiada	( ) 5 pessoas
( ) De 8 a 9 salários mínimos		( ) 6 pessoas
( ) Mais de 10 salários mínimos		( ) 7 pessoas ou mais

Se o Senhor ou a Senhora tiver disponibilidade de dar continuidade a esta pesquisa, participando de uma entrevista de, aproximadamente, 40 minutos, em local de sua escolha, deixe seus dados abaixo:

<b>Nome:</b>	<b>Telefone:</b>
<b>E-mail (Caso tenha):</b>	

Agradeço a sua colaboração e reforço que sigo as orientações éticas de pesquisa do Setor de Educação da Universidade. Neste sentido, me coloco à disposição para qualquer esclarecimento que se faça necessário. Sabrina Fiorese: 41 98334528 (WhatsApp) ou por e-mail: Sabrina\_fiorese\_@hotmail.com

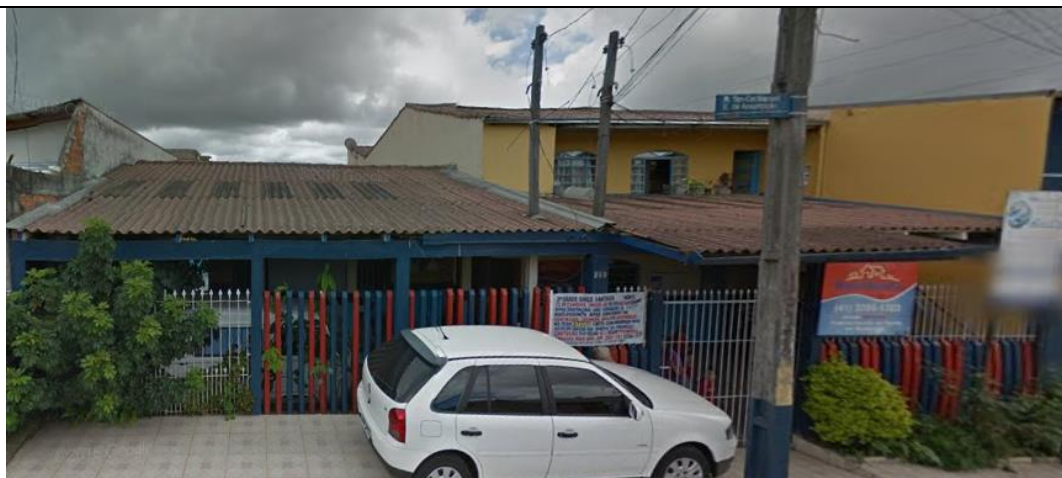
SUGESTÕES/CRÍTICAS:

## **APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA OS AGENTES INSTITUCIONAIS**

Nome da instituição:

1. Conte um pouco da instituição.
2. Quais atividades são ofertadas para as crianças?
3. Vocês tem um compromisso com a aprendizagem das crianças?
4. Qual a faixa etária atendida?
5. Qual a finalidade da instituição? Dessas atividades (projetos, catequese, escolinha bíblica, esportes etc.)?
6. Por que você considera que isso é importante para as crianças ou comunidade? No que você acha que isso vai mudar na vida das crianças?
7. Como as crianças reagem? Elas se interessam? Participam das atividades? Elas questionam e faz com que você mude. Se elas alteram o teu planejamento.
8. O que você acha dessa região aqui do bairro Tatuquara (comunidade famílias características)?
9. Você considera que aqui tem espaços para as crianças?
10. Qual o compromisso social com essas crianças?
11. Você acha que as instituições poderiam estar mais interligadas?
12. Quais os problemas que você percebe que a comunidade tem?
13. Essa instituição tem convenio com que órgão ou empresa? Pública ou privada?

### APÊNDICE 3 – IMPRESSÕES SOBRE A INSTITUIÇÃO: ASSOCIAÇÃO DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA VOVO VITORINO



**TIPO DE INSTITUIÇÃO:** ONG.

**PROPOSTA:** O objetivo inicial deste projeto foi pensar no cuidado das crianças enquanto os pais saíam para trabalhar, buscando dar segurança e alimentação às crianças. Hoje este trabalho busca “atender crianças e adolescentes, bem como seus familiares, nos aspectos biopsicossociais e culturais, prevenindo-os para o futuro com ações sócio educativas, valorizando-os enquanto pessoas e cidadãos”.

**PROJETOS/ATIVIDADES:**

- *Coletivo Coca-Cola:* Tem como objetivo preparar e integrar os jovens para o mercado de trabalho.
- *Reciclar é viver:* Busca orientar a comunidade a reciclar e preservar o meio ambiente.
- *Interação:* Trata de Oficinas de Formação Humana focadas em Planejamento de vida, Marketing pessoal e Relacionamento, Sexualidade e Gravidez na Adolescência, Drogadição e Protagonismo Juvenil, Formação Cultural em dança – HIP HOP – Teatro do Oprimido, Fotografia, Grafite e Música.

**IMPRESSÕES:** Considerei, a partir da conversa com a coordenadora, que o trabalho dessa instituição busca tirar as crianças da rua, desenvolvendo trabalhos de conscientização com relação à natureza, cultura e preparação para o mercado de trabalho. Por um lado essa iniciativa é importante, pois atende crianças vulneráveis e trazem conhecimentos culturais que são importantes para a formação delas enquanto sujeitos. Por outro lado, essa institucionalização da criança impossibilita que a mesma se aproprie do bairro onde vive. Além disso, foi possível notar a partir da fala e de trechos da proposta que a criança é pensada sempre com vista no seu futuro e não no presente.

## APÊNDICE 4 – IMPRESSÕES SOBRE A INSTITUIÇÃO: BRINQUEDOTECA



### TIPO DE INSTITUIÇÃO: ONG

**PROPOSTA:** o objetivo geral é o fortalecimento dos vínculos familiares. Propiciar que as famílias estejam mais próximas e conhecer seus filhos e que seus filhos possam conhecer mais suas famílias.

**ATIVIDADES:** Promoção de atividades lúdicas, culturais, de lazer e oficinas que proporcionam convivência, socialização e fortalecimento dos vínculos familiares.

- roda de conversa;
- atividade de produção sobre o tema discutido;
- brincadeira dirigida;
- brincadeira livre.

**IMPRESSÕES:** É uma atividade mais voltada para a assistência social, promove aprendizado e possibilita que as crianças brinquem com seus pares. Não possibilita que as crianças saiam e explorem o bairro. Elas ficam fechadas em um espaço pequeno e com pouca estrutura. Atende apenas crianças em situação de vulnerabilidade social.

## APÊNDICE 5 – IMPRESSÕES SOBRE A INSTITUIÇÃO: PROJETO ABRINDO CAMINHOS



**TIPO DE INSTITUIÇÃO:** ONG – Igreja Católica

**PROPOSTA:** Promover vínculos, aproximar as crianças das famílias. Espaço de convivência em que as crianças trocam experiências. **Tirar as crianças das ruas e trazê-las para um lugar seguro** onde abrirá um caminho de oportunidades e esperança. Promover a cidadania e o desenvolvimento integral da infância e da juventude em situação de vulnerabilidade ou de risco social.

**ATIVIDADES:** Futebol, música, artesanato, passeios fora da instituição.

**IMPRESSÕES:** O espaço atende apenas crianças em situação de vulnerabilidade social. Desenvolve atividades artísticas e esportivas, além de levar as crianças para espaços fora da instituição. As salas que atendem as crianças lembra uma sala de aula com carteiras enfileiradas. O espaço contém também um laboratório de informática, biblioteca, sala de jogos, uma grande quadra de futsal e um parquinho (usado apenas pelas crianças da educação infantil).

## APÊNDICE 6 – IMPRESSÕES SOBRE A INSTITUIÇÃO: CATEQUESE - IGREJA CATÓLICA



**TIPO DE INSTITUIÇÃO:** Religiosa – Cristã.

**PROPOSTA:** Transmitir os dogmas cristãos, incentivar a participação na igreja, ensinar as orações, ler a bíblia.

**ATIVIDADES:** Orações, leitura bíblica, dinâmicas, conversas.

**IMPRESSÕES:** O espaço tem como principal objetivo transmitir os ideais religiosos presentes na doutrina católica. Incentiva a participação das crianças por meio das atividades realizadas pela catequese ou coroinha. Tenta por meio de atividades diferenciadas transmitir os valores cristãos presentes na bíblia. Há a utilização de um livrinho que busca introduzir esses conhecimentos religiosos. A instituição busca, portanto, introduzir as crianças aos conhecimentos dos ritos religiosos, como a missa e celebrações para “retirar” as crianças dos espaços da rua e chamar mais fiéis para a igreja.

## APÊNDICE 7 – IMPRESSÕES SOBRE A INSTITUIÇÃO: ESCOLA SABATINA - IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA



**TIPO DE INSTITUIÇÃO:** Cristã

**PROPOSTA:** A finalidade maior é conhecer a Deus. Também tirar as crianças da rua. Ensina o amor a Deus e o amor à pátria, o respeito às pessoas, à natureza, aos animais.

**ATIVIDADES:** Escola sabatina, Clube desbravadores e aventureiros, fazem acampamentos, oram, leitura bíblica.

**IMPRESSÕES:** A proposta do trabalho é transmitir os valores cristãos presentes na doutrina adventista, o amor a Deus e os ensinamentos bíblicos. Além da questão religiosa, eles possuem um compromisso social, buscando trabalhar questões de higiene, cuidado com o meio ambiente e cobram das crianças a dedicação na escola. Outro fator citado foi de tirar as crianças da rua para não se envolverem com drogas. A partir da observação realizada, foi possível perceber no clube dos aventureiros e desbravadores que existe uma espécie de enquadramento corporal, onde as crianças demonstram uma postura militar. Apresentam votos que são: desbravadores - Pela graça de Deus, serei puro, bondoso e leal; guardarei a lei do Desbravador, serei servo de Deus e amigo de todos. Aventureiros - Por amor a Jesus, farei sempre o meu melhor.



## APÊNDICE 8 – IMPRESSÕES SOBRE O CONTRATURNO DA ESCOLA



**TIPO DE INSTITUIÇÃO:** Pública educacional

**PROPOSTA:** Potencializar as crianças, desenvolvê-las trabalhando de forma lúdica e diversificada.

**ATIVIDADES:** Acompanhamento pedagógico que se divide em duas oficinas: Português e Matemática. Tem a prática de ciência e tecnologia que trabalha com a oficina de astronomia. Movimento que trabalha com atividades lúdicas. Arte e práticas ambientais, dentro das práticas ambientais a professora realiza um trabalho sobre africanidade.

**IMPRESSÕES:** A escola busca desenvolver um trabalho voltado para os ensinamentos presentes no currículo escolar. Tem todo um trabalho pedagógico que valoriza o conhecimento e a cultura. Eles quase não saem do espaço escolar devido ao medo da violência presente no entorno, o que impossibilita que as crianças possam explorar o bairro. Além disso, a maior parte das atividades são direcionadas, são poucos os momentos que as crianças têm para a socialização e brincadeira com os pares.



## APÊNDICE 9 – IMPRESSÕES SOBRE AS ATIVIDADES DE: TAEKWONDO – ACADEMIA



**TIPO DE INSTITUIÇÃO:** Privada

**PROPOSTA:** Disciplinar, potencializar a concentração, equilíbrio, raciocínio, melhorar a fala, promover alongamento, coordenação motora, defesa pessoal etc.

**ATIVIDADES:** Aquecimento, alongamento, táticas defensivas, luta.

**IMPRESSÕES:** Essa atividade auxilia no desenvolvimento de diversas potencialidades, mas também é uma forma de a criança interiorizar a disciplina e o bom comportamento.

**APÊNDICE 10 – IMPRESSÕES SOBRE A INSTITUIÇÃO: CLUBE DA GENTE**

**TIPO DE INSTITUIÇÃO:** Pública

**PROPOSTA:** Incentivar a comunidade na prática de atividades físicas.

**ATIVIDADES:** Natação, lutas, ballet, cursos diversos.

**IMPRESSÕES:** A proposta visa atender a comunidade, mas, no entanto, não consegue atender toda a demanda da regional.

## **APÊNDICE 11 – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA AS CONVERSAS COM CRIANÇAS**

### Perguntas para as crianças

1. Onde você mora? Nome da rua? Descreva o caminho até a sua casa.
2. O que têm próximo da sua casa? Mercados, aviários, farmácias?
3. Tem algum lugar legal no seu bairro?
4. Onde você costuma brincar no bairro?
5. Que tipo de brincadeiras e brinquedos? Com quem brinca?
6. Vai com a família ou amigos?
7. O que você faz no período contrário da aula?final.
8. Você gosta das atividades que você faz? Onde?
9. O que você aprende lá?
10. Você tem alguma religião? Onde você vai? Onde fica?
11. Você já foi a algum parque da cidade? Onde?
12. Você vai a praças? Onde?
13. Museus? Quais?
14. Mercados? Onde?
15. O que você mais gosta no seu bairro?
16. O que você menos gosta no seu bairro?
17. Você costuma passear sozinha em seu bairro?
18. Vai à casa de amigos, vizinhos ou parentes?
19. O que poderia mudar no bairro?
20. Para que voce acha que serve as atividades que voce faz?

## ANEXO 1- BAIRROS AGREGADOS DE CURITIBA

### Áreas de ponderação, bairros englobados e “bairros agregados” de Curitiba

Áreas de ponderação do IBGE	Bairros englobados pelas áreas de ponderação	Proposta de nomenclatura dos “bairros agregados”.
1	São Lourenço, Abrancho, Taboão	Abrancho expandido
2	Bigorinho, Batel	Batel e Bigorinho
3	Centro	Centro
53	Centro	Centro
4	Santo Inácio, São bráz	São Bráz e Santo Inácio
5	Juveve, Alto da glória, Centro cívico	Centro cívico e Juveve
6	Ahú, Cabral	Cabral
7	Pilarzinho	Pilarzinho
8	Boa vista	Boa vista
9	Merces, Vista alegre, Bom retiro, São Francisco	São Francisco expandido
10	Cachoeira, Bameirinha	Barreirinha e Cachoeira
11	Santa Cândida	Santa Cândida
12	Tingui, Atuba	Atuba e Tingui
13	Bacacheri	Bacacheri
14	Jardim botânico, Cristo rei, Alto da rua XV, Hugo Lange, Jardim social	Alto da XV expandido
15	Bairro alto	Bairro Alto
16	Tarumã, Capão da embuia	Capão da Embuia e Tarumã
17	Santa felicidade, São João, Cascadilha	Santa Felicidade expandido
18	Prado velho, Rebouças, Parolin	Rebouças expandido
19	Quabrotuba, Jardim das américas	Quabrotuba e jardim das américas
20	Cajuru 1	Cajuru
21	Cajuru 2	
22	Cajuru 3	
23	Uberaba	Uberaba
24	Uberaba	
25	Boqueirão, Parte do hauer	Boqueirão e hauer
27	Boqueirão, Parte do hauer	
55	Parte do boqueirão	
26	Quairá, Lindóia, Fanny	Quairá e Fanny
28	Parte do xaxim	Xaxim
33	Parte do xaxim	
29	Parte do Alto boqueirão	Alto boqueirão
54	Parte do Alto boqueirão	
30	Parte do Água verde	Água verde
31	Parte do Água verde	
32	São miguel, Augusta, Ribeira, Orleans, Boilatuvinha, Lamenha pequena	CIC norte
34	Seminário, Campina do siqueira, Mossungué	Campina do siqueira expandido
35	Vila izabel, Santa quitéria	Vila izabel e santa quitéria
36	Portão	Portão
37	Campo comprido	Campo comprido
38	Fazendinha	Fazendinha
39	Novo mundo	Novo Mundo
40	Capão raso	Capão Raso
41	Tatuquara	Tatuquara
42	Umbará, Ganchinho	Ganchinho e Umbará
43	Campo do santana, Caximba	Campo do santana e caximba
44	Sítio cercado	Sítio cercado
45	Sítio cercado	
46	Sítio cercado	
47	Pinheirinho	Pinheirinho
48	Cidade industrial	CIC Sul
49	Cidade industrial	
50	Cidade industrial	
51	Cidade industrial	
52	Cidade industrial	

Fonte: Dieese – Observatório do trabalho de Curitiba.